

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MARYNARA DE SOUZA BELICO

MEMÓRIA, IDENTIDADE E RECONHECIMENTO:
UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE
LIDERANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FÁTIMA, PONTE NOVA/MG

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2018

MARYNARA DE SOUZA BELICO

MEMÓRIA, IDENTIDADE E RECONHECIMENTO:
UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE
LIDERANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FÁTIMA, PONTE NOVA/MG

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Roberto Costa Oliveira

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2018

MARYNARA DE SOUZA BELICO

MEMÓRIA, IDENTIDADE E RECONHECIMENTO:
UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE
LIDERANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FÁTIMA, PONTE NOVA/MG

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovada em _____ de julho de 2018.

Prof. Dr. Fabrício Roberto Costa Oliveira
(Orientador)
(UEMG)

Prof. Dr. Douglas Mansur da Silva
(UFV)

Prof. Dr. Luiz Gustavo Santos Cota
(FADIP)

Dedico este trabalho à minha mãe e aos quilombolas de Fátima, exemplo de luta e resistência.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, meu amigo fiel, presente em todos os momentos. A luz que me ilumina, que guia os meus passos e me encoraja a ser cada dia melhor.

À minha querida mãe, Maria Nazareth, maior incentivadora dos meus sonhos, meu porto seguro, minha preciosidade, fonte de inspiração, enfim, o meu grande amor. Gratidão imensa por tudo!

À minha vovó Luzia (*in memoriam*), exemplo de humildade e sabedoria. Quantas histórias, quantos conselhos...Ah que saudades do seu abraço!!!

Ao meu pai Reinaldo e à minha irmã Maria Inácia, pelo companheirismo e torcida incondicional.

Ao meu namorado Lucas, por todo amor, força, carinho e cumplicidade.

A todos os meus familiares, pelas boas vibrações.

Aos membros do Grupo Afro Ganga Zumba, em especial, Pedro Catarino, Efigênia Catarino, Rosângela Lisboa, José Eustáquio dos Santos, Conceição Hypólito, Mônica Castro, Mariana Silva, Conceição Lisboa e Márcia Castro. Minha eterna gratidão pelo acolhimento, atenção e conversas. Sem a contribuição de vocês, não seria possível a realização deste trabalho.

Aos professores do curso de Ciências Sociais, pela partilha de conhecimentos e experiências.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fabrício Roberto Costa Oliveira, pelo apoio nesta caminhada, pela dedicação e paciência, pelas sugestões e conversas inspiradoras.

Aos amigos de vida partilhada e caminhada acadêmica, Luiza Monteiro, Rosa Maria Marques, Hedwiges Coelho, Layla Soares, Vanessa Batista, Waldeyr de Oliveira, Larissa Silva, Waldenier Silva, Júlio Batista, Júlio César Matias, Tatiele Tensol, Maria Aparecida Miranda, Edson Arruda, Ana Paula Costa, Valter Batalha, Giuseppe Giannini e Danilo Cornélio.

“Ser negro é ter que provar 24 horas que você é bom e que tem capacidade, pois a sociedade te aponta e te exclui a todo momento.”

(Mariana Silva – Membro do Grupo Afro Ganga Zumba).

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre memória, identidade e reconhecimento. O objetivo central é analisar como ocorre o processo de construção identitária de lideranças do bairro Nossa Senhora de Fátima, comunidade remanescente de quilombo, localizada no município de Ponte Nova – Mg. Busca-se compreender como essas lideranças passaram a se reconhecerem enquanto negras e quilombolas. Pretende-se destacar também as práticas culturais e a participação das mulheres na construção da história local. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, referenciada pelo método da história oral. As estratégias para as coletas de dados foram: a observação participante, entrevistas semiestruturadas, pesquisa bibliográfica, documental e registros fotográficos. Conclui-se que a construção do “ser negro e quilombola” se deu a partir de várias marcas como a descendência, as práticas culturais, o sentimento de pertença, a memória coletiva e a entidade da qual fazem parte (Grupo Afro Ganga Zumba).

Palavras-chave: Memória. Identidade. Reconhecimento. Negro. Quilombola.

ABSTRACT

The present work proposes a reflection on memory, identity and recognition. The central objective is to analyze how the process of identity construction of leadership of the Nossa Senhora de Fátima neighborhood, remaining community of quilombo, located in the municipality of Ponte Nova - Mg. It seeks to understand how these leaderships began to recognize themselves as black and quilombolas. It is also intended to highlight cultural practices and the participation of women in the construction of local history. It is a qualitative research, referenced by the method of oral history. The strategies for data collection were: participant observation, semi-structured interviews, bibliographic research, documentary and photographic records. It is concluded that the construction of the "black and quilombola" was based on various brands such as descent, cultural practices, the sense of belonging, collective memory and the entity of which they are part (Grupo Afro Ganga Zumba).

Keywords: Memory. Identity. Recognition. Black. Quilombola.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PESQUISADO	13
1.1 METODOLOGIA	14
1.1.1 <i>Memória e História Oral</i>	14
1.1.2 <i>Os sujeitos da pesquisa</i>	15
1.1.3 <i>Procedimentos</i>	20
1.2 ALGUNS TERMOS E CONCEITOS	20
1.2.1 <i>Memória e Identidade social</i>	20
1.2.2 <i>Quilombo</i>	23
1.2.3 <i>Identidade étnica</i>	28
1.3 “A PRINCESINHA DA ZONA DA MATA”	29
1.4 O BAIRRO DE FÁTIMA	35
1.5 O BAIRRO DE FÁTIMA E SUA IDENTIFICAÇÃO COMO COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO	38
1.5.1 <i>O Grupo Afro Ganga Zumba</i>	38
1.5.2 <i>O autorreconhecimento pela Fundação Cultural Palmares</i>	43
1.5.3 <i>Composição atual do ‘Ganga’</i>	44
CAPÍTULO 2 – SER NEGRO E QUILOMBOLA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DO COTIDIANO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FÁTIMA	47
2.1 IDENTIDADE E DIFERENÇA	48
2.2 CONSTRUINDO A IDENTIDADE NEGRA E QUILOMBOLA	50
2.2.1 <i>As marcas de uma infância e adolescência negra</i>	51
2.2.2 <i>A reconstrução do “ser negro”</i>	54
2.2.3 <i>Ser quilombola</i>	56
2.3 O DESAFIO DE SER NEGRO NO BRASIL	59
2.4 AS PRÁTICAS CULTURAIS RECRIADAS NO COTIDIANO DA COMUNIDADE: REAFIRMANDO A IDENTIDADE E TECENDO DIÁLOGOS	64
2.5 O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL ..	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
APÊNDICE A – ENTREVISTAS REALIZADAS EM MAIO DE 2017	85
APÊNDICE B – ENTREVISTAS REALIZADAS EM SETEMBRO DE 2017	127
ANEXO I – CERTIDÃO DE MUDANÇA DE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOURO	156
ANEXO II – CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO	157

INTRODUÇÃO

[...] “A terra é meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.”
Beatriz Nascimento (1989).¹

O bairro Nossa Senhora de Fátima localiza-se na região periférica do município de Ponte Nova², Zona da Mata de Minas Gerais. Trata-se de uma comunidade remanescente de quilombo³, objeto de investigação do presente trabalho. É importante ressaltar que neste espaço de tramas de vidas, de arranjos, lutas, enfrentamentos e resistências se reúnem novos paradigmas de subjetividades e, conseqüentemente, de identidades. Este estudo aborda temas como memória, identidade e reconhecimento. Definiu-se como sujeitos da pesquisa, moradores da comunidade de Fátima que atuam como lideranças do movimento negro de Ponte Nova.

A nossa principal questão de pesquisa é como essas lideranças articulam sua identidade enquanto negras e quilombolas e em que âmbitos assumem papéis de atores sociais nessa comunidade? Procurando responder às indagações, buscou-se verificar as seguintes hipóteses:

- a) As lideranças tiveram a percepção do pertencimento étnico-racial possibilitada por aspectos diretamente relacionados à ancestralidade, à resistência, à luta e a tomada de consciência⁴; a vivência de situações de discriminação, de racismo, da infância e aos dias atuais. Nesse aspecto, o conceito de diferença ganha relevância no contexto da pesquisa com base em discussões acerca da afirmação identitária enquanto importante elemento de afirmação social e de reconhecimento frente a um histórico processo de invisibilidade.
- b) Observou-se que as lideranças possuem uma expressiva atuação na comunidade a partir do Grupo Afro Ganga Zumba, entidade que desenvolve um trabalho em prol da valorização da cultura afro-brasileira. Já no aspecto político, verificou-se a participação do grupo em eventos institucionais e em espaços de proposição de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial como o FOPPIR⁵.

¹ Textos e narração do filme “Ôrí” (mimeo). In: RATTIS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007, p 59.

² Município brasileiro com uma área territorial de 470, 643 Km². Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, sua população estimada em Julho de 2017 era de 60.361 habitantes.

³ Em 2007, essa comunidade foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares (FCP) como remanescente de quilombo. Tal questão será discutida no capítulo 1 deste trabalho.

⁴ Entendida enquanto processo reflexivo, crítico e político.

⁵ Fórum pela Promoção da Igualdade Racial.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como ocorreu o processo de construção identitária de lideranças da comunidade quilombola de Fátima. Buscou-se compreender como essas lideranças passaram a se reconhecerem enquanto negras e quilombolas, considerando suas experiências individuais e coletivas. Além disso, esta pesquisa teve por objetivos específicos:

I) Reconstruir parte da história do bairro a fim de entender a sua formação e os efeitos oriundos do autorreconhecimento como comunidade remanescente de quilombo;
II) Analisar o entendimento que as lideranças fazem sobre o que é ser negro e quilombola;
III) Identificar dificuldades e tensões enfrentadas por conta de seu pertencimento étnico-racial;
IV) Destacar elementos da comunidade que mantém viva e manifesta a sua memória e ancestralidade;
V) Descrever a participação das mulheres e sua importância na construção da história local.

A comunidade quilombola de Fátima tem um significado especial no sentido de ser o meu primeiro espaço de interação, de contato e de interesse em fazer um estudo sobre memória, identidade e reconhecimento. Tal pesquisa foi motivada pela necessidade de se pensar o legado cultural africano no município de Ponte Nova – MG, tendo em vista a sua importância para a preservação da história local. A proposta de um enfoque mais qualitativo sobre o tema é relevante, pois permite mostrar como os sinais diacríticos carregados de um passado histórico e social da comunidade em questão, podem ser vistos como formas de resistência, que contribuem para a construção da identidade de seus moradores.

O paradigma das relações étnico-raciais constitui um importante elemento para a compreensão dos modos de vida de determinados grupos sociais, especialmente as comunidades quilombolas, sendo significativo o entendimento das formas de construção e reconhecimento de suas identidades individuais e coletivas, considerando os aspectos políticos relevantes nas relações sociais. Cabe enfatizar, que as comunidades quilombolas no Brasil surgiram a partir da ocupação dos povos africanos e seus descendentes que, juntos em um território, se rebelavam contra o sistema escravista da época.

Desse modo, o reconhecimento das especificidades socioculturais e históricas das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil é um fenômeno relativamente recente. Os trabalhos que se dedicam ao estudo dessas comunidades ganharam força, sobretudo na última década do século XX, na esteira do ativismo do movimento negro e das políticas de

ações afirmativas direcionadas aos afrodescendentes. Assim, as discussões envolvendo as comunidades quilombolas tornaram-se o principal objeto de estudo das ciências sociais no final do século XIX e ao longo do século XX.

Vale ressaltar que a noção de identidade está intimamente ligada à ideia de pertença. Essa visão de pertencimento, que caracteriza os laços identitários nas comunidades e entre elas, parte de princípios que ultrapassam a consanguinidade e o parentesco, e relacionam-se a ideias tecidas sobre valores, costumes e lutas comuns. É importante considerar que a rede e os laços que constituem os quilombolas enquanto povo, comunidade, tem na dimensão político-organizativa uma força indispensável, que dinamiza e estimula a luta coletiva das comunidades pela garantia de seus direitos.

Dessa maneira, o reconhecimento dos direitos quilombolas abrange questões importantes que remetem, necessariamente, à identidade e ao território, que são indissociáveis, cuja relação constitui um processo dialético, uma vez que a construção do território produz uma identidade e a identidade produz o território. Logo, o conceito de identidade é também associado às subjetividades dos indivíduos e dos grupos que possuem sentimento de pertencimento com o lugar de vivência. O lugar é sede das identidades onde os indivíduos perpetuam sua história, partilham crenças, tradições, e enquanto grupos, afirmam e reivindicam sua identidade política e cultural. Tais conceitos serão abordados no capítulo 2.

No encaminhamento do trabalho optou-se por fazer uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo que pudesse dar a dimensão de como a questão identitária foi sendo construída na comunidade de Fátima. Do ponto de vista teórico, os principais argumentos de análise foram feitos à luz de produções bibliográficas sobre o referido tema, com a utilização de alguns conceitos, tais como: identidade social, memória, identidade étnica, quilombo, história oral.

A técnica de pesquisa escolhida foi à entrevista semiestruturada. A elaboração de dois roteiros de entrevistas surgiu a partir da ida a campo, no qual verificou-se a necessidade de um maior aprofundamento das questões relacionadas ao pertencimento étnico-racial. Num primeiro momento, realizei o levantamento de dados e informações do contexto local. Em seguida, houve um primeiro contato com as lideranças negras, cujos encontros aconteciam na sede do Grupo Afro Ganga Zumba. Tal contato também foi uma extensão desses encontros de acolhimento e receptividade à pesquisa. Outro método empregado para a coleta de dados foi a observação participante. Esse método permitiu observar visões de mundo que circundam o

cotidiano dos entrevistados. Como suporte metodológico utilizou-se gravador de áudio/câmera de celular, além das anotações em diário de campo.

A estrutura da monografia e a disposição das reflexões levantadas pela pesquisa se encontram ordenadas em dois capítulos.

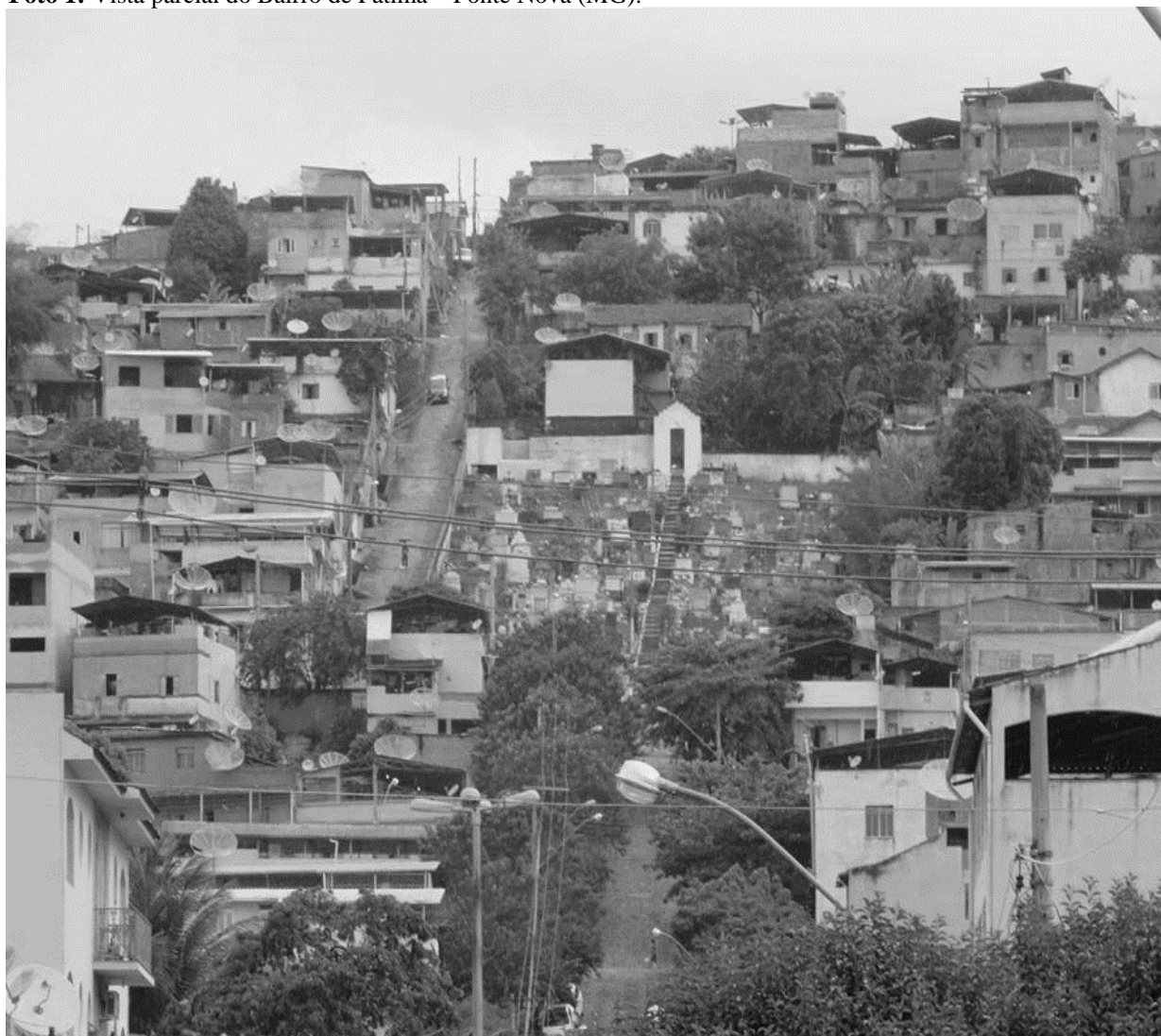
No **Capítulo 1** destaco a escolha pelo método da história oral na sua modalidade trajetórias de vida, no qual apresento os sujeitos da pesquisa e os caminhos percorridos na vivência do trabalho de campo. Faço uma abordagem do conceito de memória e identidade social sobre o olhar de Michael Pollak (1989, 1992). Para a análise do conceito de quilombo e identidade étnica utilizo, sobretudo, os estudos de Alfredo Wagner Berno de Almeida (2002), José Maurício Paiva Andion Arruti (2006, 2008), Ilka Boaventura Leite (2000) e Fredrik Barth (1998). Em seguida, apresento um breve histórico da cidade de Ponte Nova e do bairro Nossa Senhora de Fátima. Também relato a origem do Grupo Afro Ganga Zumba, as suas conquistas e o engajamento na luta pelo reconhecimento do bairro como comunidade remanescente de quilombo. Por fim, resalto os efeitos oriundos da certificação pela Fundação Cultural Palmares e a composição atual da entidade.

No **Capítulo 2** faço uma análise da identidade a partir da dinâmica da identidade e da diferença, tendo como base as contribuições de Tomaz Tadeu da Silva (2014). Dessa maneira, a concepção da diferença ganha relevância no contexto da pesquisa a partir do debate acerca da afirmação identitária, principalmente no âmbito do jogo político, ao qual o reconhecimento é um aspecto imprescindível. Já os estudos de Nilma Lino Gomes (2002, 2005), Frantz Fanon (2008), Kabengele Munanga (2009), Neusa Santos Souza (1983), Calheiros & Stadtler (2010), Manuel Castells (1999), Stuart Hall (2006), serviram de base para as discussões acerca do processo de construção das identidades negra e quilombola na comunidade de Fátima. Ainda neste capítulo, faço uma reflexão sobre o desafio de ser negro no Brasil hoje. Posteriormente, apresento as práticas culturais que são recriadas no cotidiano da comunidade e o protagonismo das mulheres na construção da história local.

As **Considerações Finais** são abertas e com propósito de promover reflexão sobre quais lições toma-se da experiência do trabalho empreendido.

CAPÍTULO 1 – CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PESQUISADO

Foto 1: Vista parcial do Bairro de Fátima – Ponte Nova (MG).



Fonte: Foto de Zaidan Brumano. Disponível em: <
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=591484391044218&set=a.113140095545319.1073741827.100005479874164&type=3&theater>> Acesso em: 09 de nov. de 2017.

Este capítulo está dividido em 5 partes. A parte 1 apresenta a metodologia. A parte 2 alguns termos e conceitos (memória e identidade social, quilombo e identidade étnica). Em seguida, a parte 3 retrata a história de Ponte Nova. A parte 4 a origem do bairro Nossa Senhora de Fátima. Por fim, a parte 5, exhibe o processo de autorreconhecimento como comunidade remanescente de quilombo.

1.1 METODOLOGIA

1.1.1 Memória e História Oral

“Entendo por história oral a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências.” (THOMPSON, 2002, p. 09).

A história oral foi utilizada nessa pesquisa como uma metodologia que possibilitou construir as fontes, estabelecendo uma ponte entre a realidade e a teoria. A partir das contribuições da historiadora Marieta de Moraes Ferreira (1996), busquei traçar neste subtópico, um breve debate sobre a história oral com o objetivo de compreender as suas especificidades.

Segundo Ferreira (1996), o campo da história oral tem se debruçado sobre dois caminhos principais. O primeiro utiliza-se da metodologia e das fontes orais com o intuito de complementar a documentação escrita, tanto no estudo das elites, quanto para a recuperação do percurso de grupos marginalizados. Nesse último caso, além dos objetivos acadêmicos, a história oral é capaz de cumprir um papel social crucial na autoafirmação desses sujeitos e na construção da identidade e transformação social. Essa linha de discussão, seja no estudo das elites ou dos excluídos, preocupa-se com a produção de instrumentos de controle das entrevistas, como roteiros bem elaborados, a fim de buscar ao máximo a veracidade e a legitimidade do discurso das fontes. Destacam-se nessa perspectiva a maioria das pesquisas norte-americanas.

Um segundo caminho de estudos dentro da história oral é o que traz o debate das representações e das relações entre a memória e a história. Para essa vertente a veracidade dos depoimentos não é o principal, visto que as distorções e aquilo do que não se lembra ou se lembra são tão importantes quanto aquilo que é recordado. Desse modo, procura-se compreender mais profundamente os usos que se faz do passado, articulados pelo presente, do que apresentar argumentos de prova ou contraprova de outros documentos.

Mesmo com a crescente utilização dessa metodologia, as críticas ainda perduram e vão desde o questionamento da subjetividade das fontes e de sua permeabilidade ideológica (seja na história oral das elites, seja na dos grupos dominados), até o debate sobre a terminologia “história oral” em detrimento de “fontes orais”. Esse último termo apresenta uma aceitação maior, já que a “história oral” poderia significar a construção de um campo científico como disciplina e não de uma metodologia para construir as fontes.

No Brasil, a história oral ganhou maior destaque nos anos 1990, embora sua introdução no país date de 1970. Há uma predominância da produção universitária e de pesquisadores do campo da história nas pesquisas de história oral, voltadas sobretudo para temas como os movimentos intelectuais, burocratas, militares e instituições.⁶ Percebe-se que há ainda um campo muito vasto para pesquisas que se utilizam da história oral e um terreno fértil e crescente no Brasil. Cabe enfatizar que a história oral permite contribuir para a visibilizar a trajetória e memória de uma população ainda extremamente marginalizada, e que não vê na história oficial seu discurso representado.

Nesta pesquisa, a história oral é compreendida como uma metodologia que produz fontes com especificidades, que levam em consideração o seu processo de produção, sistematização e interpretação. O olhar para essas fontes expressa possibilidades de se interpretar uma realidade complexa situada historicamente.

1.1.2 Os sujeitos da pesquisa

Faço aqui uma breve descrição do perfil dos entrevistados. Em seguida, no último subtópico desta seção, serão relatados os procedimentos metodológicos que serviram de base para que os objetivos do trabalho fossem atingidos.

ROSÂNGELA LISBOA

Rosângela nasceu em Ponte Nova (MG), no dia 2 de novembro de 1960. Tem 57 anos e Ensino Fundamental incompleto. Já foi doméstica e atualmente é artesã.

⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). Usos & abusos da história oral. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

Foto 2: Rosângela e seu sorriso largo.



Fonte: Foto de Rosângela Lisboa.

JOSÉ EUSTÁQUIO DOS SANTOS – “TAQUINHO”

“Taquinho” nasceu em Ponte Nova (MG), no dia 4 de abril de 1957. Tem 61 anos e concluiu o Ensino Médio. É casado com Rosângela e atua como educador. Afirma que desde pequeno tinha o gosto pela música, sendo que aos 11 anos de idade já fazia parte da Corporação Musical União 7 de Setembro. Começou a sua vida musical com o maestro “França”, “[...] pai de todos os maestros aqui de Ponte Nova, na época.” Posteriormente, iniciou os estudos pelo Senai, formando-se em Mecânica Industrial. Trabalhou muitos anos nesta área, mas atualmente vive de música. “ Sou músico, trabalho em escola, no CRAS⁷. Trabalhei no PET⁸ – Música de Piedade, no PET de Oratórios”.

Foto 3: Companheiro de vida de Rosângela.



Fonte: Foto cedida pelo Grupo Afro Ganga Zumba.

⁷ Centro de Referência de Assistência Social.

⁸ Programa de Educação Tutorial.

CONCEIÇÃO APARECIDA HYPÓLITO

Conceição nasceu em Ponte Nova (MG), no dia 20 de junho de 1958. Tem 60 anos e é formada em Pedagogia. Também tem o Curso de especialização UNIAFRO: Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola (UFOP). Atua como professora de Educação Infantil. Afirma que através dessa pós, ano passado conseguiu desenvolver um trabalho sobre a cultura afro com a turma de 4 anos. “Foi um trabalho muito bom, muito rico e muito válido! Muito bom mesmo...”.

Foto 4: Conceição – “Somos negros, somos gente!”



Fonte: Foto cedida pelo Grupo Afro Ganga Zumba.

EFIGÊNIA DE CASTRO DA GAMA CATARINO

Efigênia é prima de Rosângela pelo lado materno. Nasceu em Ponte Nova (MG), no dia 17 de abril de 1950. Tem 68 anos e concluiu o Ensino Médio. Já atuou como auxiliar de escola, costureira e atualmente é aposentada. Gosta muito de fazer trabalhos sociais e não sabe viver sem. Começou a trabalhar no Ganga Zumba através das adolescentes, e como “tia” acompanhava-as no lugar que se apresentavam. Também realizou trabalho voluntário dando aulas de corte e costura para jovens e idosos. Atualmente é a presidente do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial e do ‘Ganga’, no qual exerce múltiplas funções: “A minha função aqui na casa, eu falo que não sei o que sou. Na casa eu sou cozinheira, percussionista, cantora, tudo isso eu faço na casa (risos). E hoje eu sou presidente na casa né. Tudo isso eu faço. Cada coisa eu faço um pouquinho.”

Foto 5: “Tia Efigênia” e sua luta diária em prol do povo negro.



Fonte: Foto cedida pelo Grupo Afro Ganga Zumba.

PEDRO ANTÔNIO DA GAMA CATARINO

Pedrinho nasceu em Ponte Nova (MG), no dia 8 de março de 1948. Tem 70 anos e é formado em Letras e Direito. Foi o primeiro negro a se candidatar a prefeito neste município. Atualmente é aposentado. Casado com “Tia Efigênia”, o qual teve dois filhos: Cássia e Cassiano.

Foto 6: Pedrinho.



Fonte: Foto cedida pelo Grupo Afro Ganga Zumba.

MÔNICA MESSIAS DE CASTRO

Mônica é sobrinha de “Tia Efigênia” pelo lado paterno. Nasceu em Ponte Nova (MG), no dia 16 de dezembro de 1972. Tem 45 anos e é formada em Letras pela FAVAP – Faculdade de

Ciências Humanas do Vale do Piranga. Também fez o Curso de especialização UNIAFRO: Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola (UFOP).

Foto 7: Mônica e a exuberância da mulher negra.



Fonte: Foto cedida pelo Grupo Afro Ganga Zumba.

MÁRCIA MESSIAS DE CASTRO

Márcia nasceu em Ponte Nova (MG), no dia 25 de junho de 1971. Irmã de Mônica tem 47 anos. Em 2007 através do processo seletivo do CRAS de Ponte Nova, inicia sua carreira como monitora de dança. Nesse período, trabalhou em Ponte Nova, Jequeri, Oratórios, Urucânia, Santo Antônio do Grama. Revela orgulho da profissão, sendo o sustento de sua família há dez anos.

Foto 8: Márcia – Mulher empoderada.



Fonte: Foto cedida pelo Grupo Afro Ganga Zumba.

1.1.3 Procedimentos

Definido o tema e o objeto a ser pesquisado, iniciei uma primeira inserção a campo. Para isso, elaborei algumas perguntas que serviram de apoio na conversa com os entrevistados, e ao mesmo tempo motivaram a falar sobre suas memórias e vivências das relações étnico-raciais em diferentes contextos. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada com sete pessoas, faixa etária entre 45 a 70 anos de idade. A escolha dos entrevistados deve-se ao papel exercido na vida sociocultural e política da comunidade de Fátima, pois, trata-se de lideranças do Movimento Negro de Ponte Nova.

As observações se deram a partir da entrada na comunidade, desde maio de 2017 e foram até novembro do mesmo ano, não de forma contínua, já que num segundo momento realizei um estudo bibliográfico sobre o tema. Dessa maneira, elaborei um segundo roteiro de entrevista e passei a observar o que de fato interessava à pesquisa, porém algumas observações casuais foram muito valiosas e dignas de registro no diário de campo. Todas as entrevistas foram gravadas por meio de um aparelho de celular e transcritas sem retirar as marcas da oralidade, a fim de respeitar o modo de expressar dos colaboradores deste trabalho. Quanto a organização dos arquivos em áudio, foram separados em pastas no notebook, catalogado conforme a natureza dos conteúdos.

Os registros fotográficos foram frequentes durante a pesquisa, no sentido de captar cenas cotidianas como: eventos, missa, paisagens e locais, por exemplo. Cabe enfatizar, que os entrevistados também permitiram a utilização de seu acervo fotográfico.

1.2 ALGUNS TERMOS E CONCEITOS

1.2.1 Memória e Identidade social

“Ser negro não é uma questão de pigmentação – ser negro é um reflexo de uma atitude mental.” (Steve Biko).

Neste subtópico, buscarei relacionar os conceitos de memória à discussão sobre identidade, a partir das contribuições de Michael Pollak.

A comunidade de Fátima, terra de atores sociais que narram suas histórias, através de sua memória familiar, de sua religiosidade, do seu cotidiano e do modo de ser, marca um território com particularidades que se revelam na sua identidade cultural. Em seu ensaio

Memória, esquecimento, silêncio (1989)⁹, Michael Pollak defende que a memória não é só um elemento de coesão social, mas de coerção. Nessa perspectiva, interessa muito mais os aspectos constitutivos da memória, as pessoas envolvidas, suas disputas e rupturas, em vez da continuidade e estabilidade.¹⁰ Ainda segundo o autor:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989, p.05).

As memórias subterrâneas¹¹, mantidas durante muito tempo no silêncio, somente vêm à tona quando surge uma brecha nas relações sociais, principalmente as políticas, e por serem assim, é possível atribuir-lhe um caráter de resistência. A fim de propiciar uma ruptura entre as forças hegemônicas e de se fazerem visíveis no contexto social, os grupos subalternos trazem novas perspectivas para os discursos vigentes. Dessa forma, as memórias de lideranças negras da comunidade investigada são um meio de resistência identitária e de ressignificação cultural e histórica.

Na visão de Pollak (1989), entre as principais funções da memória, pode-se destacar a manutenção da coesão social de um grupo e a defesa das fronteiras do que há em comum no coletivo. Nesse sentido, considera mais adequado o termo “memória enquadrada” ao invés de memória coletiva, já que pressupõe a existência de um trabalho de enquadramento, que não é absolutamente arbitrário. O autor afirma que toda memória oficial deve passar credibilidade para ser aceita e por isso necessita de justificativa, coerência, sistematização e registro.

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta sempre do material fornecido pela história. Com o objetivo de manter e ao mesmo tempo modificar as fronteiras sociais, esse trabalho reinterpreta o passado a partir das problemáticas do presente (e do futuro). E, além disso, apresenta alguns limites:

Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz

⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos. Vol. 2, nº 3, 1989, p.03. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 08 de nov. de 2017.

¹⁰ Idem, p. 04.

¹¹ Memórias “proibidas” e “clandestinas”, marcadas pelo silêncio ou relegadas ao esquecimento por estratégias de resistência pessoais ou políticas. “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional.” (POLLAK, 1989, p.4).

aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais. (POLLAK, 1989, p.12).

As oposições que podem aparecer nos discursos e memórias individuais, em relação ao enquadramento, revelam a reconstrução dos sujeitos diante da sua história, do seu local social e da memória coletiva, mas também podem gerar tensões que provocam o silêncio. Nesse sentido, as memórias subterrâneas que se chocam com a memória enquadrada exibem situações de grande trauma ou vergonha, que por muitas vezes são silenciadas e rondam espaços de sociabilidades que possibilitam sua existência e continuidade, o seu não-esquecimento.

É importante salientar que, em muitos casos, o silêncio é necessário para a sobrevivência de grupos marginalizados. Dessa maneira, suas memórias não são conservadas e propagadas pelos meios oficiais de expressão, mas ainda assim, sobrevivem como forma de resistência política e cultural, de contestação da ordem vigente.

Em outro ensaio intitulado *Memória e identidade social*¹², Pollak (1992) aponta uma “estreita relação entre a memória e o sentimento de identidade”, particularmente interessante para essa pesquisa que utiliza como fontes, entrevistas baseadas em histórias de vida de quilombolas da comunidade de Fátima, como já exposto, e tem por objetivo compreender as formas de construção dessa memória coletiva e seu papel na constituição da identidade social do grupo.

A partir dessa perspectiva, o autor aborda a ligação entre a memória herdada e o sentimento de identidade, o qual é constituído por três elementos: 1º) as fronteiras físicas (isto é, fronteiras de pertencimento ao grupo que, no caso do negro, se dava, inicialmente, nas senzalas, espaços coletivos de trocas, segurança e, posteriormente, nos abrigos quilombolas, onde buscavam vivenciar seus costumes com maior liberdade e rememorar seu passado, possibilitando, assim, gerar o sentimento de pertença do ser a uma coletividade); 2º) a continuidade temporal (física, moral e psicológica); 3º) o sentimento de coerência (os elementos simbólicos que formam um indivíduo ou grupo – como religião, família, política – são efetivamente unificados). Por sua vez, a ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade pode acarretar fenômenos patológicos (no plano individual) ou a desagregação (na esfera coletiva).

¹² POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> . Acesso em: 09 de nov. de 2017.

Portanto, pode-se dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.¹³ (POLLAK, 1992). Na visão do autor, o sentimento de identidade é essa imagem produzida e apresentada aos outros e a si próprio para acreditar na sua própria representação, mas também para ser compreendido da maneira como se quer ser compreendido pelos outros. O outro é um dado indispensável, pois é quem vai aceitar, admitir e acreditar, verificando se há legitimidade ou não à imagem representada. Se a identidade necessita de uma negociação com os outros, conclui-se que a memória e a identidade são igualmente construídas, não sendo intrínsecas a uma pessoa ou grupo, sendo, pelo contrário, elementos disputados em conflitos sociais e políticos entre os diversos grupos.

Não sendo tomadas como essências, a memória e a identidade são definidas como construções sociais – a memória é dinâmica, pois, envolve um processo contínuo de reconstrução do passado realizado a partir dos interesses e preocupações dos grupos e indivíduos no presente. Nesse sentido, a memória caracteriza-se como circunstancial e mutável, já que se encontra num constante processo de reinterpretação e mudança.

1.2.2 *Quilombo*

“Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial.”
(Abdias do Nascimento, 1980).

A proposta aqui é discutir as ressignificações pelas quais o termo quilombo passou, iniciando-se com uma abordagem histórica até as perspectivas contemporâneas do termo.

No Brasil, a formação de quilombos se deu ainda no período colonial e imperial. Surgiram como uma maneira de resistir ao trabalho escravo imposto pela Coroa Portuguesa aos africanos. Inicialmente, os quilombos foram criminalizados e caracterizados como territórios de habitação de negros fugidos. Um dos quilombos mais conhecidos da história do país foi o de Palmares, no estado de Alagoas. Considerado o maior e mais bem estruturado, esse quilombo chegou a abrigar 50 mil pessoas durante as últimas décadas do século XVII. Sendo assim:

As comunidades quilombolas representaram, durante o regime colonial e imperial, uma forte estratégia de resistência negra e um elemento de desestabilização da lógica escravista, uma vez que se constituíam como ruptura social, ideológica e

¹³ [Grifos de Michael Pollak]. Idem, p. 204.

econômica com o modelo vigente. Os quilombolas, ao tomarem posse de um pedaço de terra, onde morando e trabalhando criavam o quilombo, estavam revogando, por meio da luta, e na prática, a legislação imposta pela classe dominante que os excluía da condição de possuidores da terra, fosse a que título fosse. (CONAQ¹⁴, 2010, p.271).

Almeida (2002) em sua obra *Os Quilombos e as Novas Etnias*¹⁵, analisa as formas de conceituação de “quilombo” e seus processos de constituição no Brasil. Segundo o autor, o primeiro conceito de quilombo aparece no período colonial, quando, na resposta a uma consulta do Rei de Portugal, o Conselho Ultramarino de 1740 define “quilombo” como: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele.” Esse conceito, vem acompanhado de elementos decisivos na significação e na repressão dos quilombos daquela época, elementos estes que sofrerão variações ao longo do tempo nas posteriores significações. Presentes na definição do Conselho Ultramarino podem ser mencionados:

[...] o primeiro é a **fuga**, isto é, a situação de quilombo sempre estaria vinculada a escravos fugidos. O segundo é que quilombo sempre comportaria uma **quantidade mínima de “fugidos”**, a qual tem que ser exatamente definida [...] Em 1740, o limite fixado correspondia a “que passem de cinco”. O terceiro consiste numa **localização sempre marcada pelo isolamento geográfico**, em lugares de difícil acesso e mais perto de um mundo natural e selvagem do que da chamada “civilização”. O quarto elemento refere-se ao chamado “**rancho**”, ou seja, se há moradia habitual, consolidada ou não, enfatizando as benfeitorias porventura existentes. E o quinto seria essa premissa: “**nem se achem pilões nele**”. Que significa “pilão” nesse contexto? O pilão, enquanto instrumento que transforma o arroz colhido em alimento, representa o símbolo do autoconsumo e da capacidade de reprodução. [...] Dessa forma, esses cinco elementos funcionariam como definitivos e como definidores de quilombo. (ALMEIDA, 2002, p.48).

O autor defende a adoção da observação etnográfica, método através do qual seria possível desconstruir esse conceito “frigorificado”¹⁶ de quilombo. Para tanto, lança diversas críticas, confirmando que, mesmo antes de se estudar as comunidades quilombolas como entidades étnicas sujeitas a proteção do Estado, essa definição clássica já não se sustentava. Então, cabe trabalhar com o conceito de quilombo considerando o que ele é no presente (realidade atual). O importante não é discutir o que foi, mas o que é e como essa autonomia foi se constituindo historicamente. Nesse caso, deve-se descartar a categoria histórica acrítica e a definição de 1740:

¹⁴ Em maio de 1996, no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia, após a reunião de avaliação do I Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas, funda-se a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), uma organização de âmbito nacional que representa grande parte dos quilombolas do Brasil. (Fonte: <http://conaq.org.br/>).

¹⁵ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Os Quilombos e as Novas Etnias*. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 43-82.

¹⁶ Que se refere ao passado.

É necessário que nos libertemos da definição arqueológica, da definição histórica *stricto sensu* e das outras definições que estão frigidificadas e funcionam como uma camisa de força, ou seja, da definição jurídica dos períodos colonial e imperial e até daquela que a legislação republicana não produziu, por achar que tinha encerrado o problema com a abolição da escravatura, e que ficou no desvão das entrelinhas dos textos jurídicos. A relativização dessa força do inconsciente coletivo nos conduz ao repertório de práticas e às autodefinições dos agentes sociais que viveram e construíram essas situações hoje designadas como quilombo. (ALMEIDA, 2002, p. 63).

Para se compreender as comunidades quilombolas na contemporaneidade é preciso romper com ideias retrógradas e ultrapassadas, ainda impregnadas de preconceitos e se abrir para novas concepções sobre essas comunidades, já que não representam mais um espaço de fuga, e sim de luta e resistência, assumindo assim um caráter político.

Para José Maurício Arruti (2008, pp. 315-316)¹⁷ quilombo é um “objeto em disputa, em processo, aberto”, pois “entre a enorme variedade de formações sociais coletivas contemporâneas, que derivaram direta ou indiretamente das contradições internas ou mesmo da dissolução da ordem escravista “a definição do termo “quilombo” sofreu uma construção conceitual, ou seja, há um “significado contemporâneo de Quilombo”. Nesse sentido, é impossível definir os quilombos contemporâneos remetendo-os apenas aos resquícios do passado, ao isolamento, aos movimentos de rebeldia, ou somente pela quantidade de sujeitos e pela apropriação individual da terra:

O que está em disputa, [...] não é a existência destas formações sociais, nem mesmo das suas justas demandas, mas a maior ou menor largueza pela qual o conceito as abarcará, ou excluirá completamente. Está em jogo o quanto de realidade social o conceito será capaz de fazer reconhecer. Qual parcela da realidade ganhará, por meio deste reconhecimento, uma nova realidade, jurídica, política, administrativa e mesmo social. Enfim, qual o modelo normativo que derivará do reconhecimento desta grande variedade de situações empíricas ou que será imposto a elas. (ARRUTI, 2008, p.2).

É importante ressaltar, que algumas disputas fizeram parte do caminho que levou a identificação do bairro de Fátima enquanto uma comunidade remanescente de quilombo. A princípio, o termo “quilombola” estava associado a ideia de desconhecimento. Assim, grande parte dos moradores tinham uma visão do bairro como um local marginalizado. Desse modo, com a fundação do Grupo Afro Ganga Zumba, o bairro ganhou visibilidade e um contorno na mobilização em torno da luta pelo reconhecimento, conforme será abordado mais adiante.

¹⁷ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: PINHO, O., SANSONE, L. (Org.). Raça: perspectivas Antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008, pp. 315-350.

De acordo com Ilka Boaventura Leite (2000, p.333)¹⁸, “falar dos quilombos e dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção”. Tais autores chamam a atenção para a complexidade que envolve a problemática quilombola dos dias atuais. Dessa forma, é importante compreender o quilombo contemporâneo a partir das várias dimensões em que este conceito se desdobrou ao longo dos anos, sobretudo, quando as novas demandas foram colocadas na agenda pública pelas comunidades quilombolas.

Arruti (2008) apresenta três planos de ressemantizações do termo:

- | |
|---|
| <p>1º) A partir da resistência cultural;
2º) Está vinculado a resistência política;
3º) Considerado ícone da resistência negra.</p> |
|---|

No primeiro plano, a ressemantização que o termo quilombo passou se refere ao aspecto cultural. Dessa forma, o quilombo foi definido a partir da resistência cultural, “tendo como aspecto principal a persistência ou formação de uma cultura negra no Brasil”. Trata-se de uma construção do que havia sido perdido, quando os africanos foram despojados da sua pátria e escravizados em uma cultura alheia a que até então tinham conhecimento.

Já o segundo plano da ressemantização do termo está associado à resistência política “servindo de modelo para se pensar a relação (potencial) entre classes populares e ordem dominante”. Nesse aspecto, o quilombo tem como referência o Estado e as classes dominantes a fim de se pensar a partir dele “formas potencialmente revolucionárias de resistência popular.” (ARRUTI, 2008, pp.5-6). Segundo o autor, nesse plano estão os estudiosos marxistas da época, que narravam em seus escritos rebeliões escravas como episódios da luta de classes no Brasil.

Finalmente, nos anos 1970, eclode o terceiro plano de ressemantização do termo: O quilombo como ícone da resistência negra. O movimento negro é o grande representante da problemática quilombola a partir da junção da perspectiva cultural/racial à perspectiva política. O autor afirma que há o nascimento de uma nova interpretação sobre a questão quilombola, um novo significado que começa a se consolidar.

¹⁸ LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354.

No ano de 1994 vários pesquisadores da Associação Brasileira de Antropologia – ABA - se reuniram no Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais com o intuito de conceituar o termo “remanescente de quilombo”. A partir daí surgiria então, um conceito antropológico de quilombo. Os diversos debates sobre a problemática mostraram a necessidade de elaborar um documento que buscasse desfazer os equívocos ligados suposta condição remanescente, visto que o termo não se referia basicamente a “resíduos arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica”. O documento propunha “desfazer a ideia de isolamento e de população homogênea ou como decorrente de processos insurrecionais”, assim:

O documento posicionava-se criticamente em relação a uma visão estática do quilombo, evidenciando seu aspecto contemporâneo, organizacional, relacional e dinâmico, bem como a variabilidade das experiências capazes de serem amplamente abarcadas pela ressemantização do quilombo na atualidade. Ou seja, mais do que uma realidade inequívoca, o quilombo deveria ser pensado como um conceito que abarca uma experiência historicamente situada na formação social brasileira. (LEITE, 2000, pp.341-342).

Portanto, a reformulação conceitual de quilombo realizada pela ABA ampliou significativamente “a visão do fenômeno referido e conferiu-lhe uma maior pertinência em relação aos pleitos já formulados” apesar dos muitos desafios a serem enfrentados, pois:

o próprio termo “comunidade remanescente de quilombo” apresenta em si um conjunto de questões de ordem conceitual ainda por serem melhor discutidas e detalhadas, para que possa ser um instrumento de mediação às ações interpostas no judiciário. Um refinamento conceitual depende do conhecimento mais detalhado das várias situações existentes, e da colaboração de diferentes áreas científicas (LEITE, 2000, p.351).

De acordo com o art. 2º, do Decreto 4887/2003 os “remanescentes de quilombos” foram então definidos pela ABA enquanto “grupos étnicos-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

Mais adiante Arruti (2006, p.82) reforça que ao serem identificados como “remanescentes”, as comunidades, passam a ser reconhecidas como símbolo de uma identidade, de uma cultura e, sobretudo, de um modelo de luta e militância negra [...].

1.2.3 Identidade étnica

Identidade

*“Preciso ser outro
Para ser eu mesmo
Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta
Sou o pólen sem inseto
Sou areia sustentando
O sexo das árvores
Existo onde me desconheço
Aguardando pelo meu passado
Ansiando a esperança do futuro
No mundo que combato
Morro
No mundo porque luto
Nasço.”*

(Mia Couto, 2009).



Foto 9: 129ª Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Airões, Paula Cândido – MG. (Fonte: Fotografia cedida pela Rosângela Lisboa e o Grupo Afro Ganga Zumba).

Neste item apresentarei algumas considerações sobre identidade étnica, com base nas reflexões teóricas de Fredrik Barth.

Em seus estudos, Fredrik Barth (1998) afirma que a identidade étnica é usada como meio de determinar os limites do grupo e de reforçar sua solidariedade. Nessa perspectiva, a continuidade dos grupos étnicos não é explicada considerando-se a manutenção de sua cultura tradicional, mas sim a manutenção dos limites do grupo, do processo de dicotomização entre integrantes e não integrantes (nós/eles). Um grupo étnico surge quando produz categorias para se identificar e identificar outros, estabelecendo portanto, as fronteiras étnicas do nós e do eles. Os traços culturais que demarcam os limites do grupo estão sujeitos à mudanças. Desse modo, a cultura pode ser instrumento de transformações, sem que isso provoque o esvaziamento da solidariedade étnica¹⁹.

O autor também destaca a importância dos indivíduos estarem conscientes de sua identidade étnica, já que cada indivíduo num determinado contexto histórico e geográfico, colabora para a etnicidade de seu grupo, atuando como ator da trama cultural. Desse modo, a etnicidade compreende uma entidade relacional e que está sempre em construção, de maneira contrastiva, já que não é construída no isolamento, mas no âmbito das relações e conflitos intergrupais. Em suma, “para que um grupo ou uma sociedade configure um determinado

¹⁹ Essa concepção aproxima-se do argumento de Hall (1999, p.49-50), que enxerga a identidade como um conjunto de representações culturais, construído em situações específicas, um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”.

processo de autoafirmação faz-se necessário que exista outro grupo ou sociedade tomado como contraste” (Cardoso de Oliveira, 1976).²⁰

A comunidade de Fátima apresenta uma organização social específica, relacionada à diferença cultural. Nesse contexto, a maioria dos moradores são negros e descendentes de africanos escravizados, compartilham práticas culturais e religiosas de matriz africana, a memória da escravidão através da oralidade, o sentimento de pertencimento a um grupo, além da resistência relacionada às desigualdades sociais. Ao serem nomeados como “quilombolas de Fátima”, estabeleceu-se uma “classificação” que distinguia dos de “fora”. Logo, o elemento que norteia a distinção deste grupo, está ligado ao lugar de onde advêm aquelas pessoas.

Por fim, Barth (1998) também assinala que o caráter contraditório da relação entre grupos étnicos, torna-se evidente quando se aborda minorias em suas relações de sujeição com as sociedades que as envolvem. Nesse sentido, identidade étnica envolve cultura. Então, a cultura compõe a identidade étnica de um grupo, e tal identidade ultrapassa os fatores culturais desse grupo. Além disso, ela permite a união de seus integrantes. No entanto, não se deve tratar de cultura no singular, mas em culturas, no plural. Muito menos fazer sua classificação, já que os valores, as crenças, as práticas e as instituições sofrem mudanças, cujas formas de identificação são construídas de acordo com a interação entre os indivíduos.

1.3 “A PRINCESINHA DA ZONA DA MATA²¹”

“Salve, ó tu, cidade moça e bela que, debruçada sobre as águas do Piranga caudaloso e marulhento, deslumbras o forasteiro que se prende aos teus encantos raros...” F.P. de Freitas (Especial para o JORNAL DO POVO)²².

O nascimento de Ponte Nova remonta à época da escravidão em Minas Gerais, já que as principais atividades econômicas desenvolvidas no município durante os períodos colonial e imperial, contavam inicialmente com o trabalho escravo indígena e, mais tarde, com o do negro africano. É importante ressaltar que a origem do nome Ponte Nova advém da

²⁰ CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Um Conceito Antropológico de Identidade. In: ___. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976. p.33-52.

²¹ “No primeiro decênio do século 20, Ponte Nova, já figurava em segundo lugar entre os municípios de maior produção de café de Minas Gerais, sendo superado apenas pelo município de Muriaé, valendo-lhe o título de princesinha da Zona da Mata.” (CARVALHO, 1954, p.31-59). Também se tornou referência como o maior centro açucareiro da região.

²² Texto extraído do livro “Pesquisa da História da Literatura em Ponte Nova 2”, ALEPON, 2016. Vale ressaltar que Luciano Sheikk, escritor pontenovense, é o pesquisador e um dos organizadores desta obra.

construção de uma nova ponte sobre o rio Piranga, em substituição a outra mais antiga. No entanto, existem contradições quanto às datas e origens desse nome. De acordo com Antônio Brant Ribeiro Filho (1993)²³, “os índios puris e aimorés²⁴, foram os primeiros habitantes do território onde hoje estão situados Ponte Nova e municípios vizinhos (p.7).”

Nos tempos do ciclo do ouro, circulavam em Ponte Nova, viajantes que iam e vinham da região das minas. Esse período é marcado pela escassez de alimentos. Além disso, o transporte era feito com muita dificuldade, por conta da distância que se encontravam as vilas dos grandes centros urbanos. Diante deste cenário, requeria-se do poder público a doação de sesmarias, que compreendiam terrenos incultos ou abandonados, entregues pela Coroa Portuguesa às pessoas que demonstrassem condições de cultivá-los, com o intuito de garantir ocupação das terras brasileiras e defender os direitos coloniais lusitanos.

Segundo Filho (1993), era comum em certos casos, vários membros de uma mesma família receberem doações de sesmarias em uma mesma região. Assim, entre os que adquiriram terras no território onde está situada Ponte Nova, se destaca a figura dos irmãos Miguel Antônio do Monte Medeiros, Sebastião do Monte Medeiros da Costa Camargo²⁵ e Padre João do Monte Medeiros²⁶. Esses nomes estão ligados à fundação de três das maiores fazendas existentes na época: Fazenda Vargem Alegre (1756), Fazenda do Córrego das Almas (1756) e Fazenda do Vau-Açu²⁷, hoje Usina Santa Helena (entre os anos de 1763 e 1768).

²³ Em seu trabalho “Ponte Nova: 1770/1920. 150 anos de história”, o autor descreve a história de formação do município de Ponte Nova, destacando os primeiros fazendeiros da região, a trajetória política dos principais proprietários de terras e a economia da época.

²⁴ Também conhecidos como botocudos. Apelido derivado do uso que eles faziam de um adorno corporal (botoques).

²⁵ “Com formação militar, Sebastião do Monte, no posto de Capitão, assume o Comando das Ordenanças do Distrito da Ponte Nova.” (FILHO, 1993, p.26).

²⁶ Segundo FILHO (1993), poucos são os dados disponíveis sobre a sua vida. Sabe-se que era um homem dinâmico, trabalhador, de gênio forte e que estudou no Seminário de Mariana, ordenando padre em 1763.

²⁷ Com a produção em alta escala tornou-se em curto tempo, próspera e rica, passando a ser citada como exemplo de desenvolvimento da região.

Foto 10: Fazenda Vau-Açu.



Fonte: Página Panoramio. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/99469766>>
Acesso em: 29 de out. 2017.

Dotado de espírito empreendedor, o Padre João do Monte Medeiros solicitou ao bispado de Mariana uma autorização para construir uma capela. Desse modo, no dia 6 de julho de 1770 seu pedido é atendido, sendo iniciada, imediatamente, a construção da capela no mesmo lugar onde se encontra a atual Matriz de São Sebastião. Nesse contexto:

A localização da capela, a mesma onde hoje se encontra a Matriz de São Sebastião de Ponte Nova, não foi escolhida por acaso. No alto do espigão, que servia de limite para as terras do Padre, tudo se avistava: o caminho para Mariana, as colinas em volta, o rio Piranga serpenteando pelo vale, a pequenina ponte de madeira. (FILHO, 1993, p.29).

Logo, em dezembro de 1770, a primeira capela de Ponte Nova já estava erguida. Segundo historiadores, Padre João do Monte Medeiros teria escolhido São Sebastião como orago (padroeiro) da capela, em homenagem ao seu irmão, Sebastião do Monte Medeiros da Costa Camargo. Contudo, no século XVIII, um grupo de índios Aimorés invadiu o então povoado e incendiou a capela. Posteriormente, ela foi reformada sob a administração do Padre Francisco Soares de Araújo.

Já o segundo templo foi construído em 1860. No entanto, em 1915, foi parcialmente destruído por um incêndio. Enfim, por iniciativa do Padre José Maria Parreira Lara, a terceira e última edificação teve início em 22 de agosto de 1915. “O seu sucessor, o Cônego Antônio Carlos Rodrigues deu continuidade às obras de construção em estilo gótico da nova igreja Matriz, a qual, foi solenemente consagrada no dia 26 de abril de 1926 por Dom Helvécio Gomes de Oliveira.”²⁸

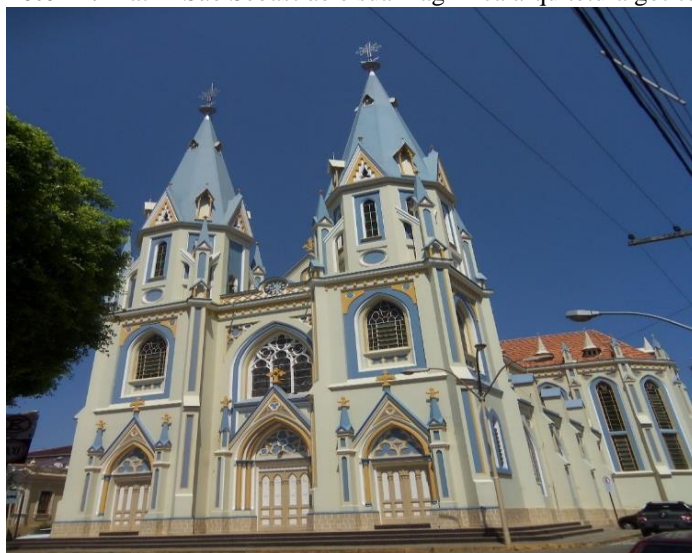
²⁸ Blog Paróquia São Sebastião – Ponte Nova. Disponível em: <<http://paroquiasaosebastiao pn.blogspot.com/p/nossa-historia.html>> Acesso em: 09 de jun. de 2018.

Foto 11: A primeira capela erguida em 1770.



Fonte: Acervo da Paróquia de São Sebastião. Disponível em: <<http://paroquiasaosebastiaoqn.blogspot.com.br/p/nossa-historia.html>> Acesso em: 29 de out. 2017.

Foto 12: Matriz São Sebastião e sua magnífica arquitetura gótica.



Fonte: Página do blog “Por amor às cidades: Qualislândia: Ponte Nova, MG. Disponível em: <<http://italostephanarquitecto.blogspot.com.br/2012/09/qualislandia-a-ponte-nova-mg.html>> Acesso em: 29 de out. 2017.

No final do século XVIII, a economia em Ponte Nova baseava-se principalmente na produção de cana-de-açúcar, gado e cereais. Além do mais, só era permitida a construção de engenhos em Minas Gerais com a autorização do governo. Ao lado da cana-de-açúcar, a introdução do café no país atingiu altos índices de produção e exportação, contribuindo também para o desenvolvimento da região.

Cabe enfatizar que neste período há investimento na implantação de estradas de ferro, sobretudo, nas regiões agroexportadoras. Assim, em 1885, foi inaugurada em Ponte Nova a

“Usina Anna Florência”²⁹, considerada a primeira usina de beneficiamento de cana-de-açúcar para a produção de açúcar cristal do estado de Minas Gerais. Entretanto, após um longo período passando por várias crises no setor, a usina é desativada nos anos 1990. Até meados do século XX foram instaladas mais quatro usinas de álcool e açúcar, são elas: Usina Jatiboca, em 1920; Usina do Pontal e Usina São José, em 1935; e Usina Santa Helena, em 1940. A única que está em funcionamento até os dias de hoje é a Usina Jatiboca.

Foto 13: Usina Anna Florência.



Fonte: Acervo: Itamar Mayrink. Disponível em: < <http://cultura coletiva.wixsite.com/blog/single-post/2015/10/29/Especial-Ponte-Nova-149-anos-Usina-Anna-Flor%C3%A7ncia>> Acesso em: 29 de out. 2017.

Atualmente, a economia de Ponte Nova é ancorada na atividade agropecuária, tendo como destaque a suinocultura, seguida da cana-de-açúcar, pecuária de leite e olericultura, produção de cachaça e de doces, como a goiabada, além do comércio atacadista de armarinhos. Com relação ao turismo, Ponte Nova pertence à Associação do Circuito Turístico Montanhas e Fé, sendo integrante do Programa de Regionalização do Turismo do Estado de Minas Gerais e, no qual, tem participado ativamente das atividades do Circuito Turístico.

²⁹ A construção teve início em 1883 e começou a funcionar somente em 1885, ano em que sua primeira produção foi vendida à Ouro Preto. Recebeu esse nome em homenagem a Anna Florência Martins Rabelo, mãe de José Vieira Martins, Francisco Vieira Martins e Ângelo Vieira Martins, que em união societária com o cunhado Manoel Vieira de Souza e o tio Luiz Augusto de Souza e Silva, fundaram a Usina Anna Florência.

Foto 14: Ponte Nova – MG.



Fonte: Página “Ponte Nova em alerta”. Disponível em: <
<https://reclamapn.wordpress.com/2015/08/31/fotos-de-ponte-nova/>> Acesso em: 29 de out. 2017.

Foto 15: Pontilhão de Ferro.



Fonte: Página “Guia do turismo Brasil”. Disponível em: <
<http://www.guiadoturismobrasil.com/cidade/MG/539/ponte-nova> > Acesso em: 29 de out. de 2017.

O Pontilhão de Ferro, um dos principais pontos turísticos do município de Ponte Nova, foi construído sobre o Rio Piranga em 1911. Atualmente é tombado como patrimônio municipal. Na próxima seção, farei uma análise/apresentação da origem histórica do bairro de Fátima, o processo de autorreconhecimento e os efeitos da condição quilombola para os seus moradores.

1.4 O BAIRRO DE FÁTIMA

*“Estamos chegando do alto dos morros,
estamos chegando da lei da baixada,
das covas sem nome chegamos,
viemos clamar.*

*Estamos chegamos do chão dos quilombos,
estamos chegando no som dos tambores,
dos Novos Palmares nós somos,
viemos lutar.”*

*A de Ó (Estamos chegando)
Do álbum Missa dos Quilombos – Milton Nascimento.*

❖ Breve histórico

Na região conhecida como morro do Sapé³⁰ localiza-se os bairros Nossa Senhora de Fátima, São Pedro e Novo Horizonte. No passado, esse território era habitado por diversas fazendas que pertenciam às famílias tradicionais da região, no qual atraiu enorme contingente de pessoas, na sua maioria de descendência negra, em busca de trabalho e moradia. Desse modo, esse lugar de vegetação baixa, distante do centro comercial e administrativo foi sendo paulatinamente ocupado. Como narra tia Efigênia:

[...] e como sempre as pessoas menos favorecidas mesmo que trabalhavam lá, elas tinham que morar em algum lugar. E foram surgindo casebres né de sapé³¹ nos morros, que aqui nem tinha rua. Eram trilhos que passavam cavalo, e as pessoas andavam um atrás do outro. E foi plantando as casas assim. Tanto que a arquitetura do nosso bairro é toda louca! É toda louca! Não foi nada medido, não foi nada. Cada um foi ficando a sua casa. Isso aqui começou depois quando o bairro surgiu, o moço perguntava assim: “Quantos cabos de foice você quer?” Media quantos cabos de foice... “Esse aqui é seu, esse aqui é seu...” Foi assim que começou o nosso bairro. As ruas eram alfabetos: Rua C, Rua D, Rua A, Rua B ...Aí depois com os estudos é que foi dando o nome das autoridades da cidade para os bairros. [...] A nossa rua aqui é Rua Luiz Martins Soares Sobrinho que era um dos que foi prefeito em Ponte Nova. Ai foi dando o nome, mas antes era só alfabeto. [...] Na época a produção de café e cana de açúcar era forte. (CATARINO, 2017)³².

Com devida autorização da prefeitura, os lotes dessa localidade eram medidos pelo Sr. Cândido, um benzedor (negro), que era muito respeitado na comunidade. No entanto, esse

³⁰ Segundo entrevistados, antes de receber o nome de bairro Nossa Senhora de Fátima, a comunidade era conhecida como Sapé, pois, devido à falta de recursos financeiros, era comum os moradores utilizarem folhas longas na constituição da cobertura de suas casas. “O bairro recebeu o nome de sapé por causa dos primeiros ranchos que teve aqui, eram cobertos por sapé. Todas as casas eram feitas de barro (taipa) e sapé.” (Efigênia, 2017).

³¹ Ver a certidão de mudança de denominação de logradouro no Anexo I.

³² CATARINO, Efigênia de Castro da Gama. Entrevista realizada em 12/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

método de medição utilizado na época “Tantos cabos de foice pra lá e tantos cabos de foice pra cá”, provocou um crescimento desordenado do bairro. A princípio as ruas eram de terra batida, sendo comum verificar a passagem de animais, e recebiam como nome, letras do alfabeto. De acordo com Pedrinho, esposo de “tia Efigênia”, na década de 1930 alguns personagens foram destaque na construção da história do bairro:

[...] Tinha o barbeiro e sua esposa que era a sapateira. Tinha as vendas de seu Machado, seu Vicente [...]. Tinha seu Arlindo e suas pastoras. Todos esses personagens que formavam também né, são tantos nomes que foge assim um pouco da cabeça da gente. Seu Joãozinho barbeiro que era o lenhador né. Ele cortava o cabelo mas era a mulher que rachava a lenha, Dona Nilza. [...] Tinha o seu Nonô que era o dono do caminhão. As vendas melhorzinhas que a gente tinha assim, era a venda de seu João Bela Vista que hoje chama casa do Patrício. Então assim, um pouquinho dessa história né. E tinha também os delegados que se chamavam de “Bate pau”, inclusive meu tio Lucas e o Zé Vitor que se metia a falar que era delegado, aquele negócio que o juiz falava assim: “Vai tomar conta lá do Sapé para mim!” Ai ele vinha para cá e o povo ficava sabendo né: “Oh! Zé Vitor está chegando ai, o delegado nosso está chegando ai.” Era aquele trem todo na informalidade e as pessoas se sentiam realmente que eram autoridade mesmo naquela época. (CATARINO, 2017)³³.

Logo, o bairro de Fátima compreendia um lugar de reconhecimento individual e social, de encontro e venda, permeado pelas mais diversas interações sociais. Tratava-se de um espaço local que tinha suas próprias referências e que parecia se bastar, numa divisão do trabalho que permitia que se resolvessem todas as necessidades por ali mesmo, desde questões de mercado à segurança pública. Não obstante, era alguém de fora que estabelecia quem era o responsável pela área. Era uma região periférica da cidade que tinha sua hierarquia própria, seja financeira pelos bons comércios, seja simbólica, pelo reconhecimento do “delegado”.

Ainda, segundo tia Efigênia:

[...] As mulheres botavam pedra na cabeça e cortavam a rua do bairro, descia pela Luiz Martins, passava pela Coronel Emílio e voltava, ia lá perto do Patrício e vinha cantando com a pedra na cabeça pra chamar chuva: “São Barnabé lá do alto da serra, pedir a Nosso Senhor que manda a chuva na terra.” E muitas vezes quando elas chegavam no cruzeiro, já chegava com chuva. (CATARINO, 2017)³⁴.

Era um contexto cultural próprio e com mulheres de muita dedicação ao trabalho seja como lavadeiras ou rachando lenha conforme relato acima de Pedrinho.

No início da década de 1950, o bairro de Fátima começa a mudar de configuração. As ruas de paralelepípedos passaram a receber nomes de grandes políticos da região. O Estado está presente no desenvolvimento local. Já não tem mais o “delegado”, o comércio é

³³ CATARINO, Pedro Antônio da Gama. Entrevista realizada em 14/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

³⁴ CATARINO, Efigênia de Castro da Gama. Entrevista realizada em 12/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

diversificado e a ligação com outros espaços é estabelecida. Esse período também foi marcado pela fundação da primeira escola no bairro, o Grupo Escolar do Sapé. Com o passar dos anos, visando atender a grande demanda de alunos, foi transferida para o bairro São Pedro, ocupando o terreno onde funcionava o campo de futebol do Operário. Assim, a nova escola foi denominada Escola Municipal Senador Miguel Lana.

A luta para abrir novamente uma escola no bairro de Fátima, foi impulsionada pelos próprios moradores. Segundo Pedrinho, graças a essa mobilização, hoje o bairro abriga a Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima:

E a gente tem a Escola Nossa Senhora de Fátima que antigamente era Senador Miguel Lana, que saiu do bairro de Fátima e foi para o São Pedro. Houve um conflito muito grande porque lá em cima tinha um campo de futebol, que era o futebol do Operário e que acabaram com o campo de futebol e fizeram um “grupo”, uma escola muito boa, espetacular. Em Ponte Nova são poucas as escolas que tem a infraestrutura ou estrutura que tem essa escola lá em cima. [...] Ai com a luta da comunidade é que se reabriu a escola com o nome Escola Nossa Senhora de Fátima, tá entendendo? E assim vai encaminhando a nossa luta né. (CATARINO, 2017)³⁵.

É interessante notar como o bairro de Fátima é um espaço carregado de memórias que remontam a herança do passado escravocrata. Como já exposto, o fato de muitos negros terem povoado esse território com uma situação econômica desfavorável, contribuiu para a estigmatização da comunidade, que vem sendo associada pelo senso comum como um lugar pobre, marginalizado e de violência. Essa imagem negativa reforça a discriminação e torna-se uma barreira, às vezes intransponível, para seus moradores.

Foto 16: O bairro de Fátima atualmente.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

³⁵ CATARINO, Pedro Antônio da Gama. Entrevista realizada em 14/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

1.5 O BAIRRO DE FÁTIMA E SUA IDENTIFICAÇÃO COMO COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO

Neste tópico, farei uma breve apresentação da origem histórica do Grupo Afro Ganga Zumba, destacando a sua influência no engajamento dos atores locais em torno da luta pelo reconhecimento e posteriormente, a conquista da certificação como comunidade remanescente de quilombo.

1.5.1 O Grupo Afro Ganga Zumba

❖ *Origem histórica:*

Foto 17: Bandeira do 'Ganga'.



Fonte: Página do facebook “Grupo Afro Ganga Zumba PN”
“Disponível em: <
[https://www.facebook.com/561603267253550/photos/a.561607713919772.1073741825.561603267253550/1376959839051218/?ty](https://www.facebook.com/561603267253550/photos/a.561607713919772.1073741825.561603267253550/1376959839051218/?type=1&theater)
pe=1&theater> Acesso em: 15 de jun. de 2018.

- As iniciais G-Z corresponde ao nome do primeiro líder dos Palmares: Ganga Zumba.
- Cores: Vermelho – Sangue do povo negro; Verde – Florestas tropicais da África; Preto – O próprio negro; Amarelo – Riquezas da África.
- Escudo e flechas: Representa a luta e resistência africanas.
- Cruz: Representa o sacrifício do povo negro.
- Tabaca: Instrumento musical de percussão. Representa a arte e expressividade negras.

O primeiro movimento negro organizado a surgir em Ponte Nova é o Grupo Afro Ganga Zumba. Foi idealizado a partir da Campanha da Fraternidade de 1988 que teve como tema: A Fraternidade e o Negro, no centenário da abolição da escravatura. Em Ponte Nova, várias pessoas ligadas isoladamente à questão racial na cidade foram convidadas para um momento cultural que aconteceu na praça principal da cidade nesta mesma época (SILVA, 2013, p. 33).³⁶

A proposta em organizar um grupo com o objetivo de participar do evento, foi levada pela Dodora ao salão de Rosângela. No final, eram dezesseis meninas (dentre elas, destaco o nome das entrevistadas desta pesquisa – Márcia, Mônica e Conceição) e três mulheres na linha de frente (Dodora, Rosângela e tia Efigênia). O apoio de agentes externos também foi fundamental, dentre eles, José Sette de Barros, prefeito na época. No entanto, os principais colaboradores eram moradores da comunidade, como exemplo, a figura de Pedrinho e Taquinho. Nesse período, o ritmo de samba-reggae estava no auge e alguns grupos se destacavam com músicas de protesto contra o racismo, o preconceito racial, como: Olodum, Ilê Aiyê e Banda Reflexu's da Mãe África. A partir daí, começaram a ensaiar algumas coreografias de dança afro-brasileira:

Nós amarramos lençol branco, saímos catando pela família a fora e amarramos lençol no corpo, e na cabeça. E fizemos a coreografia na casa de Rosângela (risos). Tudo era feito na casa dela! Eu falo que Taquinho é uma benção, acho que outro homem não tolerava o que a gente fazia (risos). Tudo era lá! Lá tinha uma parte de fora que era metade do palco [...], que era cimentado. E era ali que a gente fazia a coreografia, a gente dançava no fundo da cozinha da casa dela e nós fizemos a coreografia do “Embala eu”. (Márcia Castro, 2017).³⁷

A princípio, pretendiam dançar a música “Embala eu” na voz de Leci Brandão. No entanto, devido aos comentários de um suposto vazamento do nome da música, resolveram escolher outra canção: O Hino do Congresso Nacional e o Hino da Juventude Negra da África do Sul, cantada por Djavan, intitulado “Nkosi sikelel’iAfrika” (1986)³⁸ que significa “Deus abençoe a África”; “Som Africano” (1973)³⁹ de Martinho da Vila; e o samba de Alcione

³⁶ SASSE, Tânia.; COTA, Luiz Gustavo Santos; SILVA, Emerson de Paula. E-book Cultura Afro em Ponte Nova: por uma pedagogia étnico-racial. 2013.

³⁷ CASTRO, Márcia Messias de. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

³⁸ Esta música feita pelo cantor em homenagem à África do Sul, faz parte do álbum “Meu Lado”, lançado em 1986. A sua letra possui versos cantados em cinco das onze línguas oficiais deste país. (Fonte: Wikipedia. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_nacional_da_%C3%81frica_do_Sul> Acesso em: 14 de jun. de 2018).

³⁹ Extraída do folclore angolano, pertence ao álbum “Origens”, lançado em 1973. (Fonte: Portal de Angola. Disponível em: < <https://www.portaldeangola.com/2015/08/agenda-projecto-kalunga-ii-regressa-a-angola-35-anos-com-show-a-9-de-setembro/>> Acesso em: 14 de jun. de 2018.).

“Nosso Nome: Resistência” (1987). A apresentação cultural aconteceu no dia treze de maio de 1988.

O bom resultado e a grande aceitação do público estimulou, nesse grupo, a vontade de formar um espaço de discussão sobre o negro na sociedade englobando história e cultura. O grupo foi paulatinamente se estruturando e além das mulheres que já faziam parte da composição, várias pessoas da comunidade se aglomeraram. Assim, a necessidade de nomear o grupo como forma de afirmação identitária fez surgir por meio de uma votação, o nome Ganga Zumba: O primeiro líder do Quilombo dos Palmares (antecessor de seu sobrinho Zumbi), guerreiro, símbolo forte da resistência negra. Vale destacar que a figura de Zumbi é muito importante para o grupo, mas ao escolher o Ganga Zumba como ícone vem associado à intenção de buscar os primórdios da resistência no Brasil.

❖ *O grupo nas décadas de 1990 e 2000: a mobilização social na comunidade, a conquista da sede e ampliação das atividades*

Inicialmente, as reuniões e atividades desenvolvidas com crianças e adolescentes eram realizadas na capela Nossa Senhora de Fátima ou na casa de algum vizinho, sendo o foco principal da entidade, a integração social através da cultura. As oficinas de dança afro e percussão caracterizaram-se durante anos, como as principais atividades do grupo, envolvendo discussões relativas à cultura africana e afro-brasileira.

Seguindo sua linha de ação, em 2001, na Semana da Consciência Negra é lançado no bairro de Fátima o Projeto Quilombola, com o objetivo de amparar todas as atividades do Grupo Afro Ganga Zumba e, sobretudo, por tomar conhecimento que este bairro era uma comunidade remanescente de quilombo. Dessa forma, o grupo inicia uma mobilização na comunidade, através de reuniões que propiciavam debates e reflexões sobre questões sociais ligadas a realidade local, ressaltando a importância da autoafirmação dos moradores como negros e descendentes das raízes quilombolas. Posteriormente, a entidade passa a fazer contato com a Fundação Cultural Palmares⁴⁰, porém, não teve sucesso nesta fase.

⁴⁰ A Fundação Cultural Palmares foi instituída em 22 de agosto de 1988, período de democratização do Brasil, em que promulgava a Constituição Federal. Surgiu a partir de uma reivindicação do Movimento Negro para incitar, no debate político, a importância do combate ao racismo e da promoção da igualdade racial. Assim, parlamentares e personalidades como Abdias Nascimento, Benedita da Silva, Paulo Paim, Edmilson Valentim e Carlos Alberto Caó abraçaram a luta pela sua criação. Vale destacar que esta entidade se tornou referência nacional e internacional na formulação de políticas para o desenvolvimento dos afro-brasileiros, firmando-se no reconhecimento da importância das Ações Afirmativas, como princípio de resgate da dívida histórica com o povo negro.

Cabe enfatizar que neste período, a Paróquia São Pedro promoveu o Fórum Municipal Pela Vida. Foi uma discussão rica que culminou com a ampliação de outras ações do ‘Ganga’, como: curso de corte e costura; carnaval infantil como forma de lazer para a criançada. Mas a luta não parou por aí. O grupo sonhava em conquistar um espaço, que facilitasse o desenvolvimento de seus trabalhos. Esse desejo impulsionou Pedrinho (presidente da entidade na época) a escrever um projeto:

Consegui o acesso a Dom Luciano, entreguei o projeto. Nem foi diretamente para ele, mas para a assessoria dele. A gente era informal, ou seja, não tinha registro em cartório, nada não. A gente existia na informalidade. Aí então acolheu, achou interessante o projeto, e seis meses depois já tinha o pedido. Ele deu entrada nesse pedido [...] em nome da fundação e não em nome da nossa instituição. Fundação Marianense de Educação, ok? Aí eles conquistaram essa verba e me chamaram em Mariana, repassaram o dinheiro para mim. Oh doideira (risos)! Ai eu peguei e passei o dinheiro para a igreja de Palmeiras, para eles administrarem. Aí eles falaram: “Bom, nós podemos administrar o dinheiro. Mas comprar é com vocês! Pagar engenheiro...Tudo é vocês que terão que fazer, não quero nem saber!” Então aquilo foi feito...Fizemos a sede precária, bem precária! O dinheiro deu pra fazer, mas precária! E depois, Dom Luciano fez pra gente um [...] um contrato chamado comodato. Esse contrato de comodato vigorou durante um tempo e, assim, Dom Luciano falou: “Assim que tiver um tempinho, aí nós vamos fazer um papel definitivo pra vocês em nome da instituição e tal.” E assim foi feito. [...] A sede é nossa com escritura e tudo! (CATARINO, 2017).⁴¹

Como o trecho acima evidencia, o grupo conquistou um terreno doado pela Fundação Marianense de Educação, a qual o então Presidente Dom Luciano⁴², no primeiro momento fez um contrato de comodato de dezoito anos. Sendo assim, em 2005, um ano antes de sua morte, o terreno é doado em definitivo, através de escritura em nome do Grupo Afro Ganga Zumba. Após a construção da sede, várias crianças foram tiradas da rua, pois, passaram a participar de oficinas realizadas pelo ‘Ganga’.

Nesta fase, outras atividades artísticas foram oferecidas pelo ‘Ganga’ como: capoeira, canto, coral e artesanato. Além disso, os momentos de discussão que receberam à denominação de Cursos de Formação, contavam com parcerias em vários segmentos e cidades, sendo a instituição principal, a Universidade Federal de Viçosa (MG). Com o objetivo de preparar os adolescentes negros ao mercado de trabalho, foi criado um curso de Pré-Vestibular. Os professores eram voluntários e a maioria dos alunos eram integrantes da entidade. Durante os três anos de curso, quinze alunos obtiveram sucesso nos exames

⁴¹ CATARINO, Pedro Antônio da Gama. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

⁴² Luciano Pedro Mendes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, no dia 5 de outubro de 1930. Um dos momentos mais marcantes de sua vida religiosa aconteceu em abril de 1988, quando foi nomeado pelo Vaticano arcebispo de Mariana (MG). Iniciava uma longa jornada de proteção aos pobres e marginalizados, a luta pela justiça social, fé e amor ao próximo. Faleceu no dia 27 de agosto de 2006.

vestibulares. Um dado importante a ser ressaltado é o de que o ‘Ganga’ atuou vinte e um anos somente com voluntários (1988 à 2009).

A ampliação do Projeto Sociocultural Quilombola foi idealizada a partir do processo de seleção pública da Petrobras em 2007. Concorrendo com 3.264 projetos de todo o Brasil, o Grupo Afro Ganga Zumba foi contemplado juntamente com outros 71 projetos, sendo apenas três no estado de Minas Gerais. Desse modo, com o patrocínio da Petrobras, em 2009, realizou-se a contratação de monitores que já atuavam voluntariamente. Assim, além da dança afro, capoeira e maculelê, percussão, coral de raízes, ganga show, artes e artesanato, a entidade passou a ter novas atividades como: bateria musical, violão e contrabaixo, reforço escolar. Também foram desenvolvidos trabalhos socioeducativos com temas diversos: sexualidade e DSTs, bullying, higiene corporal, relacionamento interpessoal, primeiros socorros, doenças epidemiológicas.

Por fim, o grupo foi selecionado como Ponto de Cultura em edital público do Governo Estadual através do Programa Cultura Viva do Governo Federal (SILVA, 2013, p. 34)⁴³, possibilitando a participação de mais crianças, adolescentes e jovens em suas atividades.

Foto 18: O palco onde são realizadas as apresentações culturais.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Foto 19: A cozinha.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

⁴³ SASSE, Tânia.; COTA, Luiz Gustavo Santos; SILVA, Emerson de Paula. E-book Cultura Afro em Ponte Nova: por uma pedagogia étnico-racial. 2013.

1.5.2 O autorreconhecimento pela Fundação Cultural Palmares

O autorreconhecimento de uma identidade é um direito que deve ser garantido pelo Estado Brasileiro, segundo a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho. A Fundação Cultural Palmares é responsável pela emissão das Certidões de Autorreconhecimento das comunidades quilombolas. A solicitação é feita da seguinte maneira:

1. A comunidade deve se autorreconhecer como quilombola (consciência da identidade);
2. Em seguida, será enviado à Fundação Cultural Palmares, o documento em que seus membros se autodenominam quilombolas. Nesse documento deverá constar a solicitação do cadastramento do núcleo remanescente, quanto a regularização fundiária de suas terras;
3. Relato da história da comunidade com o máximo de informações possíveis (fotos, documentos, reportagens, estudos, descrições das manifestações culturais, religiosas etc.);
4. Ata de reunião da associação da comunidade convocada para tratar, especialmente, da autodefinição;
5. Depois o ato administrativo será publicado no Diário Oficial da União e no Diário Oficial do Estado e a Fundação Cultural Palmares encaminhará a solicitação de regularização fundiária para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.

No caso do bairro de Fátima, em 2007, o Grupo Afro Ganga Zumba consegue o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo⁴⁴, recebendo inclusive, o certificado⁴⁵ da Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro, Fundação Cultural Palmares e SEPPIR⁴⁶. Vale ressaltar, que todo o estudo para o reconhecimento foi realizado pelo CERNE – Centro de Referência da Cultura Negra de Juiz de Fora.

❖ Efeitos oriundos do autorreconhecimento

Após a conquista da certificação como remanescente de quilombo e do trabalho desenvolvido pelo Grupo Afro Ganga Zumba, a comunidade de Fátima passa a ter uma

⁴⁴ Cabe enfatizar que as comunidades hoje reconhecidas como remanescentes de quilombos não são, impreterivelmente, originárias de quilombos no passado, posto que os territórios ora ocupados por elas provêm de diversas origens. É o caso do bairro de Fátima, que se formou a partir das fazendas localizadas no entorno que atraíam trabalhadores, em sua maioria, descendentes de africanos escravizados, como já exposto.

⁴⁵ Ver em Anexo II.

⁴⁶ Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Criada pela Medida Provisória nº111, de 21 de março de 2003, convertida na Lei nº 10.678.

melhor assistência e visibilidade. O aumento da autoestima dos moradores também é colocado como um fator de destaque. É por meio dessa entidade que eles são reconhecidos como quilombolas em Ponte Nova e região.

Segundo Conceição, alguns benefícios foram atribuídos a escola da comunidade (Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima), como material didático específico e verba para aquisição de merenda escolar diferenciada. A liderança também ressalta conquistas que não foram usufruídas pela comunidade, como o desconto em exames vestibulares.

É importante esclarecer que todos os benefícios oriundos da certificação não foram concedidos de imediato. Um recurso citado pela tia Efigênia e que foi conquistado pela comunidade, é o auxílio financeiro de R\$ 900,00 atribuído pelo MEC (PBP – Programa de Bolsa Permanência) aos estudantes quilombolas de graduação de universidades e institutos federais:

Quando recebemos a certificação não tivemos ganhos. Nós estamos recebendo os ganhos agora com os nossos meninos na universidade né. As vantagens que os nossos meninos estão recebendo agora na universidade. Me parece que são R\$900,00 por mês que eles recebem e alimentação, e moradia né. (CATARINO, 2017)⁴⁷.

De acordo com o Programa de Bolsa Permanência, “será garantido aos estudantes indígenas e quilombolas um valor diferenciado, se comparado ao valor pago aos demais estudantes, em virtude das particularidades relacionadas à organização social de suas comunidades, como condição geográfica e costumes”⁴⁸.

1.5.3 Composição atual do ‘Ganga’

O Grupo Afro Ganga Zumba é composto, basicamente, por moradores da comunidade. Alguns colaboradores que atuam voluntariamente nas atividades, tiveram um papel fundamental na sua estruturação, conforme já exposto. Já outros se integraram posteriormente. Neste caso, darei destaque a figura de Mariana Silva, que atuou como presidente por dois mandatos consecutivos.

Desde sua fundação, a entidade já teve altos e baixos. Mas se mantém viva pelo fato de ser formada praticamente por membros da mesma família. É esse elo que une e fortalece a sua caminhada.

⁴⁷ CATARINO, Efigênia de Castro da Gama. Entrevista realizada em 12/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

⁴⁸ Disponível em: < <http://permanencia.mec.gov.br/>>. Acesso em: 04 de nov. de 2017.

A estrutura que administra a entidade é composta pelos seguintes órgãos:

DIRETORIA (ÓRGÃO ADMINISTRATIVO E EXECUTIVO):

- **Presidência** (Convocar os membros da associação para as assembleias e reuniões da diretoria; firmar convênios e parcerias, aceitar auxílios ou doações):
 - Efigênia de Castro da Gama Catarino.
- **Vice-presidência** (Ajudar na presidência; Substituir o presidente quando necessário):
 - Wellington Reis.
- **Secretaria** (Supervisionar e registrar as reuniões; Elaborar os relatórios):
 - 1º Secretário: Maria do Carmo Laia.
 - 2º Secretário: Arlindo Marcos.
- **Tesouraria** (Supervisionar e elaborar os serviços de pagamento e recebimentos; Supervisionar os serviços de contabilidade):
 - 1º Tesoureiro: Bruno Rio.
 - 2º Tesoureiro: Fabiano Luiz da Silva Souza.

CONSELHO FISCAL (ÓRGÃO COLEGIADO RESPONSÁVEL POR FISCALIZAR OS ATOS DA DIRETORIA):

- Titular: Lucilene Cristina Jesué; Jansen de Souza; Jaime Augusto de Jesus.
- Suplente: Luciene Eufrázio de Amorim; Josilene Mendes Neves; Marcus Vinícius Alves de Almeida.

Também é relevante destacar que o período de eleições no ‘Ganga’ é de dois em dois anos. É necessário ter alguns requisitos para se candidatar à presidência. Um deles é a permanência por um tempo na instituição. Segundo tia Efigênia, “não é qualquer um que pode

chegar e ser presidente. Tem que ter no mínimo dez anos de permanência dentro da casa, do grupo.”⁴⁹

Resistente há trinta anos, o Grupo Afro Ganga Zumba desenvolve um trabalho em prol da valorização da cultura afro-brasileira. Lutar contra o preconceito, a discriminação e o racismo são os principais objetivos da entidade.

⁴⁹ CATARINO, Efigênia de Castro da Gama. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

CAPÍTULO 2 – SER NEGRO E QUILOMBOLA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DO COTIDIANO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FÁTIMA

Foto 20: “Somos herdeiros de uma luta histórica, iniciada por muitos antes de nós.” (Luiza Bairros).



Fonte: Ensaio Fotográfico “A Beleza Negra que Resiste”. ITCP-UFV. Disponível em: <<http://www.itcp.ufv.br/?informativos=ensaio-fotografico-a-beleza-negra-que-resiste-esta-em-exposicao-em-ponte-nova-ate-o-final-deste-mes>> Acesso em: 05 de jun. de 2018.

Este capítulo está dividido em 5 partes. A parte 1 apresenta a discussão sobre identidade e diferença. A parte 2 o processo de construção do “ser negro e quilombola”. Em seguida, a parte 3 retrata o desafio de ser negro no Brasil. A parte 4 as práticas culturais recriadas no cotidiano da comunidade. Por fim, a parte 5 exhibe o protagonismo das mulheres na construção da história local.

2.1 IDENTIDADE E DIFERENÇA

“A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou do mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.” (SILVA, 2014, p.76).⁵⁰

Neste tópico faço uma reflexão sobre a identidade e a diferença, enfocando questões relacionadas à constituição político-ideológica das comunidades remanescentes de quilombos.

A identidade é sempre um processo, nunca, pois um produto acabado, e que se manifesta por meio da consciência da diferença e do contraste com o outro, presumindo, assim, a alteridade. Ou seja, a identidade é construída a partir de um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros.

Assim, a concepção da diferença é relevante no debate em torno da afirmação de determinadas culturas, sobretudo no âmbito do jogo político, no qual o reconhecimento é peça fundamental. Logo, as identidades são concebidas a partir da marcação da diferença, o que, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2014), ocorre através de sistemas simbólicos de representação ou pelas formas de exclusão social. Desse modo, em consonância com os estudos de Stuart Hall, Silva (2014) adota o conceito de diferença enquanto reflexo direto da política de identidade.

Nesse sentido, tomando de exemplo a questão quilombola, é possível compreender que a percepção de indivíduo em torno de uma identidade específica é resultante de um discurso coletivo, ao qual a noção de pertencimento está intimamente ligada a uma identidade étnica. As narrativas das lideranças da comunidade quilombola de Fátima, revelam a resistência como um dos principais símbolos articulados a identidade do grupo. Dessa maneira, a ideia em torno de um passado comum de luta e resistência à escravidão talvez seja o principal aspecto norteador dos grupos remanescentes de quilombos que,

⁵⁰ SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

independentemente de sua localização geográfica e de sua constituição histórico-cultural, resgatam o símbolo da resistência para dar legitimidade à sua luta enquanto grupo específico.

Neste trabalho busco investigar também como se deu a formação/constituição de uma concepção de “ser quilombola”, partindo da hipótese que esta é uma identificação apreendida/reproduzida entre os membros da comunidade quilombola de Fátima. Com base neste princípio, o tema da identidade torna-se central, uma vez que:

Esse processo se dá no nível do inconsciente e é uma forma de descrever como os indivíduos acabam por adotar posições-de-sujeito particulares. É uma forma de incorporar a dimensão psicanalítica, a qual não se limita a descrever sistemas de significado, mas tenta explicar por que posições particulares são assumidas (SILVA, 2014, p. 60).

Contudo, do ponto de vista antropológico, a questão da identidade torna-se muito sensível, já que se situa num espaço de transição, não sendo esta estática e permanente. Pelo contrário, a identidade somente pode ser concebida como foco de análise mediante a observância de que a mesma é simbólica, tomando conotação política pelos membros de determinados grupos que recorrem a ela enquanto aparelho de reconhecimento e legitimidade cultural. A identidade é socialmente forjada mediante os símbolos elencados pelos respectivos grupos, passando antes pela subjetividade de seus sujeitos, individualmente, para se constituírem como símbolo ideológico na coletividade.

Dessa forma, valores e crenças que compõe a identidade de um grupo são negociados socialmente, sendo este um processo dinâmico e que pode modificar-se segundo o período histórico e as tensões que dele advém. Portanto, esse fenômeno pode ser compreendido da seguinte maneira: Tal qual a identidade, a memória é organizada, “trabalhada” em termos dos fatos, ações e elementos simbólicos disponíveis aos grupos sociais e seus membros, que os reorientam ou ressignificam de acordo com as novas situações em que estão inseridos como agentes (LIMA, 2012, p. 91).

Vale ressaltar que a “retomada ao passado” contribui para movimentos significativos nas comunidades quilombolas, especialmente no que diz respeito às manifestações coletivas e à apropriação de um sentimento de pertencimento. No caso da comunidade pesquisada este elemento torna-se bastante perceptível, já que o grupo conseguiu se estabelecer socialmente e politicamente. Isto é, a apropriação de um conceito de identidade comum, coletivo, é um grande passo na constituição política desses sujeitos, o que resulta na superação de relações historicamente orientadas e até mesmo justificadas pela ideia de inferioridade, de diferenças baseadas no quesito cor/raça.

O estigma em relação ao negro torna-se um elemento importante na compreensão do papel da identidade e de suas reivindicações sociais numa conjuntura de desigualdades marcadas pela questão étnico-racial. Para Erving Goffman (2013), a análise do conceito de estigma e suas resultantes na identidade e nas relações sociais entre diferentes grupos perpassam dois aspectos: atributo e estereótipo. O negro assimila, em seu universo simbólico, valores, crenças e padrões de comportamento estigmatizados através das relações sociais. A categorização consiste em aprisioná-lo a uma alteridade forjada, a um lugar social que lhe impõe características de desacreditado (potencialmente desqualificadoras). Nesse contexto, recai sobre o negro um olhar de descrédito que impossibilita compreendê-lo de forma individual.

No Brasil, o direito à diferença passa a ser uma das pautas de reivindicações dos movimentos sociais a partir da década de 1970, sendo o Movimento Negro o principal interlocutor em prol de uma igualdade racial, visto que as desigualdades, sobretudo entre os negros, se faziam latentes, o que denunciava uma profunda lacuna socioeconômica entre brancos e negros. Desse modo, o debate em torno do reconhecimento dos quilombos contemporâneos teve início neste período, tendo como referência a militante e teórica Beatriz Nascimento (2006), que foi umas das primeiras estudiosas a relacionar as favelas à conceituação de quilombos urbanos, o que subsidiou importantes diálogos que culminariam posteriormente na concepção dos remanescentes de quilombos.

A partir do despertar de uma consciência crítica (auto percepção) enquanto sujeitos de direito, esses grupos adentram o cenário político sob o discurso do direito à diferença. Assim, a diferença ultrapassa as questões culturais e avança nas demandas sociais, uma vez que o processo de exclusão resulta numa profunda diferenciação socioeconômica entre os diferentes grupos étnico-raciais, sobretudo entre os afro-brasileiros. Ou seja, o direito à diferença traz à luz manifestações de discriminação, de desigualdade e de intolerância das mais diversas origens e motivações.

2.2 CONSTRUINDO A IDENTIDADE NEGRA E QUILOMBOLA

“Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.” (Neusa Santos Souza, Tornar-se Negro).

As lideranças que participaram da pesquisa indicaram que a percepção do pertencimento étnico-racial, foi possibilitada por vivências de atos de atribuição (das pessoas para com elas, com base em estereótipos negativos sobre seu grupo étnico-racial) e atos de pertencimento (delas em relação a elas próprias), que aconteceram em momentos e situações diversas. Faço aqui uma análise dessas experiências, a fim de compreender como se deu o processo de descoberta e construção da identidade negra e quilombola.

2.2.1 *As marcas de uma infância e adolescência negra*

A relação de proximidade com um passado marcado pela discriminação e pelo racismo encontra-se presente na memória e nas narrativas das lideranças:

Pesquisadora: Como era ser negro na sua infância e adolescência?

[...] Ser negro era “**carregar uma cruz**”. Era triste! A gente era **humilhado** e é uma parte que eu nem gosto de lembrar. **Para meus pais, o negro tinha seu lugar: “Aqui cê pode, ali não é seu lugar.”** Eu custei a entrar em lojas em Ponte Nova, porque achava que a pessoa não atendia a gente direito, como de fato até hoje é meio assim **desconfiada**. Mas antes era triste, a gente era muito discriminado assim ... na cara dura. Só da pessoa olhar para você, já abaixava a cabeça. **Não tinha autoestima** e negro era uma coisa de outro mundo né. (Rosângela Lisboa, 2017).⁵¹

A gente não via a diferença. Ninguém falava na cor da pele da gente. A gente achava normal. O que a gente vê que não era normal, pra gente naquela época era normal. Eu não achava maldade que a patroa do meu pai mandava aquela roupa mais surrada que ela tinha pra mim. Eu achava que ela tava fazendo bom demais! Ela tava mandando roupa pra mim da filha dela!!! Entendeu? Então, eu não achava nada demais. Ela mandava pra gente coisas que na casa dela não se dava nem pra comer. Mas eu não achava nada demais, porque ela tava mandando coisas da casa dela. [...] (Efigênia Catarino, 2017).⁵²

[...] quando era criança e adolescente, a gente tinha passado por todas as formas de racismo, discriminação, inclusive até de segregação. Até a segregação mesmo, como se fosse um apartheid! Ou seja, você não pode entrar aqui, porque você é negro! Era uma loucura minha entrar nos clubes de Ponte Nova, especialmente, no Clube Palmeirense e Pontenovense. Ih.. jamais! Exatamente porque era excluído! Você olhava pra dentro, era só gente branca, aquela coisa toda, pessoas brancas né. E no Pontenovense isso era declarado mesmo, e no Palmeirense era mais ou menos camuflado. Mas no Pontenovense era mesmo! Negro não entra, não entra!!! E assim eu passei, quando era criança e minha parte da adolescência sofrendo por tudo, sem vir a perceber. Não percebia, não percebia! Chamava de todos os nomes que eu não vou ficar repetindo aqui, né! De todos os nomes, de animais (de macaco), de não sei mais o que. Coisas desse nível para pior, tá entendendo?! (Pedro Catarino, 2017).⁵³

⁵¹ LISBOA, Rosângela. Entrevista realizada em 14/09/2017 . A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

⁵² CATARINO, Efigênia de Castro da Gama. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

⁵³ CATARINO, Pedro Antônio da Gama. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

Então, como a gente estudava nessa escola e a maioria dos alunos da escola eram negros, então a gente às vezes não via muito, não sentia muita essa diferença. Tinha as piadinhas, tinha as risadas, mas a gente... acho que era a falta de perceber o que era. [...] **Quando eu sai daqui, que era adolescente e fui para outro colégio, aí sim, aí eu senti! Aí eu fui estudar no Polivalente, aí eu senti! E sabe o que mais me aborrece, eu lembro até hoje, é de um amigo que eu tinha, ele até faleceu, ele também era negro e ele me chamava de macaca. E eu não conseguia entender porque ele me chamava de macaca, sendo que também ele era negro!!! Ele também era negro (ênfase)!!! Porque ele me chamava de macaca? Porque ele morava num bairro e eu morava no outro! E meu bairro era um bairro desvalorizado. O dele não! Então ele se achava no direito de me chamar de macaca, e isso me irritava muito, me deixava muito irritada!** E eu sempre resolvia as coisas no braço e batia pra caramba! Não aceitava não...E ele foi o que mais me marcou, por ser negro e me chamar de macaca. (Mônica Castro, 2017).⁵⁴

A escola é onde a criança negra descobre todos os seus defeitos. [...] Nossa rua sempre foi cheia e a gente brincava com crianças de todas as cores, minhas vizinhas todas eram brancas, e eu descobri na escola que era negra. E que era feia. E que eu era “pituca”. “O cabelo era de bombril!!” Eu nem sabia disso: que eu era negra, que eu era feia, que eu era uma “pituca”, “pitucuda” e que era “cabelo de bombril!” Até então eu não sabia nada disso. O primeiro contato racial das crianças é na escola. (Márcia Castro, 2017).⁵⁵

Estes relatos expressam bem o sofrimento vivido pelas lideranças durante a infância e adolescência. Ser negro era sinônimo de inferioridade, de desconfiança e de exclusão, o que favorecia uma baixa autoestima. Segundo Rosângela, não havia menção da questão racial no ambiente familiar. Vale salientar, que a família é um elemento estruturador da constituição identitária dos sujeitos:

Se assumirmos que as interações sociais são processos constitutivos das identidades pessoais, situações como a da família que silencia acerca de suas características étnico-raciais podem favorecer a introjeção de valores negativos de uma forma tácita, não só por parte da pessoa que se coloca no "outro grupo" mas, o que é mais dramático, pelo próprio afrodescendente em relação a si mesmo. Identidades assim constituídas conservam a incapacidade de desenvolver atitudes afirmativas quanto às especificidades raciais (FERREIRA, 2002, p. 72).

As lideranças também informaram que não tinha consciência da diferença, já que para elas todas eram iguais, não havia uma distinção entre “nós” e “eles”. Por sua vez, Pedrinho afirma que nas décadas de 1950 e 1960 a segregação racial em Ponte Nova era muito acentuada. Os negros tinham ainda uma participação restrita nos tradicionais clubes da cidade. Nesse contexto, tanto o “Palmeirense”⁵⁶ quanto o “Pontenovense”⁵⁷, assumiam uma postura racista.

⁵⁴ CASTRO, Mônica Messias de. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

⁵⁵ CASTRO, Márcia Messias de. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

⁵⁶ O Esporte Clube Palmeirense foi fundado oficialmente em 10 de outubro de 1943, no município de Ponte Nova (MG). O nome “Palmeirense” deriva do bairro Palmeiras, criado em 1896, pelo então prefeito da época,

Como destacado no depoimento de Mônica, o negro além de enfrentar o racismo cotidianamente, também sofre com o estigma relacionado ao local onde mora. A entrevistada conta que demorou a compreender o insulto racista, visto que o agressor também era negro. Na realidade, tal atitude está intimamente ligada aos estigmas do bairro, marcado por contínuas referências negativas atribuídas pelos “de fora” (lugar violento e perigoso).

As situações de discriminação racial vividas na escola, com ênfase ao aspecto estético, ficam guardadas na memória de Márcia. O cabelo crespo, visto como “ruim”, é associado a ideia de feiura/desleixo⁵⁸. Desse modo, as representações construídas sobre o cabelo do negro advêm de uma sociedade racista, que impõe um padrão de beleza europeizado. A entrevistada aponta a escola como o primeiro espaço de vivência das tensões raciais. Assim, segundo Gomes (2002), a escola é um lugar de construção/reconstrução da identidade negra. Nesse sentido, pode tanto valorizar essa identidade, quanto pode reproduzir estereótipos sobre o negro, contribuindo assim, com práticas discriminatórias e de racismo. Então, quando uma criança negra, em processo de formação identitária, convive em um contexto escolar onde é sempre vista como inferior, ela acaba internalizando e reproduzindo essa concepção.

Vale ressaltar, que o processo de construção ideológica do Brasil (assim como de outros países da América Latina) como um país mestiço, plural, iniciado no século XIX, firmou-se no fato de que teria ocorrido uma fusão “harmônica” de raças e culturas, denominada, posteriormente, de “democracia racial”. Laura Cecília López (2012) no artigo *O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde* aponta que por trás dessa imagem de convívio harmonioso entre as diferentes “raças”, havia uma ideia de manutenção das hierarquias raciais vigentes no Brasil, onde as matrizes brancas europeias eram o polo principal e dominante, simbolizando o ideal a ser alcançado pela nação ao menos em termos comportamentais e morais.

Assim, a mestiçagem virou símbolo da cultura nacional, representando tanto a “harmonia racial” quanto a possibilidade de branqueamento da população brasileira. Desse modo, essa abordagem de Gilberto Freyre foi desconstruída pelos estudos de Florestan Fernandes na obra *A integração do negro na sociedade de classes*, publicada em 1965

José Mariano Duarte Lanna. Disponível em: <<http://cacellain.com.br/blog/?p=76520>> Acesso em: 22 de abril. de 2018.

⁵⁷ O Pontenovense Futebol Clube foi fundado em 11 de outubro de 1911, no município de Ponte Nova (MG). Em 1950, inaugura-se a Sede Social, espaço onde se realizam festas e eventos. Disponível em: <<http://www.pontenovense.com.br/?pagina=clube>> Acesso em: 22 de abril. de 2018.

⁵⁸ Tal reflexão será retomada no próximo tópico, a fim de compreender o processo de afirmação e valorização de sua identidade através do cabelo.

afirmando ser a democracia racial um mito, que serve para garantir a manutenção da posição de inferioridade do negro na sociedade brasileira.

A dinâmica das relações raciais no Brasil mantém privilégios, produz uma sociedade excludente e desigual, silenciando vozes que denunciam a violência simbólica. Nesse sentido, as experiências vividas pelas lideranças, revelam alguns processos, nos quais, o negro está submetido na construção de sua identidade, destacando aqueles que ocorrem em situações cotidianas como na família, na escola, na rua, no espaço de lazer, ou seja, na relação entre o público e o privado.

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de indivíduos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da interação com o outro (GOMES, 2005, p.43). Desse modo, a construção dessa identidade passa por processos tensos e conflituosos, envolvendo um movimento de rejeição/aceitação do ser negro.

Para Frantz Fanon (2008) na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, um dos elementos mais marcantes da herança colonial refere-se àquilo que ele descreve como a existência de duas dimensões que o negro tem de si mesmo: uma com seu semelhante e uma com o outro. De acordo com o autor, as diferenças orientadas pelo quesito cor, resultado das relações interraciais estabelecidas pelo Colonialismo foram responsáveis por criar marcas profundas nas relações sociais e na percepção dos negros acerca de si em detrimento do outro. Nesse sentido, a concepção do “outro” é uma das questões centrais de sua discussão, havendo um conflito do negro diante das representações que o “outro” faz de si, carregada de estereótipos, preconceitos, gerando assim um sentimento de inferioridade. Essa problematização possibilita ao negro fazer questionamentos que se tornam indispensáveis para sua emancipação e afirmação identitária.

Diante do que foi apresentado, pode-se afirmar que a construção, reconstrução do “ser negro” perpassa pela forma como o negro foi e é representado socialmente, pois as representações são essenciais para a construção, reconstrução ou ressignificação das identidades individuais ou de grupo. Tais representações podem ser transformadas, alterando a maneira como os sujeitos se percebem ou se definem. Desse modo, no próximo subtópico, farei uma reflexão sobre a tomada de consciência das lideranças acerca de sua identidade.

2.2.2 A reconstrução do “ser negro”

O Grupo Afro Ganga Zumba se configura como um lugar de construção da consciência racial e de reconhecimento da identidade negra. Desse modo, as lideranças “tornaram-se negras” a partir das vivências nesse espaço. Nesse sentido, a questão racial foi profundamente pensada e discutida somente depois da entrada no movimento negro, no final da década de 1980:

E o Movimento Negro passou a fazer parte da minha vida foi exatamente, definitivamente numa compreensão maior de ser até negro, foi a partir de 1989. Um ano depois praticamente da fundação do grupo, que eu ajudei também a trabalhar e fundar, o Grupo Afro Ganga Zumba. E a partir daí, que eu comecei a ter esse envolvimento em definitivo né, nas lutas, na militância do povo negro. E essa luta me abriu assim outros horizontes, em termos de trabalhos sociais né não só com o povo negro. Mas a minha militância [...] começou pra valer adquirindo realmente o conhecimento com o **Movimento Negro de Belo Horizonte** tá, que era até o **movimento das mulheres negras** que eu participei e não esqueço. E eu passei a ter esse envolvimento pra valer mesmo, onde **participava de fórum**, fórum internacional como aconteceu lá na Bahia reunindo vários países...É (ênfase)... ajudando a **organizar o I Encontro Nacional de Entidades Negras que foi em São Paulo**. Então assim, a minha participação passou a ser definitiva mesmo com muita garra, com muita força e buscando sempre assim, um pouco de conhecimento, um pouco de conhecimento até mesmo pra poder discutir os problemas do povo negro dentro da sociedade né. [...] **Eu sabia que era negro né, só não tinha a consciência de ser negro, de lutar pelo meu companheiro que era negro e que sofria essa coisa toda.** (Pedro Catarino, 2017).⁵⁹

Sabe, depois do grupo tive essa consciência melhor. Eu lido melhor com isso e eu não aceito mais que as pessoas venham falar de mim. **Quer me chamar de neguinha, de negona pode me chamar com carinho. Não vem com pejorativo pra mim não, que eu não aceito. Eu sei muito bem me defender se me responder.** Se virar e falar com outro, eu acho que sou capaz de entrar no meio e falar “o que está acontecendo?” **Acho que hoje eu tenho um conhecimento bem maior, sei me posicionar melhor, sei me defender e defender o outro também. Me valorizo mais, valorizo o negro mais, consigo ver a beleza do negro. O negro é muito belo e as vezes as pessoas querem desfazer disso.** (Conceição Hypólito, 2017).⁶⁰

Segundo Pedrinho, as primeiras experiências como militante negro foi o Movimento Negro de Belo Horizonte (Movimento de Mulheres Negras) e a participação em fóruns, encontros, debates e estudos. Esses espaços também contribuíram para a formação e fortalecimento de sua identidade. Já na fala de Conceição, é possível perceber uma mudança de postura que aos poucos gera um sentimento de autoafirmação e de valorização da beleza negra. O engajamento no Grupo Afro Ganga Zumba possibilitou a entrevistada, reconhecer seu lugar de fala como dispositivo de luta contra a opressão racial.

⁵⁹ CATARINO, Pedro Antônio da Gama. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia

⁶⁰ HYPÓLITO, Conceição Aparecida. Entrevista realizada em 12/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

Márcia conta a sensação de desconforto em relação ao seu cabelo, vivida na adolescência:

Eu como adolescente negra, fui obrigada a alisar o meu cabelo para se enquadrar dentro da sociedade, durante muito tempo. Até então, eu falei que não queria mais. Ai passei por aquele processo de transição que a gente vai passando né e tudo mais [...]. (CASTRO, 2017).⁶¹

O cabelo alisado foi uma forma de se aproximar do padrão estético branco, visto socialmente como o mais belo. No entanto, com o tempo ela se reconstrói positivamente. Desse modo, reconhecer suas raízes africanas e assumir o cabelo crespo foi uma forma de se autoafirmar como negra e de se posicionar politicamente contra o racismo. Assim, segundo Kabengele Munanga (2009: 19), “a recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos da sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade.”.

Para Neusa Santos Souza (1983), ser negro não é assumir apenas a cor da pele e/ou outros traços negroides e compartilhar de uma história comum marcada por exclusões. Ser negro é ter consciência do processo ideológico que o envolve e o aliena. “Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” (p.77). Conclui-se que a reconstrução do “ser negro” inclui a conscientização e valorização da negritude, bem como a construção política e sociocultural de sua identidade.

2.2.3 *Ser quilombola*

De acordo com Calheiros e Stadtler (2010:113), “denominar-se ou reconhecer-se como quilombola resulta de uma identidade construída socialmente, em um contexto que demarca relações de poder e em que resistem a uma posição estigmatizada, desde a escravidão até a atualidade.”. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Manuel Castells (1999) afirma que na transição das sociedades modernas para as sociedades em redes, as identidades de resistência – “criadas por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação” – têm se transformado em identidades de projeto –

⁶¹ CASTRO, Márcia Messias de. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

“quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade.” (p.24).

Desse modo, a consciência de ser quilombola é uma construção apreendida/reproduzida entre membros de determinada comunidade étnico-racial e que está diretamente vinculada a uma compreensão/assimilação a uma identidade de grupo, bem como ao compartilhamento de seus códigos culturais. Trata-se de um processo contínuo, pois, segundo Stuart Hall (2006), “[...] a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...]. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre sendo formada”. (p.38). Nesse sentido, outro questionamento feito as lideranças, relaciona-se ao entendimento que elas têm acerca de si enquanto quilombolas. Assim, segundo Taquinho:

Olha, pra mim é uma honra ser quilombola porque é uma luta, essa remanescente nossa aqui tem uma cultura muito elevada, e que pouca gente ainda sabe dessa cultura que tem dentro do remanescente de quilombo. Tem muita coisa! E nós através, por exemplo, do Irmandade Bantu a gente tem recolhido muitas coisas antigas né, muitas músicas. A gente tem levado a outros locais, a outras cidades. Essa cultura nossa é muito rica mesmo! **A gente aos poucos vai resgatando muita coisa que era dos nossos quilombolas.** (LISBOA, 2017).⁶²

Dessa forma, as práticas culturais são elementos marcantes na comunidade de Fátima, pois permitem costurar as diferentes redes que compõem e recompõem o tecido social do grupo. De acordo com o entrevistado, a luta diária pelo resgate e preservação das tradições culturais africanas, é uma forma de garantir o fortalecimento e manutenção da identidade quilombola. É interessante notar, como a memória acerca de um passado se reconfigura no presente da comunidade e a encoraja a se mobilizar, a fazer valer a luta dos que já se foram. Nesse contexto, a assimilação do que é ser quilombola aparece vinculada à ancestralidade, conforme ressalta tia Efigênia:

Quilombola é ser alegre, é não desistir nunca. Quilombola é ter a força da ancestralidade né, se nós temos hoje, nós estamos nas condições que temos hoje é porque eles não desistiram, eles persistiram. Então quilombola é isso, que mesmo no sofrimento ele tem uma alegria que vêm de dentro, **que não deixa ele esmorecer.** Isso que é ser quilombola. (CATARINO, 2017).⁶³

Desse modo, a ancestralidade é entendida, aqui, como signo da resistência afrodescendente, ao qual se faz presente e organiza a história dos afro-brasileiros, resultando

⁶² SANTOS, José Eustáquio dos. Entrevista realizada em 14/09/2017 de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

⁶³ CATARINO, Efigênia de Castro da Gama. Entrevista realizada em 12/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

num projeto sócio-político que guia inúmeros aspectos da vida e da luta por reconhecimento. Outra forma de percepção da identidade quilombola é perceptível na fala de Rosângela, a noção tradicional de quilombo que remete a um passado de escravidão e lutas. Segundo a entrevistada, ser quilombola significa assumir a sua negritude, reconhecer as suas raízes africanas:

Quilombo era pra onde os negros fugiam. E aqui nosso bairro é um quilombo urbano. **Quilombola é aceitar a nossa etnia, não renegar ser negro. Aceitar mesmo! Quem se sente um quilombola, se sente negro, se sente raiz mesmo.** (LISBOA, 2017).⁶⁴

Verifica-se, portanto, que a identidade quilombola dos moradores da comunidade de Fátima está intrinsecamente ligada a sua identificação enquanto negros. Outro aspecto relevante diz respeito à construção de vínculos de parentesco assentados em relações de solidariedade e reciprocidade, que extrapolam a consanguinidade e envolvem um sentimento de pertencimento ao território. Assim, essa noção específica de parentesco detém uma lógica presidindo as definições do que é ser parente, “ser da comunidade de Fátima” e se configura como um sinal diacrítico da relação nós/eles. Conforme destaca Conceição:

Humm...não sei te dizer o que é ser quilombola pra mim. Acho que é ser igual a Rosângela falou pra mim, a gente viver todo mundo junto aqui. **A gente fala que a negada aqui do bairro é ... Somos todos parentes! Se você olhar todos são parentes, todos somos irmãos, nós nos consideramos parentes, não tem nada de sangue mas somos parentes de coração, sabe. Acho que isso que é ser quilombola, a essência do quilombo de Fátima é esse.** (HYPÓLITO, 2017).⁶⁵

Pode-se dizer que o território faz parte do que se constitui ser quilombola, cujo processo formativo somente é possível na própria vivência em comunidade. Para além de seu aspecto físico, apresenta uma dimensão simbólica construída a partir de uma rede de relações socioculturais. Nesse sentido, o sentimento de pertença que é articulado na comunidade de Fátima se estabelece através da ligação do grupo ao território em que vivem o que configura na expressão da identidade étnica e da territorialidade (SCHMITT et al, 2002).

Conclui-se, portanto, que a identificação das lideranças enquanto quilombolas encontra-se diretamente associada ao reconhecimento da ancestralidade negra, ao compartilhamento de valores culturais, aos laços de parentesco que vai além da

⁶⁴ LISBOA, Rosângela. Entrevista realizada em 14/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

⁶⁵ HYPÓLITO, Conceição Aparecida. Entrevista realizada em 12/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

consanguinidade e ao vínculo com o território por meio do qual se preservam a coletividade e a memória comunitária.

2.3 O DESAFIO DE SER NEGRO NO BRASIL

“No Brasil, onde a cidadania é, geralmente, mutilada, o caso dos negros é emblemático. Os interesses cristalizados, que produziram convicções escravocratas arraigadas, mantêm os estereótipos, que não ficam no limite do simbólico, incidindo sobre os demais aspectos das relações sociais.” (Milton Santos, Ser negro no Brasil hoje).

O racismo estrutura todas as relações sociais e produz uma sociedade que se assenta na existência e naturalização da desigualdade. Este mecanismo que opera na sociedade brasileira legitima e engessa uma hierarquia social, porque é dentro dela que o preconceito racial exerce seu poder: privilegia o grupo étnico-racial branco (mistificado como expressão de superioridade) em detrimento do grupo étnico-racial negro (colocado no paradigma de inferioridade). Pode-se afirmar que a dificuldade em discutir a questão racial no Brasil está intimamente ligada ao processo de desmemorização das vicissitudes históricas da diáspora africana, sobretudo daquelas relativas à construção da identidade negra.

O racismo brasileiro se dá de um modo muito especial: quanto mais se nega a sua existência, mais ele se dissemina e invade as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros. Isto é, trata-se de um racismo ambíguo, essencialmente contraditório. Desse modo, pretendo mostrar as concepções das lideranças sobre: *“O que é ser negro nos dias de hoje? E quais as dificuldades enfrentadas?”*, cujo intuito é refletir como os negros experimentam desvantagens em todas as dimensões da vida social motivadas por obstrução de natureza racial.

➤ **Ser negro: lutar e resistir, sempre!**

As lideranças relataram que houve avanços, entretanto, ser negro no Brasil hoje “ainda é muito complicado”. O preconceito é mascarado, isto é, ele existe, mas não é exposto. As pessoas não se reconhecem como preconceituosas, mas revela de forma indireta, o preconceito contra os negros:

Eu não tenho preconceito. Eu tenho até (ênfase) um amigo negro! (Conceição Hypólito, 2017).⁶⁶

⁶⁶ HYPÓLITO, Conceição Aparecida. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

Outro aspecto relevante pode ser observado na fala de Márcia:

Ser negro hoje é sinônimo de **luta** e **resistência** mesmo. (CASTRO, 2017).⁶⁷

O termo luta refere-se a uma consciência enquanto grupo como parte de um discurso do movimento negro. Dessa forma, o negro é visto como aquele que relata as próprias demandas, e atua nas proposições e construções de planos e medidas que alterem o quadro de desigualdades e injustiças sociais. Já o uso da palavra resistência, expressa o compromisso em dar continuidade às lutas travadas pelos seus ancestrais contra o racismo, preconceito e discriminação racial. É resistir para reexistir! Contudo, segundo a liderança, por mais que se pregue uma sociedade igualitária, ela não existe, ou seja, é uma utopia. E está cada vez mais massacrante por conta das redes sociais, que também são utilizadas para a propagação de discursos de ódio e de intolerância às diferenças:

As redes sociais hoje, os fakes, eles entram e falam coisas horríveis a respeito né. E a gente vai a todo momento, vendo **os horrores que as pessoas são capazes de falar e de fazer por um simples “tom de melanina”**.

[...] **essa falta de conhecimento de que realmente o negro não veio somente para servir e pra trazer cultura, é o que acontece até hoje! Todas essas formas de racismo é porque nós viemos na condição de escravo. Se nós não tivéssemos vindo nessa condição, eu acho que nós não estaríamos sofrendo tanto preconceito. Essa condição de menor é o que eles tentam fazer até hoje com a gente.**

(CASTRO, 2017).⁶⁸

Além disso, o desconhecimento histórico da questão racial no Brasil, na maioria das vezes ligada apenas ao período da escravidão, reforça o mito de inferioridade do negro, introjetado na população pela cultura racista.

➤ **Enfrentando barreiras...**

Relações de trabalho e de consumo

São latentes os obstáculos encontrados pelos negros no local de trabalho. Neste caso, o preconceito racial se manifesta de forma mais perversa, na ocupação de cargos de chefia, que têm maiores responsabilidades, visibilidade e remuneração:

Quando você tem uma valorização profissional, tô falando porque eu senti na pele, eu fui cargo no governo passado e a crítica é muito grande. A gente é

⁶⁷ CASTRO, Márcia Messias de. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

⁶⁸ *Ibidem.*, pp. 104-105

criticado demais! **Eles não medem a sua competência, eles medem a sua cor!!! E a gente sente isso na pele!** [...] **Pelo cargo que ocupava que pra mim era um trabalho, eles ainda conseguiam ser preconceituosos com o lugar que eu estava ocupando.** [...] Você tem que ter aquela convicção sabe, que você é negro e cê tá ali pela sua competência e cê não tá ali pela sua cor. Você é competente! Eu não estava ali porque alguém foi lá a dedo me escolher. Estava ali pela minha competência! (Mônica Castro, 2017).⁶⁹

O preconceito está enraizado na sociedade e define a posição social do negro: empregos mal remunerados e de pouco ou nenhum prestígio. A narrativa seguinte é bastante ilustrativa de tal realidade:

Cliente: Bom dia!

Antônia: Bom dia!

Cliente: É, eu queria conversar com a contadora!

Antônia: Pois não!

Cliente: Não, mas eu queria conversar com a contadora!

Antônia: Pois não, pode falar!

Márcia: Quer dizer ela estava falando “Pois não”, então era ela né!

Cliente: Não, mas eu queria falar com a contadora!

Antônia: Pois não!

Cliente: Ela deu uma saída?

Antônia: Deu uma saída!

Márcia: Ela falou assim:

Antônia: Então vou dar uma volta aqui, fazer umas coisas na cidade. Depois eu volto aqui.

Cliente: Tá joia!

Márcia: Ai a pessoa chegava a falar, voltava:

Cliente: “Uai! E a contadora, não tá ai não?”

Antônia: **Eu estou aqui, desde a hora que o senhor veio a primeira vez, uai! Sou eu a contadora! Não perguntei o senhor “Pois não!” Pois não era eu!** Se o senhor quiser falar comigo, eu sou a contadora. Antônia, ao seu dispor!

Márcia: Quer dizer, a pessoa não acreditava que ela era a contadora. Podia ser a empregada da contadora, mas a contadora ela nunca poderia ser.

(Márcia Castro, 2017).⁷⁰

Como se pode notar, a contadora foi confundida pelo cliente com empregada do escritório por causa da cor. Tal fato permite pensar sobre as condições que os negros enfrentam simplesmente por serem negros no Brasil, o que para Milton Santos (2002) é conviver sempre com um olhar enviesado e o conformismo da sociedade em que o negro

⁶⁹ CASTRO, Mônica Messias de. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

⁷⁰ CASTRO, Márcia Messias de. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

esteja ocupando o lugar mais subalterno, isto é, a base da pirâmide social. Na mesma linha de raciocínio, Márcia conta que passou por uma situação de racismo em uma papelaria na cidade de Ponte Nova (MG).

Há dois anos atrás fui no “Becão”, finalzinho de ano, comprar um caderno para a minha filha. Esses cadernos de capa dura pra matéria mais pesada, matemática e português, acabou. Ai tô olhando...
Ai tinha lá um cara, ai eu falei:

- Queria ver uns cadernos.

Ai tinha uns cadernos de capa dura e tinha uns cadernos encapados, nem essa capa cartão, uma capa fininha com plástico verde.

Ai falei assim:

Márcia: Ah!!! Quero esse caderno não! Feio!!! Não quero esse não! Quero um caderno mais grosso, porque é pra matéria mais específica! Deixa eu dar uma olhadinha nesses cadernos ai, esses de capa dura.

Ai tinha frozen, esses negócios muito bonitos e minhas meninas adoram desenho. Apaixonadas por desenho! Eu fui e pedi ele.

Ele falou:

Vendedor: Esse aqui é mais caro!

Eu fui e olhei pra ele assim:

Márcia: Olha, estou te pedindo para ver o caderno. Não te perguntei porque ele é mais caro! Não te perguntei nada disso não!!! Eu quero ver os cadernos!!!

Ai eu olhei os cadernos e peguei esse da frozen. Mas eu queria mais coisas e pedi cartolina, cola...

Ai eu virei e falei assim:

Márcia: Aqui, quanto que deu?

Ele especificamente pegou este caderno para olhar, O CADERNO (ênfase) !!!
Eu tinha pedido ele um monte de coisa, tinha mais coisa! Ele pegou o caderno, foi lá e ficou olhando umas coisas e tal, ai disse:

Vendedor: Oh, aqui ele tá na promoção! **Ele tá mais barato, tá na promoção!**

Ai eu falei:

Márcia: Eu não te perguntei nada disso não! **Olha aqui, se eu estou te pedindo um caderno e tudo mais que está aqui, é porque eu tô com dinheiro pra pagar. Se não, não estaria te pedindo!** E além do mais, não sei se você sabe né, as pessoas do comércio tem obrigação de saber, **DINHEIRO NÃO TEM COR NÃO (ênfase)!!!**
Você vai me devolver de volta o dinheiro, não vai ser cor não?!
Ai o pai dele veio...

Pai (proprietário do estabelecimento): O que foi?

Márcia: Seu filho! Primeiro ele vem falar que o caderno é mais caro. Não perguntei nada disso pra ele! Depois veio falar que o caderno tá na promoção.

Pai (proprietário do estabelecimento): Ah, mas não foi nesse sentido não!

Márcia: Foi nesse sentido sim! Se você não sabe, eu comprei todos os cadernos de capa dura para a minha filha no início do ano. No início do ano é a época que se compra mais caderno!!! **Depois vocês reclamam e não sabem porque a sua venda vem caindo! Porque você não tem um mínimo de educação e ainda SÃO PRECONCEITUOSOS (ênfase)!!!** (...) Oh Zé Márcio, faz favor, quanto que deu a minha conta? Eu quero pagar, estou saindo...

Paguei minha conta e sai...

Então, o que acontece nessa hora??? Te vem um sentimento que eu sempre falo que é o pior de todos, que é o de ódio e que ninguém quer sentir! Não tem a pior coisa que o ódio. Ele te “come”, te corrói! Então eu sai dali, eu respondi a ele, mas por dentro meu corpo estava trêmulo, minha carne ficou mole, sabe?! Da forma o qual fui tratada por nada, por causa de um caderno?! Por que eu não podia comprar àquele caderno? **Por que que não podia pagar por um caderno? Por causa de uma cor? A minha cor manda no meu dinheiro?**

(CASTRO, 2017).⁷¹

O tratamento diferenciado dado à liderança por causa da cor demonstra como o “legado” da marginalização da população negra permanece arraigado, cuja ascensão é mínima, ou quase impossível. Isto é, no Brasil, a pobreza tem cor e é negra! Na sequência, Conceição relata um caso de preconceito experienciado na escola onde trabalhava:

- Eu nascida e criada aqui no bairro, trabalhando aqui na escola, quando a diretora falou para eu trabalhar a cultura afro, aí teve uma colega que virou pra mim, virou pra mim não, comentando com os outros:

Colega: Ela é que tem que trabalhar com isso mesmo!

- Eu cheguei pra ela e falei:

Conceição: Por que eu tenho que trabalhar com isso (ênfase)! Por que isso?!

Colega: Não Conceição, porque cê gosta de mexer com negro, cê é negra mesmo! Cê fica naquele negócio lá no Ganga Zumba, nos batuques.

Conceição: **Detalhe:** A colega é negra, entendeu?!

Colega: Isso aqui é você mesma, podia pegar a escola toda pra trabalhar.

- Pra você vê! Formada, estudada, professora, trabalha aqui na comunidade...aí essa professora trabalhando com os alunos, o que ela vai ajudar? Não ajuda, não ajuda, só atrapalha [...]!

(HYPÓLITO, 2017).⁷²

⁷¹ CASTRO, Márcia Messias de. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

⁷² HYPÓLITO, Conceição Aparecida. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

A fala da liderança evidencia um sentimento de indignação diante da postura e do comentário maldoso da colega de trabalho e chama a atenção para o fato dela ser negra e educadora. Desse modo, constata-se que o preconceito racial no ambiente de trabalho ainda é uma “dura realidade”.

A hierarquia sócio racial se mantém no imaginário social, produzindo efeitos de poder e processos de exclusão e subalternização que se realizam por meio de práticas discriminatórias explícitas ou veladas. Assim, de acordo com as lideranças, a população negra também encontra dificuldades no acesso ao trabalho, tendo em vista que as oportunidades não são as mesmas se comparadas aos brancos. Desse modo, a desigualdade racial que hoje percebemos foi historicamente construída por processos que naturalizaram a exclusão social dos negros. Quanto à dimensão das relações interpessoais, as lideranças apontaram as situações de preconceito e discriminação racial a que foram submetidas e que ainda hoje são recorrentes no cotidiano. Conclui-se, portanto, que os negros continuam enfrentando barreiras em diferentes esferas da vida social.

2.4 AS PRÁTICAS CULTURAIS RECRIADAS NO COTIDIANO DA COMUNIDADE: REAFIRMANDO A IDENTIDADE E TECENDO DIÁLOGOS

“A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade.” (GOMES, 2003, p.79).

Durante as entrevistas, algumas atividades culturais do Grupo Afro Ganga Zumba foram lembradas e tomadas como importantes no processo de autorreconhecimento da comunidade de Fátima, a exemplo, o Projeto Sociocultural Quilombola. Outras, segundo as lideranças, permaneceram e se fortaleceram após o reconhecimento, reafirmando a identidade do grupo. Nesta seção, apresentarei as principais práticas culturais que são recriadas no cotidiano da comunidade e que mantêm viva a memória dos seus ancestrais: a dança afro-brasileira, o grupo de percussão e cantoria, a capoeira, a religiosidade, a roda de samba e o encontro de crespas e cacheadas. Pontuarei também a participação do grupo em eventos institucionais e espaços de discussão como o FOPPIR e setores acadêmicos.

Dança afro-brasileira:

A dança é a capacidade humana de se mover, de se exprimir e de fazer uso de formas específicas de se movimentar. É também uma produção artística e educacional. A dança afro-brasileira se constitui enquanto um conjunto de práticas de dança de raízes africanas. Além disso, é vista como a possibilidade de encontrar um bem estar, uma autonomia do corpo, uma autonomia do existir. Desse modo, o corpo carrega uma história e é nele que se escreve a ancestralidade do indivíduo.

Durante a semana, Márcia Messias ministra a oficina de dança afro-brasileira para mulheres da terceira idade, na sede do Grupo Afro Ganga Zumba. São momentos de muita aprendizagem e descontração...

Apresentação em 2016 na Semana da Consciência Negra, no campus UFV – Viçosa/MG.

Foto 21: Rosângela – O corpo como um universo em movimento.



Fonte: Foto de Renan Marinho – NEAB Viçosa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/NeabVicosamg/photos/a.1857043987862479.1073741847.1471974029702812/1857050547861823/?type=3&theater>> Acesso em: 22 de maio de 2018.

Percussão e cantoria:

O grupo de Cantoria Irmandade Bantu⁷³, coordenado pelo Taquinho e composto em sua maioria por mulheres, desenvolve atividades de percussão e cantoria de cantigas tradicionais de louvores, amores e cotidiano do povo afro-pontenovense, que são resgatadas através do contato com pessoas mais velhas da comunidade.

Foto 22: Sons da senzala: a voz da liberdade.



Fonte: Foto de Rosângela Lisboa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=853443164789299&set=t.100000147079281&type=3&theater>> Acesso em: 22 de maio de 2018.

Capoeira:

A capoeira⁷⁴ é uma expressão cultural afro-brasileira que surgiu no período colonial. Em princípio, se manifestava em forma de dança e brincadeira nos terreiros próximos as senzalas. Ou seja, compreendia um espaço de sociabilidade para os negros vindos da África e aqui escravizados. No entanto, devido à ânsia de liberdade, os negros passaram a praticá-la em áreas de mata rasteira que cercavam as grandes propriedades de base escravocrata, tornando-se uma arma fundamental na luta contra os capitães-do-mato⁷⁵ ajudando na fuga

⁷³ Segundo estudiosos, o termo “Banto” é utilizado para identificar certa família linguística de povos africanos. “De posse de uma série de informações, vemos que “banto” é uma designação apenas linguística dos integrantes de centenas de grupos étnicos que se localizaram na grande floresta equatorial, ao longo dos afluentes do rio Congo, e abaixo dela, numa faixa que vai de Angola e Namíbia, passando pelo sul do Zaire, até o Oceano Índico. Entretanto, essa denominação se estendeu pelo uso, e hoje, sob a designação “bantos” estão compreendidos praticamente todos os grupos étnicos negro-africanos do centro, do sul e do leste do continente que apresentam características físicas comuns e um modo de vida determinado por atividades afins.” (NASCIMENTO, 2008 apud LOPES, 2006, p.33–34).

⁷⁴ Palavra originária do tupi-guarani e que faz referência às áreas de mata rasteira.

⁷⁵ Segundo Clóvis Moura (2004) “indivíduo encarregado de prender e restituir ao senhor o escravo fugido ou aquilombado.” (p.82).

para os quilombos. Desse modo, a capoeira é uma prática corporal que prima pela inter-relação de um conjunto de elementos: luta/arte marcial, música, dança e cultura. Nesse sentido, ela combina resistência com ludicidade e força com leveza. Além disso, remete seus praticantes a uma ancestralidade fundante, sendo considerada como um dos maiores símbolos de brasilidade.

O Grupo Senzala de Capoeira (Ponte Nova/MG), formado por pessoas de diferentes faixas etárias, tem como professor o mestre Leandro Méier, que ministra aulas de capoeira na sede do Grupo Afro Ganga Zumba.

Foto 23: Mestre Leandro Senzala.



Fonte: Foto de Leandro Méier. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1469953819782397&set=pb.100003033798431.-2207520000.1527111920.&type=3&theater>> Acesso em: 23 de maio de 2018.

Religiosidade:

É importante destacar a forte presença da religiosidade na comunidade quilombola de Fátima. Muitos moradores praticam o catolicismo por meio da devoção a diversos santos. Como exemplo, a Nossa Senhora de Fátima, padroeira do bairro, cuja festa é celebrada todos os anos no mês de maio. Este período representa um momento de alegria, união e muito trabalho, tanto no preparo quanto na realização do evento. Desse modo, a religiosidade e sociabilidade vividas em comunidade produzem nesses sujeitos um sentimento de pertencimento ao lugar.

Para as lideranças, o Grupo Afro Ganga Zumba é um santuário, um local de memória, uma vez que mantém viva as tradições culturais africanas. Nesse contexto, a Missa

Inculturada Afro celebrada no dia 20 de novembro, aparece com maior frequência nas suas narrativas. Trata-se de um rito em ação de graças pelo dia da Consciência Negra. É interessante notar que os cantos executados durante a celebração, compostos em sua maioria nos tempos da escravidão, são constituídos de letra e melodia que falam da cultura do negro, da sua fé em Nossa Senhora Aparecida em que já se observa a conversão de muitos ao catolicismo, além de destacar suas lutas, o sofrimento perante sua condição escrava:

Oh, mamãe, abraça eu mamãe

Embala eu mamãe, tem dó de mim

Oh, mamãe, abraça eu mamãe

Embala eu mamãe tem dó de mim.

Os ritmos e batuques que trazem alegria transportam os moradores para os tempos de seus antepassados. Em princípio, a missa inculturada acontecia na Paróquia São Pedro e São Sebastião, e era conduzida pelo Grupo Afro Ganga Zumba. Com o tempo, é transferida para a comunidade, passando a ser organizada pela coordenação da capela de Nossa Senhora de Fátima. Vale salientar que a participação do ‘Ganga’ continua intensa, sempre buscando estender o convite a outros grupos de matriz africana.

Com relação à Pastoral Afro-Brasileira⁷⁶, as lideranças enfatizaram a figura de Dom Luciano como um dos principais idealizadores, que deu forte impulso para sua articulação na Arquidiocese de Mariana. Também chamaram a atenção para o fato de não existir grupos de base da pastoral em Ponte Nova, já que uma das dificuldades é conseguir pessoas que atuem como lideranças, assumindo a discussão da negritude nas comunidades. Nesse sentido, dos sete entrevistados, apenas três participam ativamente da Pastoral Afro em nível arquidiocesano: Rosângela, Tia Efigênia e Pedrinho.⁷⁷

Outro ponto importante evidenciado diz respeito ao apoio estrutural do Padre José Luiz da Silva, que atuou como Pároco da Igreja São Pedro, bairro Palmeiras. De acordo com as lideranças, ele abriu as portas para o Grupo Afro Ganga Zumba na igreja, acompanhou de perto cada passo dado pela entidade, como o árduo período de sua construção. Trabalhou

⁷⁶ A PAB no Brasil começou a ser idealizada em 1970, no entanto, o passo importante foi dado em 1988, com a Campanha da Fraternidade (CF) cujo título era “Fraternidade e o Negro” e o lema “Ouvi o clamor deste povo!” chamando a atenção para as demandas e vulnerabilidades da população afrodescendente, que carrega consigo uma grande história de luta, resistência e persistência, tanto na sociedade quanto dentro da Igreja Católica. Tem como objetivo, valorizar as culturas e expressões; “refletir e aprofundar a realidade atual do negro: condições de vida, o acesso a moradia e educação; e por fim, fazer este sujeito ser protagonista na Igreja, integrando-o na vivência e celebração da sua fé.” (CNBB, 2008).

⁷⁷ Além dos entrevistados, outra pessoa que integra este grupo é o Jaime.

voluntariamente no Pré-Vestibular, fez parte do coral ‘Vozes do setor A’, do grupo de Cantoria Irmandade Bantu, ou seja, ele se envolvia em todas as atividades. Grande amigo, negro, que “abraçou” verdadeiramente a causa.

Foto 24: Capela Nossa Senhora de Fátima.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 25: Pedrinho, Tia Efigênia, Padre José Luiz e Rosângela.



Fonte: Foto de Rosângela Lisboa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1349556068392616&set=picfp.100000147079281.1349556061725950&type=3&theater>> Acesso em: 27 de maio de 2018.

Foto 26: A Missa Inculturada Afro.



Fonte: Arquivo pessoal.

Parceira com o PSF⁷⁸ da comunidade e o CRAS de Ponte Nova:

O Grupo Afro Ganga Zumba tem uma parceria há mais de quinze anos com o PSF da comunidade de Fátima, cujo espaço é utilizado para o desenvolvimento de atividades físicas no período da manhã e noite. A entidade também está de portas abertas para a realização de oficinas e encontros promovidos pelo CRAS e de festividades no âmbito comunitário envolvendo qualquer um dos bairros adjacentes (São Pedro, Novo Horizonte, Cidade Nova e Palmeirense), com custo zero. Segundo as lideranças, um dos objetivos do ‘Ganga’ é servir a comunidade e buscar sempre melhorias.

Eventos:

As memórias que povoam as narrativas dos moradores estão ancoradas em acontecimentos ocorridos no território de Fátima. Desse modo, para que não caia no esquecimento, ao longo do ano o ‘Ganga’ realiza alguns eventos que valorizam a cultura afro-brasileira, cuja renda arrecadada é utilizada para a manutenção da sede. Como exemplo, a roda de samba e o encontro de crespas e cacheadas.

- Roda de samba com feijoada

Promovida há dois anos na comunidade, a roda de samba com feijoada teve sua primeira edição no dia 20 de agosto de 2017. Neste ano, a segunda edição aconteceu no dia 20 de maio.

Foto 27: Foto de divulgação da 1ª edição da roda de samba com feijoada.



Fonte: Página do facebook de Márcia Messias. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1657194530980230&set=a.1526425290723822.1073741832.100000690987890&type=3&theater>> Acesso em: 28de maio de 2018.

⁷⁸ Programa Saúde da Família.

- *Encontro de Mulheres Crespas e Cacheadas*

Este evento já teve duas edições, a primeira em 2016 e a segunda em 2017. Tem como objetivo promover a valorização, autoestima e beleza de meninas e mulheres negras, através das rodas de conversas sobre empoderamento e aceitação, oficinas de penteados, de turbante e maquiagem, desfile de roupas e acessórios afros, palestras sobre cuidados com os fios e sorteios de brindes. Segundo uma das organizadoras da ação, Márcia Messias, “a ideia é mostrar a força e resistência da mulher negra, no sentido de encarar o preconceito de frente.”

Foto 28: Foto de divulgação da 2ª edição do Encontro de Mulheres Crespas e Cacheadas de Ponte Nova.



Fonte: Página do facebook de Bruno Rio Samira Lisboa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1978139555802990&set=t.100000690987890&type=3&theater>> Acesso em: 28 de maio de 2018.

Participação em eventos institucionais:

- ❖ **Agosto de 2017** – Jubileu do Senhor Bom Jesus na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição/ Bacalhau – Município de Piranga (MG):

Foto 29: Pastoral Afro reunida em Bacalhau.



Fonte: Foto de Maria José de Souza. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1190543104424912&set=t.100000147079281&type=3&theater>> Acesso em: 28 de maio de 2018.

Foto 30: Mulheres do Quilombo de Fátima.



Fonte: Foto de Nicilene Nascimento. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1134829013327823&set=t.100000147079281&type=3&theater>> Acesso em: 29 de maio de 2018.

- ❖ **15/10/17** – 129ª Festa de Nossa Senhora do Rosário/Airões – Município de Paula Cândido (MG).⁷⁹

Foto 31: A Rainha Conga (Maria José) e o Rei Congo (Pedrinho).



Fonte: Foto de Leandro Oliveira. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10210512474677272&set=t.100005015885608&type=3&theater>> Acesso em: 29 de maio de 2018.

- ❖ **Novembro de 2017** – Semana da Consciência negra na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima/Município de Ponte Nova (MG).

Foto 32: Apresentação cultural na escola da comunidade quilombola de Fátima.



Fonte: Foto de Evelyn Lima. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1357085231008329&set=t.100000147079281&type=3&theater>> Acesso em: 28 de maio de 2018.

⁷⁹ É importante destacar a coroação de Pedrinho como Rei Congo, título que denota ainda mais sua importância não só para a comunidade local, mas também para comunidades vizinhas. Essa festa foi marcada por cortejos, celebração eucarística e maracatu. A devoção a Nossa Senhora do Rosário, expressa o sincretismo religioso entre a Igreja Católica e religiões de matriz africana.

26/11/17 – Romaria do Povo Negro/Município de Urucânia (MG):

Foto 33: 70ª Festa de Nossa Senhora das Graças.



Fonte: Foto de Maria José de Souza. Disponível em: <
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=126031777447444&set=t.100000147079281&type=3&theater>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

❖ 2 e 3/03/18 – 4º Encontro Arquidiocesano de Mulheres/Município de Ouro Preto (MG).

Foto 34: “Mulher: Sal e luz – agente de transformação.”



Fonte: Foto de Maria José de Souza. Disponível em: <
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1326288417517046&set=t.100000147079281&type=3&theater>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

- ❖ **09/03/18** – Caminhada em comemoração ao Dia Internacional da Mulher/ Município de Espera Feliz (MG):

Foto 35: Mulher: símbolo de força, coragem e resistência!



Fonte: Página do facebook de Rosângela. Disponível em: < <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2068860299795519&set=t.100000147079281&type=3&theater>> Acesso em: 28 de maio de 2018.

- ❖ **12/05/18** – 10ª Edição do Dia da Cidadania/Município de Ponte Nova (MG):

Foto 36: Apresentação cultural do Grupo Afro Ganga no evento social em Ponte Nova.



Fonte: Jornal e rádio *O Espeto*. Disponível em: < <http://jornaloespeto.com.br/artigo/sucesso-total-no-dia-da-cidadania-em-ponte-nova>> Acesso em: 28 de maio de 2018.

FOPPIR – Fórum pela Promoção da Igualdade Racial:

Também é relevante salientar a participação do Grupo Afro Ganga Zumba no FOPPIR, um evento que teve início em 2004 na cidade de Barbacena, resultado da parceria entre o Fórum de Igualdade Racial de Ouro Preto, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbacena, Instituto Universo Cidadão de Viçosa e Movimento Fé e Política da Arquidiocese de Mariana. Trata-se de um evento de articulação e proposição de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial, no qual reúne mais de vinte entidades, movimentos sociais e grupos de discussões de diversos municípios de Minas Gerais.

Segundo as lideranças, o FOPPIR possibilitou a integração social para o interior do estado, uma vez que as discussões em torno de questões relacionadas à saúde, educação, cultura, religiosidade, juventude, mulher, comunidades quilombolas, etc., não eram levadas as entidades municipais. Além disso, ressaltaram a atuação no FOMENE (Fórum Mineiro de Entidades Negras)⁸⁰, que vem conquistando cada vez mais visibilidade através dos trabalhos desenvolvidos na Arquidiocese de Mariana como encontros, marchas, etc., abrangendo também Belo Horizonte.

Foto 37: Apresentação da tia Efigênia no 11º FOPPIR em Cataguases (MG).



Fonte: Mídia mineira. Disponível em: < <http://www.midiamineira.com/2017/11/11-forum-pela-promocao-da-igualdade.html> > Acesso em: 30 de maio de 2018.

⁸⁰ Comissão organizadora do FOPPIR.

Outros espaços de discussão:

As lideranças destacaram ainda a participação nos debates promovidos pelos setores acadêmicos e a importância dessa proximidade, visto tratar-se de espaços de discussão e reflexão, de escuta e troca de experiências. Também chamaram a atenção para o fato de as escolas não proporem esse diálogo, já que na maioria das vezes, o convite é feito somente na semana da consciência negra, complementando a programação, através de uma apresentação cultural.

2.5 O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL

“É a voz feminina que carrega a tradição, preserva a memória, que conserva costumes, que define valores, que pauta a ética dos seres comuns, que delimita o Eu e que conta, e reconta, um conjunto de histórias que à História urge conhecer.” (FONSECA: 2003, p. 8).

Faço aqui uma breve análise da participação das mulheres na história da comunidade quilombola de Fátima.

Os relatos dos entrevistados evidenciam que as mulheres tiveram um papel fundamental na estruturação social da comunidade. Tinham as rezadeiras, as benzedeiras e as parteiras, que eram tidas, também, como lideranças, sendo lhes devotado um respeito por toda a população local.

Dona Lourdes (mãe de Tia Efigênia), Dona Carmelita e Dona Maria Pereira, foram citadas como exemplos tanto no cuidado dos filhos quanto do trabalho nas lavouras de café. Quando elas estavam no seu direito, não se intimidavam perante os fazendeiros:

[...] Se dava um vale que elas recebiam pelas ‘panhas’ de café, que elas juntavam e recebiam no final de três meses e compravam roupa de ano em ano, coberta, tudo era de ano em ano. Então quando ia acertar, elas não calavam e não abaixavam. Tava errado e elas falavam que tava errado, e tava errado mesmo! (Tia Efigênia, 2017).⁸¹

Cabe enfatizar ainda, que ficava a cargo de Dona Lourdes guardar a chave da capela. Outras figuras importantes citadas nos relatos foram Dona Adelina Prateado (avó de Taquinho), que representava forte liderança dentro da comunidade e “Mãe Quininha” que conduzia sozinha o Congado União Nossa Senhora do Rosário.

⁸¹ CATARINO, Efigênia de Castro da Gama. Entrevista realizada em 12/09/2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

Além disso, tem a Dona Sinhá que aprendeu a aplicar injeção, sem curso, e sempre que necessário atendia os moradores. Junto com Dona Maria do Carmo, foi lembrada como uma das mulheres mais velhas da comunidade de Fátima, que continua viva:

[...] Ela aprendeu vendo uma pessoa aplicar. Ai ela aplicava injeção em todo mundo da comunidade. Então não tinha hora, passava mal, tinha que aplicar uma injeção, eles corriam na casa de Dona Sinhá. (Mônica, 2017).⁸²

As mulheres sempre estiveram na linha de frente dos principais acontecimentos dessa comunidade. O próprio Grupo Afro Ganga Zumba foi criado e organizado pelas mulheres, com exceção de Pedrinho, única referência masculina. Pode-se afirmar que os momentos mais decisivos do ‘Ganga’, foram e são marcados pela presença feminina na presidência.

É interessante notar como este território é repleto de narrativas das histórias de vida de mulheres batalhadoras, guerreiras por natureza e conhecidas como detentoras de saberes tradicionais. Mulheres estas que deixaram um importante legado. Por fim, dando continuidade aos passos de suas ancestrais, as mulheres seguem trilhando caminhos de luta e resistência.

⁸² CASTRO, Mônica Messias de. Entrevista realizada em maio de 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção neste trabalho foi estabelecer um diálogo sobre questões que envolvem os temas da memória, identidade e reconhecimento. Procuramos demonstrar como ocorreu o processo de construção identitária de lideranças do bairro Nossa Senhora de Fátima. Nesse sentido, o uso da história oral, da literatura pesquisada e de entrevistas, nos ajudaram a coletar informações sobre o bairro, privilegiando as visões de mundo e experiências mais profundas dos seus atores sociais. É importante salientar que, em 2007, esta comunidade quilombola teve o seu reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura. Tudo isto só foi possível, a partir da emergência do Grupo Afro Ganga Zumba, entidade negra que teve uma importância fundamental na mobilização da comunidade.

Foi diagnosticado que no período da infância e adolescência, as lideranças não tinham uma autoestima elevada, já que ser negro era sinônimo de inferioridade, de desconfiança e de exclusão. Não havia menção da questão racial no ambiente familiar. Desse modo, cresceram acreditando que todas eram iguais, tendo em vista que a diferença aparece como um valor somente depois da tomada de consciência do seu pertencimento. As experiências vivenciadas no ambiente escolar confirmam que existe uma diferença circunscrita nas corporalidades sobre as quais recai o preconceito e a discriminação. Nesse sentido, a escola aparece como um espaço em que as representações negativas do negro são difundidas e reproduzidas.

Verificamos que o despertar da consciência racial e o reconhecimento da identidade negra se deram a partir do engajamento no Grupo Afro Ganga Zumba. Nesse sentido, a inserção das lideranças no movimento negro contribuiu de forma significativa com a valorização e autoafirmação da sua identidade. Já a consciência de ser quilombola está diretamente ligada a sua etnicidade negra, ao compartilhamento de códigos culturais, ao vínculo com o território e aos laços de parentesco que vai além da consanguinidade. Sobre o desafio de ser negro hoje, mostramos que as desigualdades vivenciadas pelas lideranças em diferentes esferas da vida social são frutos de uma estrutura racista que coloca a população negra em uma posição de subalternidade.

No decorrer da pesquisa, identificamos algumas atividades culturais promovidas na comunidade por meio do Grupo Afro Ganga Zumba. Mostramos como esse trabalho de valorização e preservação da cultura afro-brasileira, contribui para o fortalecimento da identidade coletiva. Vale acrescentar a participação do grupo em eventos institucionais

(religiosos, escolares, de cidadania, etc.) e espaços de discussão (FOPPIR, faculdades, universidades).

Observamos o protagonismo das mulheres na construção da história local. Algumas conseguiram se destacar como lideranças e tiveram um papel fundamental na estruturação social da comunidade. Já outras continuam trilhando o caminho de luta e resistência, trazendo novas conquistas, como exemplo, a criação do Grupo Afro Ganga Zumba.

E assim, diante do exposto, concluimos, que a construção do ser negro e quilombola se deu a partir de várias marcas como a descendência, as práticas culturais, o sentimento de pertença, a memória coletiva e a entidade da qual fazem parte. É importante ressaltar que as experiências vividas nos vários espaços sociais pelas lideranças, a percepção do olhar diferenciado, interferiram na constituição de suas identidades.

Dentre as lições que levamos do trabalho empreendido, uma é a de que existe um sentimento de dever, presente nas lideranças, em manter vivo o legado cultural africano, o que torna a comunidade de Fátima um foco de resistência negra no município de Ponte Nova. Ressaltamos ainda que essa oportunidade de nos aproximarmos da comunidade foi uma experiência ímpar. A força, a alegria, a união, a esperança desse povo é contagiante. Nosso trabalho nos desafia a mais “mergulhos”, as outras investigações e estudos no mesmo contexto. Temos consciência das restrições que se apresentaram como problemas na monografia, as quais também são as lições que tomamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). Quilombos, identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 43-81.

ARRUTI, José Maurício. Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru, SP: Edusc, 2006.

_____. Quilombos. In: PINHO, O., SANSONE, L. (Org.). Raça: perspectivas Antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008, pp. 315-350.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BRASIL. Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003. Dispõe sobre Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm> Acesso em: 24 de jun. de 2018.

CALHEIROS, F. P. & STADTLER, H. H. C. (2010). Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. Revista Katálisis, 13(1), 133-139.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Um Conceito Antropológico de Identidade. In: _____. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976. p.33-52.

CARVALHO, Jarbas Sertório de. Aspectos da indústria açucareira no município de Ponte Nova. Instituto Pontenovense de História. Ponte Nova, 1954.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Pastoral Afro-Brasileira: Princípios de Orientação. Brasília: Edições CNBB, 2008

ELABORANDO PROJETOS. Disponível em:
<<https://www.elaborandoprojetos.com.br/como-uma-ong-pode-se-organizar/#.WyVt49JKjIU>> Acesso em: 17 de jun. de 2018.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, M. M. (Org.). Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

FERREIRA, R. F. (2002). O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. *Psicologia & Sociedade*, 14(1), 69-86.

_____.; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). Usos & abusos da história oral. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FILHO, Antônio Brant Ribeiro. Ponte Nova 1770 a 1920. 150 anos de história. Viçosa – MG: Ed. Folha de Viçosa Ltda, 1993.

FOMENE. Fórum Mineiro de Entidades Negras. Disponível em:
<<http://www.fomene.org.br/2017/>> Acesso em: 30 de maio de 2018.

FONSECA, Denise Pini Rosalem da. Cultura e Sustentabilidade: uma conversa inicial. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, n.10, p. 08-16, 2003.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03 – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

_____. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.23 maio-ago.2003.

_____. Educação e identidade negra. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296/1392>> Acesso em: 24 de abril de 2018.

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educ. Pesqui. vol.29 no.1 São Paulo Jan./ Jun 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012> Acesso em: 24 de abril de 2018.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

IBGE, Ponte Nova Minas Gerais. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ponte-nova/panorama> >. Acesso em: 02 de out. de 2017.

LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. Antropologia e direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Brasília/ Rio de Janeiro / Blumenau: Associação Brasileira de Antropologia, Nova Letra, 2012.

LOPES, Nei. Novo dicionário banto do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LÓPEZ, L. C. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. Comunicação, saúde, educação, v. 16, n. 40, p. 121-134, jan./mar. 2012.

MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão negra no Brasil. São Paulo: Ed. USP, 2004, p. 82.

MUNANGA, Kabengele. (2009). Negritude: Usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa oficial, 2006. p. 117-125.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Cultura em Movimento: Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFV, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade étnica, identificação e manipulação*. In: OLIVEIRA, R.C. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Editora Pioneira, 1976.

POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

_____. "Memória e identidade social". In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. In: RIBEIRO, W. C. (org.). *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SASSE, Tânia.; COTA, Luiz Gustavo Santos; SILVA, Emerson de Paula. *E-book Cultura Afro em Ponte Nova: por uma pedagogia étnico-racial*. 2013.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889.pdf>> Acesso em: 10 de maio de 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983

THEODORO, M. *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*, Brasília: Ipea, 2008.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. In: *História Oral*, n.5. São Paulo: ABHO, jun 2002.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS REALIZADAS EM MAIO DE 2017

1º MOMENTO – ENTREVISTA INFORMAL

Entrevistada: Márcia Messias de Castro.

Fale sobre você

Meu nome é Márcia e sou monitora de dança afro, não especificamente só aqui do Ganga Zumba, comecei aqui no Ganga, mas ao longo do tempo né, foi me levando a ser monitora de dança afro. Nos últimos tempos eu tenho um projeto aqui que é como voluntária né, eu trabalho com dança afro na terceira idade e trabalho com remuneração com dança afro também na cidade de Oratórios. Eu falo que há muitos anos atrás, quando o Ganga começou há vinte e nove anos atrás, ano que vêm faz trinta anos, quando a gente começou a dançar e tudo, dois anos depois a gente já pensou em disseminar: eu, Maria Luiza, Ronilda né tia Efigênia, já pensamos que não poderia ficar só com a gente. Àquilo tava fazendo tão bem pra gente, que a gente tinha que passar para a comunidade. E a nossa visão naquela época foram as crianças e os adolescentes do nosso bairro. Primeiro nós começamos com os mais próximos e até atingiu outros que não tinham nem proximidade, assim de vivência com a gente né, só moravam no mesmo bairro nessa região toda.

Eu lembro quando Luiza falou assim: “Oh Márcia, será quando que a gente vai conseguir ter reconhecimento como monitores de dança afro, reconhecimento financeiro?” Porque como reconhecimento na comunidade, principalmente na nossa, a gente já tinha um super reconhecimento né. E que ao longo do tempo foi se estendendo para o Município, para o Estado, para o Governo Federal, ao longo dos anos das experiências nossas né, e a gente pensava e eu lembro que eu falava assim: “Gente, isso é uma utopia! Ninguém nunca vai dar uma trela pra gente ganhar dinheiro com isso!” Porque todos os lugares que a gente era chamado, era pra fazer de graça. E nós com aquele afã de difundir o que a gente tinha começado de forma instintiva, porque nenhuma de nós é formada em dança, instinto mesmo de ancestralidade que veio ali em todas nós, não foi só em mim né, eu tô citando eu, Luiza e Ronilda porque a gente tinha uma responsabilidade coreográfica de fazer as coreografias, de manter o grupo unido e sempre com coreografias novas. Ai eu pensei: “Gente, nós nunca vamos...esquece isso! Vamos dançar por dançar, porque a gente nunca vai receber.”

Então quando em 2007 abre o processo seletivo aqui do CRAS de Ponte Nova, e eu sou selecionada como monitora de dança, e pela primeira vez na minha vida ter remuneração, quer dizer, isso há dez anos atrás, vai fazer dia seis de maio que eu fui admitida aqui na Prefeitura Municipal de Ponte Nova, eu vi que era uma realidade, que estava se tornando uma realidade, apesar de muitos anos depois né, mas era quer dizer, depois de vinte e nove anos né, eu tava recebendo minha primeira remuneração. Mas também foi muito bom enquanto essa remuneração veio e eu pude expandir mais a questão da dança afro.

Nesse período eu dei aula aqui em Ponte Nova, mas eu dei aula em Jequeri, dei aula em Oratórios, dei aula em Urucânia, dei aula no Gramma, tudo com dança afro brasileira né. Todos os projetos eram voltados ou pra área social, ou pra área educacional né, na Lei 10.639 que era pra trabalhar a História da África né e História do Brasil, dos afro-brasileiros, se viu a necessidade de difundir não só com palavras, mas com ações culturais né, o que era, o que o negro tinha trago para o Brasil e o que a gente tinha feito desse processo. Então eu falo que hoje, eu sou monitora de dança afro com muito orgulho! É o que me sustenta, a minha família, há dez anos. Não penso em parar, só penso em continuar nessa minha jornada como monitora de dança afro.

Militância

Na verdade essa militância...

Eu acho que desde nova a gente tinha uma militância, não nessa questão voltada para a cultura afro brasileira. Mas a gente sempre teve militância enquanto jovem dessa comunidade. A minha primeira ação que eu me lembro como jovem dessa comunidade, foi pintar nossa capela. Eu acho que tinha uns treze anos mais ou menos pra quatorze né, quando a gente tinha gincana que funcionava aqui no mês de julho, porque o Padre José Alvarenga, o nosso mês de Maria não era em maio, era em julho, porque ele não admitia que a comunidade fizesse no mesmo mês que Palmeiras né, pra ele poder vim vistoriar. Aquele antigo regime católico de vistoria, que ficava com o “olho em cima” da comunidade, mas nós somos sempre nessa comunidade, desde muito tempo, guerreiros enquanto jovens, porque a gente sempre “peitou” ele nessa questão de fazer a nossa festa de Maria em julho e de fazer barraquinha para angariar fundos. Nós tínhamos um fundo que era nosso.

Mas de contribuição mesmo a gente não tinha muita coisa. A gente contribuía com coisa pra fazer um quibe, pra fazer uma coxinha né. A gente não dava dinheiro, mas a gente contribuía com as coisas. Então, nós tínhamos esse mês de festa em julho e nós fazíamos uma gincana, e aí começou nossa militância. Começou minha militância enquanto moradora do bairro, querer o melhor para o nosso bairro. Eu sempre quis o melhor para o bairro de Fátima. Sempre quis, sempre vou querer o melhor, porque quanto melhor, melhor vai ser para as minhas filhas que moram nesse bairro e que gostam de morar aqui também. Então eu comecei mesmo nessa questão né, como militante e na nossa época não existia esse nome “Pastoral da Juventude”, mas era uma pastoral porque unia os jovens, fazíamos gincanas... e nós pintamos a capela pela primeira vez. Suja, imunda, jogada, largada né, a gente conseguiu pintar a capela pela primeira vez.

Breve histórico do surgimento do Grupo Afro Ganga Zumba

(...) Mas surge a militância como cultura mesmo afro-brasileira, o Ganga Zumba em 1988. No final de 1987 para 1988 quando Dodora Costa né, professora, amiga nossa de família, leva uma proposta pra gente. Rosângela tinha um salão, não sei se ela te contou, ela tinha um salão ali embaixo e Dodora frequentando o salão, nós também frequentando o salão, alisando o cabelo com pente quente né. Então nós frequentávamos o salão de Rosângela e Dodora apareceu com essa demanda. No dia estávamos eu, Rosângela, Rita, não sei se Luiza tava, Ronilda estava eu lembro e Rita era manicure no salão nessa época. A gente conversou e ela deu essa proposta de fazer um grupo pra gente fazer uma manifestação dos “100 anos da Abolição da Escravatura” que era 1988. Ai ela marca uma reunião pra gente encontrar. As adolescentes da época né, eu Luiza, Ronilda, cada família levou a sua irmã ou levou a sua prima ou levou uma amiga. Então, no final nós eramos dezesseis adolescentes. E as duas eram já adultas, Dodora e Rosângela.

(MENINAS): Mas o que é Dodora que você quer propor?

(DODORA): Então, eu pensei na gente manifestar com dança, já que vocês adoram dançar.

(MENINAS): Mas o que nós vamos dançar?

(DODORA): Então, fiz uma pesquisa e nós vamos dançar, dança afro-brasileira (as meninas danaram a rir).

(MENINAS): Ohhh Dodora ficou doida! Que que isso Dodora??

(DODORA): Ahhh é mistura de axé, com samba, com funk.

(MENINAS): Ohhhhhh, ela pirou! Cê nem sabe o que é Dodora e quer que vamos dançar esse negócio!

(DODORA): Gente, mas vocês estão dançando axé e é trem lá da Bahia.

(MENINAS): É trem lá da Bahia! Bahia é enorme e o que nós sabemos é axé!

(MÁRCIA): E aquilo ali nós ficamos. Meu Deus do céu! Minha Nossa Senhora! Pronto...

Na época realmente o axé tava bombando né, tava assim no auge, os grupos de axé, o axé tava surgindo, fez trinta anos o axé ano passado e o Ganga faz trinta ano que vêm. Então é como se o axé tivesse fazendo o primeiro ano de sucesso sendo plantado na Bahia e difundido no Brasil, e a gente conhecendo também o novo ritmo. E nessa época os grupos de Olodum, Ilê Aiyê e Reflexu's da Mãe África eram os grupos que cantavam músicas de protesto né, protestos contra o racismo, contra o preconceito racial, contra a injúria... Ah! contra toda forma de preconceito com o negro! E aí a gente adorava dançar todas as músicas. Então a gente pegou as músicas que a gente achou mais de protesto, e a gente começou a coreografar.

(DODORA): Só que antes de começar a coreografar, antes disso vamos resolver, vamos escolher um nome? Porque eu já quero começar a falar do grupo antes da apresentação (que era treze de maio de 1988, do ano seguinte).

A gente frequentava também no Palmeirense nessa época uma gincana. A nossa juventude foi bem rica, porque hoje não existe nada né! Então era uma gincana que acontecia todas as sextas-feiras no Palmeirense, e a gente já tinha uns três anos que tinha esse grupo, chamava “Cambalacho”. Que era o mesmo grupo das mesmas meninas, que estava também começando nessa nova empreitada.

Então a gente em dezembro, pediu lá uma prova, era fazer uma apresentação que represente os 100 anos da Abolição da Escravatura. Parece uma coisa tão boba, porque as provas eram sorteadas, a gente não sabia que prova ia fazer, mas justamente essa prova saiu para o “Cambalacho”, saiu pra gente. Então nosso primeiro contato que eu falo que foi com dança

afro-brasileira, foi nessa data. Foi no final de dezembro, a gente apresentou uma música que eles falam que é até um conto de candomblé, chama “Embala eu” na voz de Leci Brandão.

(MENINAS): O que vamos usar, o que vamos usar?

Nós amarramos lençol branco, saímos catando pela família a fora e amarramos lençol no corpo, e na cabeça. E fizemos a coreografia na casa de Rosângela (risos). Tudo era na casa dela! Eu falo que Taquinho é uma benção, acho que outro homem não tolerava o que a gente fazia (risos). Tudo era lá! Lá tinha uma parte de fora que era metade do palco, mais um pouquinho da metade do palco (fazendo gesto em direção ao palco da sede do Ganga Zumba), que era cimentado. E era ali que a gente fazia a coreografia, a gente dançava no fundo da cozinha da casa dela e nós fizemos a coreografia do “Embala eu”.

E ali eu fui e falei com as meninas: “Oh gente, acho que não é essa linha que nós vamos ter que trabalhar da coreografia que a gente fez lá no Palmeirense do “Cambalacho”. Mesmo assim continuamos fazendo, Banda Reflexu’s.

Ai um dia falei assim: “Oh Rosângela, o pessoal, todo mundo tá comentando que já sabe que música nós vamos dançar!” E nós queríamos ser especial, diferente né. O negócio nosso é que queria se mostrar, queria aparecer! Ponte Nova inteira, dia treze de maio, Palmeiras... ai você já viu!

(MÁRCIA): Rosângela, vamos lá para a discotape!

(ROSÂNGELA): Vamos, vamos para a discotape hoje e vamos variar uns trem diferentes!

Partiu eu e a Rosângela para a discotape. Chegamos lá e pedimos todos os artistas negros que tinha o LP na época (na época tinha dezesseis anos). Estamos escutando... pega um, pega outro e nada! Achamos uma música linda, um samba de Alcione chamava “Nosso Nome: Resistência”. Ai pegamos um de Martinho da Vila que tinha uma música que ele tinha feito, ele ficou muito tempo em Angola né, ele tem Angola como seu segundo país né, e ele fez uma música chamada “Som africano” em dialeto, não me lembro na época, nem sei que dialeto é. Nós escutamos e ficamos malucas! Nossa um batidão e ele rápido, um grito fino no fundo da música...Ai a gente já tava imaginando mesmo como iria fazer a coreografia. Ai pegamos ele e numa ligação também com a África, Djavan gravou o hino da África “Nkosi

sikelel’iAfrika”, que é uma coisa mais tranquila, mas tem uma marcação que ele gravou lá, não sei se é na Angola ou no Moçambique que ele gravou, e tem todo um instrumental que ele usou foi de lá, e as vozes também que faz a segunda voz com ele na primeira, são africanas também.

Então a gente deixou de lado todo o axé com seus protestos, e aderimos a uma nova música, que uma foi “Nkosi sikelel’iAfrika”, “Som africano” e esse samba de Alcione chamado “Nosso Nome: Resistência”. E a gente apresentou dia treze de maio de 1988 na Praça de Palmeiras. Nós conseguimos camisa né, a gente não tinha nada e a gente não usou a camisa antes não. Todo mundo sabia que o grupo chamava Ganga Zumba, porque foi numa escolha democrática né, no fundo da casa de Rosângela. Todos nós ficamos juntos né, marcou um dia para a reunião. Nesse dia se eu não me engano Flávio foi, Olegário, falecido Caetaninho que é quem deu este nome, Rosângela, Taquinho, eu. Tinha mais gente da comunidade: Carmen, Cida, Jaime. Tinha mais adultos, mas tinha nós também, os adolescentes. Mais adolescentes! E tinha esse povo, Dodora, Conceição irmã de Rosângela também tava. E Dodora convidou Caetaninho, Olegário como representantes de matrizes africanas. Porque nós do lado de cá (bairro de Fátima) todos éramos católicos, e a gente nem tinha noção e nem assim muita vivência da nossa própria história. Já que na escola não ensinou nada disso pra gente.

O único herói que a gente conheceu foi Zumbi. Não tinha história, não contava nada e só que era escravo, e que ele era um revoltado. E que criou o quilombo e Alagoas, e mais nada! É o que eu sempre soube! E mais nada! A gente não sabia mais nada, a gente só sabia isso! Então, ela convida os dois e apareceram os nomes: Ganga Zumba, Zumbi, Resistência...Eu lembro que foram quatro ou cinco nomes. As pessoas que já vieram com nomes. E nós não tinha nome nenhum. O nosso negócio era outra coisa. Tá ali observando e também não tínhamos nome porque a gente não sabia, a gente não tinha noção, a gente nem sabia o que aquilo ia dar. A gente não sabia que iria virar isso que é hoje. Ai olhamos e todo mundo deu o seu nome.

“– Oh gente, nós vamos fazer uma eleição. Vão ter uma votação (...).”

Ai ganhou o Ganga Zumba. E agora, quem é Ganga Zumba?

Não sabíamos, escolhemos o nome porque gostamos do jeito que soou o nome. Uma que achamos Zumbi batido. Tudo era Zumbi! O Ganga Zumba parecia que tinha uma força, sabe. E aí eu lembro que a maioria de nós, das adolescentes escolheu esse nome, sem a gente

conversar entre nós. Não teve combinação de voto, não teve conversa! Porque assim que acabou de falar isso, todo mundo pegou, já tinha lá... Dodora já tinha pensado nisso tudo! Todo mundo tinha uma caneta e um pedaço de papel pra escrever no seu cantinho e colocar na caixinha. Aí Caetaninho vêm contar a história de Ganga Zumba pra gente. Que ele sabia e depois a gente foi aprofundar mais. Que Ganga Zumba era tio de Zumbi né! E nessa hierarquia quem recebia o trono era o sobrinho e não era diretamente o tio. Mesmo porque os dois foram juntos para Palmares, fundaram Palmares, mas Ganga Zumba tinha uma ideia de paz. Ele queria a paz entre os holandeses, parar com aquela guerra, pois, a guerra tinha matado muitos negros. Tinha matado muitos brancos, mas tinha matado muitos negros. Então ele queria a paz. Nessa questão de querer, os holandeses propõe pra ele sair de Palmares por uma terra boa que ele pudesse plantar, que ele pudesse colher e que alimentasse o povo dele e ficasse sem ter guerra. Então mais uma vez, ele foi enganado pelos brancos. Porque ele foi para uma terra que não plantava, que não colhia e o povo foi morrendo de fome. E na verdade foi uma forma de minar e chegar até Zumbi para matar.

Então quando eles invadem o quilombo, foi pra massacrar. Não foi pra deixar nada não, foi pra matar! Todos eram iguais: crianças, adultos, jovens, adolescentes e a cabeça de Zumbi. Essa tinha que rodar para todo lugar. Se me engano, ele acabou também se apaixonando por uma mulher branca. E ele tinha a mulher dele que era negra, Dandara. Mas também tinha uma mulher holandesa que ele se apaixonara e teve filhos com ela. Mas também tem essa questão, essa história de mais uma vez ter sido enganado pra poder chegar no objetivo que eles queriam, que era acabar com o Quilombo de Palmares que era o maior de todos né.

Não que não tivesse outros lugares (...) pra Minas tinha quilombo, todo lugar tinha! Mas o maior quilombo de todos era o de Palmares e era Zumbi o líder que brigava, e lutava com muita força. Um capoeirista maravilhoso né! Ele se defendia muito bem, matava com os pés! Então a gente vêm naquela questão de se apresentar né, com o apoio do falecido Sette de Barros. Pra falar a verdade ele foi o prefeito que acreditou na nossa loucura né, que começou, só da gente explicar em pouco tempo ele recebeu a gente, e a gente conversou com ele e disse: Ah, eu vou apoiar sim!

(DODORA, ROSÂNGELA...): A gente escolheu o treze de maio e está tendo um tal de vaquejada.

(SETTE DE BARROS): Não tem problema! Nesse dia não tem vaquejada, só tem Ganga Zumba!

Então isso deu pra gente uma solidez. Porque recém começados, na primeira apresentação estava tendo a semana da vaquejada. Mas nesse dia não teve. Esse dia teve somente nós. Somente nós na praça para uma apresentação não mais que vinte minutos. Eu lembro disso como se fosse hoje, né. Todos aqueles shows, aqueles negócios todo e ele foi jogando para os outros dias, e deixou esse dia pra gente. Então ele apoiou a gente nesse sentido e no financeiro também. A gente queria roupas, a gente queria as coisas, a gente queria se apresentar bacana e tudo mais. E ele mandou a gente fazer um orçamento. E esse orçamento era responsabilidade minha e de Rosângela. A gente fez os orçamentos, olhamos as roupas, as confecções de tudo né, ajudamos... e todo mundo costurando! As meninas também do nosso grupo, tinha gente que já costurava, Ronilda, Angélica, Luiza, e já tinha uma noção de costura e ai foi juntando todo mundo, nós fomos costurando e fizemos nossa primeira apresentação.

No outro dia também custeou a nossa camisa, nós saímos claro né (risos) em Palmeiras com uma blusinha, aqui do lado era uma corrente, eu lembro como se fosse hoje e escrito “Ganga Zumba”. Nesse longo tempo muita gente querendo explorar né. A gente como um grupo que nunca tinha feito aula de dança, e dançava perfeitamente como a gente dançou, com coreografias criadas por nós mesmos assim ... isso foi um espanto!

Nessa época tinha muita escola de dança em Ponte Nova, famosa. Nós tínhamos Virginia Bartolomeu, Mônica Quiroga e todas duas queriam explorar e nós saímos é fora! Porque elas queriam que a gente participasse do festival, mas não falasse o nome do grupo. Se não fosse pra falar o nome do nosso grupo, então pra nós não era negócio. Aquela tal boa vontade de emprestar uma sala pra nós, pra gente fazer numa sala de espelho foi como os holandeses fizeram com Ganga Zumba. Da mesma forma! Era uma forma de minar a gente como grupo. Porque se a gente tivesse aceitado fazer isso, a gente não tava aonde a gente tá hoje, a gente teria já terminado. A gente teria se vendido! E a gente entrou lá deslumbrado, realmente uma sala linda, pra quem dançava na pedra “fincuda” num fundo de pátio, pra nós era ótimo, era maravilhoso ensaiar naquele lugar. Então quando ela falou aquilo, eu e Luiza falamos assim: “Ah não, então não vai dar não.”

Ai ela falou assim: “Dodora, você tem que conversar com as meninas.”

Ai Dodora: “Eu vou conversar com elas não! Elas tem visão do que elas estão querendo. Isso é a noção do que elas estão tendo. Eu não vou convencê-las a ficar aqui, sendo que não estão sentindo bem. E sua proposta é indecente! Elas estão certas! Elas é que dançam, eu não mexo nessa parte. Eu tô só né para direcioná-las.”

Ai eu e Luiza não aceitamos. Ai Mônica Quiroga nos chamou anos depois, e queria a mesma coisa.

(MÁRCIA E LUIZA):

- Eu vou pular fora! Nós vamos continuar pulando e dançando pra todo mundo.

Ao longo desses anos, como dança afro, nós já frequentamos acho que todas as paróquias da cidade, todos os clubes da cidade, sedes sociais, todas acho que a gente já dançou como ‘empréstimo’ para ensaios. As duas escolas da rede salesiana, tanto faz “Normal” como o “Dom Helvécio” pra tudo! Tudo que eu falo é tudo mesmo: espetáculo de dança que a gente já fez, poesias africanas né. A gente já fez um baita coisa viu! Muita coisa! E todas as vezes que a gente precisou de palco de teatro, a gente não teve não como resposta. A gente teve sim como resposta, acreditando no nosso trabalho! Depois a gente ficou só com dança né, fizemos um grupo infantil e saímos por esse mundo de ‘Meu Deus’ ai, recarregando menino dos outros com nós, comendo cada trem maluco. Nossa, meu Deus do céu! Já levamos esses “bichos” pra todo lugar. Ah! não tem uma cidade dessas daqui que a gente não passou! E quando não era com nós, adultos, era com as crianças. Ou as duas coisas juntas né. O que a gente pôde fazer, a gente fez!

Nesse longo tempo, também tivemos muitos holandeses né. Mas como a gente acredita no ser humano e que coisas boas acontecem, uma hora acontece boa, outra hora acontece ruim, nós levamos assim mesmo.

O que é ser negro nos dias de hoje?

Ser negro hoje é sinônimo de luta e resistência mesmo. Porque por mais que se pregue uma sociedade igualitária, ela não existe. Ela é uma utopia. E hoje ela está mais massacrante porque a gente tem ai nas mãos, as redes sociais. As redes sociais hoje, os fakes, eles entram e falam coisas horríveis a respeito né. E a gente vai a todo momento, vendo os horrores que as

peessoas são capazes de falar e de fazer por um simples ‘tom de melanina’. Então eu falo que hoje, o negro é ainda sinal de muita resistência. Eu só fico mais feliz, quando eu vejo as minhas filhas porque elas tem posicionamento né. Posicionamento que eu demorei dezessete, dezoito anos pra ter, as minhas filhas já tem. Elas são negras, já sabem da história e sabem contar um pouco da história muito melhor que eu. Porque eu não sabia nada! A gente não tinha noção da nossa própria história! A gente não sabia quem era os nossos heróis. A gente não sabia quem lutou por nós! Porque não foi só Zumbi! Não foi só Dandara!

E ao longo do tempo foi cada vez tendo mais personagens. Quando eu fui pela primeira vez num encontro aqui na Zona da Mata Mineira, me deparei lá com pessoas do Movimento Negro do Brasil, que começou com muita força em São Paulo, pois, os movimentos negros mais antigos são os de São Paulo. Quando você vê eles contando lá atrás, eles também são os nossos heróis.

(...) E a gente fica mais triste nessa questão, porque nossa história é de muita oralidade. E o que nós temos hoje e que a gente sabe, é porque a gente leu livros específicos. Então os livros didáticos tem que ter autores específicos, pois, eles estudaram a fundo, pesquisaram a fundo a história de cada um, daquele que fez parte dessa resistência. Então se eu sei hoje, é porque li um livro, é porque sou interessada, eu ganhei um livro, eles me deram. Eu leio sempre monografias de outras pessoas. Adoro ler! Porque eu acho que ensina a gente no todo. Eu li há pouco tempo agora umas duas ou três de dança. Mas maravilhosas! Li de Evandro Passos, maravilhosa! Um dos descendentes de dança afro, de Marlene Silva, desse povo todo de dança afro-mineira que começou no Brasil e foi pra fora. E tem uma credibilidade lá fora que não tem no nosso país, é impressionante!!! Imagina você, tá aqui e sendo reconhecido lá. Essa falta de reconhecimento, essa falta de conhecimento de que realmente o negro não veio somente para servir e pra trazer cultura, é o que acontece até hoje! Todas essas formas de racismo é porque nós viemos na condição de escravo. Se nós não tivéssemos vindo nessa condição, eu acho que nós não estaríamos sofrendo tanto preconceito. Essa condição de menor é o que eles tentam fazer até hoje com a gente.

A gente também não precisa ficar toda hora armado, parecendo que vai dar um tiro não. A gente vai vivendo a nossa vida né, o dia a dia. Se toca no assunto, nós vamos se posicionar né. Mas se não toca no assunto, você é uma pessoa comum e nem vai ficar lembrando “Ah meu Deus, eu sou negro e não vou naquele lugar!” Eu vou em qualquer lugar, eu faço qualquer

coisa. Eu não posso ir aqui ou ali porque eu não quero, e não porque os outros vai me olhar com olho torto, por causa de cor! Não vou deixar de ir em lugar nenhum por conta disso!

Um caso de racismo

Mas você as vezes não sofre o racismo assim todos os dias, mas uma hora ou outra ele vem te acordar. Impressionante né! Até contei isso aqui há pouco tempo, contei para as meninas que há muito tempo eu não sentia nada de ninguém, nem um olho torto e também não fico procurando não. A gente tem que viver a nossa vida. Mas enquanto militante negra eu vou me posicionar se falar alguma coisa da minha raça, eu vou falar! Não vou brigar, eu vou defender!

Ai eu tô vivendo a minha vida.

Há dois anos atrás fui no “Becão”, finalzinho de ano, comprar um caderno para a minha filha. Esses cadernos de capa dura pra matéria mais pesada, matemática e português, acabou. Ai tô olhando...

Ai tinha lá um cara, ai eu falei:

- Queria ver uns cadernos.

Ai tinha uns cadernos de capa dura e tinha uns cadernos encapados, nem essa capa cartão, uma capa fininha com plástico verde.

Ai falei assim:

- Ah!!! Quero esse caderno não! Feio!!! Não quero esse não! Quero um caderno mais grosso, porque é pra matéria mais específica! Deixa eu dar uma olhadinha nesses cadernos ai, esses de capa dura.

Ai tinha frozen, esses negócios muito bonitos e minhas meninas adoram desenho. Apaixonadas por desenho! Eu fui e pedi ele.

Ele falou:

- Esse aqui é mais caro!

Eu fui e olhei pra ele assim:

- Olha, estou te pedindo para ver o caderno. Não te perguntei porque ele é mais caro! Não te perguntei nada disso não!!! Eu quero ver os cadernos!!!

Ai eu olhei os cadernos e peguei esse da frozen. Mas eu queria mais coisas e pedi cartolina, cola...

Ai eu virei e falei assim:

- Aqui, quanto que deu?

Ele especificamente pegou este caderno para olhar, O CADERNO (ênfase) !!! Eu tinha pedido ele um monte de coisa, tinha mais coisa! Ele pegou o caderno, foi lá e ficou olhando umas coisas e tal, ai disse:

- Oh, aqui ele tá na promoção! Ele tá mais barato, tá na promoção!

Ai eu falei:

- Eu não te perguntei nada disso não! Olha aqui, se eu estou te pedindo um caderno e tudo mais que está aqui, é porque eu tô com dinheiro pra pagar. Se não, não estaria te pedindo! E além do mais não sei se você sabe né, as pessoas do comércio tem obrigação de saber, DINHEIRO NÃO TEM COR NÃO (ênfase)!!! Você vai me devolver de volta o dinheiro, não vai ser cor não?!

Ai o pai dele veio...

- O que foi?

(Márcia): - Seu filho! Primeiro ele vem falar que o caderno é mais caro. Não perguntei nada disso pra ele! Depois veio falar que o caderno tá na promoção.

(Pai): - Ah, mas não foi nesse sentido não!

(Márcia): - Foi nesse sentido sim! Se você não sabe, eu comprei todos os cadernos de capa dura para a minha filha no início do ano. No início do ano é a época que se compra mais

caderno!!! Depois vocês reclamam e não sabem porque a sua venda vem caindo! Porque você não tem um mínimo de educação e ainda SÃO PRECONCEITUOSOS (ênfase)!!! (...) Oh Zé Márcio, faz favor, quanto que deu a minha conta? Eu quero pagar, estou saindo...

Paguei minha conta e sai..

Então, o que acontece nessa hora??? Te vem um sentimento que eu sempre falo que é o pior de todos, que é o de ódio e que ninguém quer sentir! Não tem a pior coisa que o ódio. Ele te “come”, te corrói! Então eu sai dali, eu respondi a ele mas por dentro meu corpo estava trêmulo, minha carne ficou mole, sabe?! Da forma o qual fui tratada por nada, por causa de um caderno?! Por que eu não podia comprar àquele caderno? Por que que não podia pagar por um caderno? Por causa de uma cor? A minha cor manda no meu dinheiro? Então a pessoa pode ter dinheiro e mesmo se ela tiver cor, então ela...

É o que acontece com os nossos negros bem sucedidos! O negócio não é o dinheiro não, o negócio é o preconceito. Porque os nossos negros bem sucedidos, também são maltratados e massacrados por serem negros! E eles tem dinheiro!!! Eles estão numa posição sócio financeira boa, e nem por isso são bem tratados. Então eu acho que hoje, ainda é sinônimo de luta e resistência ser negro nesse país! E enquanto houver racismo, vai se falar dele. Porque no dia que não houver mais preconceito racial, não vai se falar mais nada!

A escola

A escola é onde a criança negra descobre todos os seus defeitos. Porque até então eu falo com você, por mim, eu sempre fui criança. Nossa rua sempre foi cheia e a gente brincava com crianças de todas as cores, minhas vizinhas todas eram brancas, e eu descobri na escola que era negra. E que era feia. E que eu era “pituca”. “O cabelo era de bombri!!” Eu nem sabia disso: que eu era negra, que eu era feia, que eu era uma “pituca”, “pitucuda” e que era “cabelo de bombri!” Até então eu não sabia nada disso. O primeiro contato racial das crianças é na escola.

Espaços de atuação do Grupo Afro Ganga Zumba

A partir do momento que a gente já tinha ido em toda as escolas, quando o Ganga completou vinte e cinco anos, eu disse: “Acabou! Vinte e cinco anos buscando, mostrando em todas as escolas.” Preparando, ajudando, estando juntos nas pesquisas, em tudo. Agora acabou!

Chega!!! Agora nosso lugar é aqui. Nós temos a nossa casa, nós temos o nosso povo, nós temos as nossas coisas. Quem quiser vim aqui nos visitar, conhecer, falar da história, nós vamos contar. Mas ir pra só em novembro ficar lá como papel de amostra, acabou! Nós não vamos mais não! A não ser nos espaços universitários. Nós estamos pra chegar lá também, nas discussões. E é um espaço não só de apresentação, mas de discussão. É diferente. Quando a gente vai nesses espaços, a gente vai pra mostrar o trabalho prático, a cultura, mas também vamos para discutir. É uma mesa, uma roda de saberes, uma troca. Não é simplesmente para uma escola estadual que chegou ali e apresentou, e não teve uma discussão. Uma escola municipal que são crianças e elas não querem mesmo discutir né. Porque quando você começa a colocar o cidadão para pensar, é um cidadão diferente né.

Sobre o protagonismo de mulheres negras da comunidade

Você não precisa sair desse mundo não, aqui Ponte Nova não! Aqui já é um mundo enorme de resistência, dentro da nossa comunidade. Dentre artistas da nossa comunidade dentro de matrizes africanas, dentro de pastorais afro-brasileiras e tantas outras coisas.

Então assim, é muito vasto o conhecimento de mulheres negras de resistência dentro da nossa comunidade, eu fico muito feliz de ser neta de uma. Minha avó foi curadora da chave da capela. A chave da capela ainda fica na casa da minha avó. A minha avó não é viva e ela se chamava dona Lourdes. Aqui no bairro era conhecida como mãe Lourdes. Então assim, a minha avó foi curadora da chave e a chave fica na casa dela até hoje. Se você quer abrir a capela tem que bater na porta dela. Isso é uma história de resistência de mulheres do nosso bairro. Ai vem mais, Sinhá...são muitas mulheres negras com histórias maravilhosas, sabe! Dona Quininha com seu Congado levando sozinha, sem marido, sem ninguém, com os filhos e netos. Enquanto pôde ter a resistência, aquela mulher resistiu. Então são muitas histórias né, que tem dentro do próprio bairro.

Nossa história é uma história de luta mesmo, de resistência.

Atividades desenvolvidas pelo Grupo Afro Ganga Zumba

Temos uma parceira com Leandro que é da capoeira, há um tempo. Tem dez anos. Ele desenvolve o trabalho segunda, quarta e sexta a partir das 18h30. Temos essa parceria com

Herdeiros do Banzo e o Ganga Zumba que é de canto né afro-brasileiro. Elas cantam, mas agora Taquinho está ministrando uma oficina de percussão.

Nós temos uma parceria há mais de quinze anos com o PSF do nosso bairro, que é de atividade física aqui na parte da manhã. Segunda, quarta e sexta de 19h30 às 20h30. Parceria também com o CRAS de usar o nosso espaço como comunitário né, um espaço dentro da comunidade, um bom espaço. Tem oficina, às vezes tem encontro deles, alguma festividades deles né. Festividades no âmbito comunitário, São Pedro, Cidade Nova, Palmeirense, qualquer uma dessas comunidades adjacentes e que queiram o espaço para alguma festividade, emprestamos também. É custo zero! Precisou, as portas estão abertas para qualquer trabalho, seja comunitário, sem fins lucrativos! Ou fazer um almoço para render dinheiro para a capela, as portas estão abertas. Porque ai a reversão do dinheiro é em prol da Paróquia né, da construção da capela ou pra manter alguma coisa, para a restauração. Seja para o que for as nossas parcerias são para o coletivo, sem fins lucrativos né. Nossa ideia, nosso objetivo sempre foi esse: servir a comunidade para poder ter a melhoria das coisas para a gente.

- Sobre os projetos da entidade:

- **Valorizando a Cultura e Desenvolvendo Talentos (Petrobras).**
- **Ponto de Cultura**

A gente recebe subvenção municipal desde o governo de Taquinho Linhares. Faz doze anos que a gente recebe subvenção municipal. A gente já recebeu dois projetos de valor maior, que foi o Projeto da Petrobras que movimentou a casa por um ano e meio, com a edificação do segundo andar e aquisição de alguns equipamentos. Mas na verdade para dar um impulso no nosso projeto sociocultural, mas com uma remuneração para nossos monitores. A gente sempre teve percussão, dança, costura, mas sempre foi como voluntário. Ai essa época especificamente deu vez para os voluntários.

Em seguida, nós ganhamos o Ponto de Cultura, que é o cultura viva e tá até aqui fora. Esse projeto foi muito bom para a aquisição, mas para material humano não. Não existe projeto sem material humano. Ele foi bom para a aquisição: ventiladores, refrigeradores, computador, som, data show, máquina fotográfica, notebook, filmadora, percussão, instrumentos, tudo! Isso tudo o projeto contemplou e dois monitores. Mas assim, nada além disso pôde fazer. Não dava suporte para fazer coisas a mais. Foram dois projetos de maior valor que a gente

recebeu, de valor financeiro. E foram bons enquanto reconhecimento estadual e federal também, porque projetos que não eram projetos sérios, não foram aprovados. De Ponto de Cultura, nessa região todinha só o nosso foi aprovado.

Com relação aos jovens da comunidade, eles se afirmam como negros?

Da minha geração e um pouco depois que é a geração das meninas hoje que estão quase com trinta anos, eu acredito que sim. São jovens que passaram por essa casa e se afirmaram como negros e tem essa questão dentro de si resolvida. Os de hoje não. Eu vejo uma questão cultural, falo de influência né, no geral mesmo, hoje muito funk, seguir blogueiras. As pessoas estão seguindo muito ao outro, sem na verdade perguntar o que quer mesmo como indivíduo.

Então, pra questão de dança afro tem muita resistência das meninas, muita resistência!!! Tem hora que fico até chateada! As meninas que frequentavam aqui quando trabalhei efetivamente direto mesmo, eu acredito na consciência delas. Hoje estão com dezoito e vinte anos. Mas essas que peguei um período depois, muito ALIENADAS. Acho que é essa palavra. Você ver uma alienação muito grande. Eu sempre gostei de dar dança, mas também sempre gostei de conversar. Mas elas eram tão alienadas que não conseguia focar no assunto. E ao passo que a de poucos anos que havia dado as oficinas que hoje tem dezoito anos e vinte anos, as meninas que agora estão saindo do ensino médio agora, umas que já saíram do ensino médio há mais tempo, as meninas tem uma outra visão, tem uma posição enquanto negras né.

A estética negra como empoderamento

Tanto é que essa questão que veio agora do empoderamento feminino através da estética negra, que as mulheres negras vieram a se afirmar como negras através da estética, que muita gente coloca como uma ridicularidade, mas só nós sabemos o que passamos pela diferença estética, porque a mulher negra é tratada com preconceito praticamente pela questão estética. Uma boca grande, é o cabelo... então o cabelo é uma coisa de louco né, o “cabelo duro”, o nariz né!

Portanto, as mulheres negras que tem poder aquisitivo, primeira coisa que elas fazem é dar um jeito no nariz. Mas porquê? Há elas não se identificam como negras não? Se identifica! Mas ela foi tão massacrada quando criança negra com aquele nariz, que eles falavam “nariz de

napa”, que ela não ia ter sossego na vida enquanto o nariz não saísse daquela forma. Então as vezes tenta se fazer um racismo ao contrário, colocando a gente como protagonista de fazer racismo com o outro, sei lá de que forma.

Então quando vem o empoderamento através do cabelo, através da estética, vem o empoderamento das mulheres negras chegar aqui: “Oh sou preta, tenho orgulho da minha raça, tenho orgulho da minha cor e de ser quem eu sou”. De parar de querer se artificializar! A partir do momento que você alisa o cabelo, não porque você quer, porque eu também acho que você tem que fazer o que sente bem! De repente eu sinto bem com o meu cabelo alisado, então você vai ter seu cabelo alisado, mas vai continuar com seu discurso de negra a mesma coisa. Não te mudou nada! Mas quando você é imposta a arrumar aquele cabelo, daquela forma para se enquadrar dentro da sociedade, que é difícil!

Sobre a autoestima da mulher negra

Eu como adolescente negra, fui obrigada a alisar o meu cabelo para se enquadrar dentro da sociedade, durante muito tempo. Até então, eu falei que não queria mais. Ai passei por aquele processo de transição que a gente vai passando né e tudo mais. Então assim, essa tomada de decisão, de assumir o cabelo, de assumir seus traços, eu acho que foi assim nos últimos dez anos para a mulher negra muito possante. Muito! E o movimento de crespas e cacheadas tem tomado força nesse Brasil, sabe! Lugares pequenos em discussão, rodas de conversa sabe. Eu acho que as vezes falo muito com as meninas isso...isso falta nas blogueiras, elas falam só sobre estética o tempo todo! O que a comunidade de mulheres negras de crespas e cacheadas tem feito é levantar bandeiras.

O movimento em si é para empoderar, para dar visibilidade, te levantar a autoestima e você se sentir bem como mulher. E valorizando o que tem de melhor no seu natural. Isso também é muito. Isso também é uma coisa que me deixa feliz porque minhas filhas tem amor pelo cabelo, tem amor pela cor da pele, se acham muito bonitas! Eu sempre enfeito para elas ficarem mais bonitas!!! Então as nossas crianças negras, principalmente as meninas, pelo menos eu falo porque sou mãe de meninas, eu tento a todo momento falar dessa beleza nossa, dessa força da mulher negra, dessa resistência em saber que elas vão sofrer preconceito, não falar que elas vão sofrer toda hora, mas poder saber dar a resposta. Uma coisa é você sofrer preconceito. Outra coisa é você sofrer preconceito e saber dar a resposta. Vocês tem que dar a resposta!

Doação da sede

Pedrinho ficava só assim: “É, tô buscando um negócio bom pra nós ai!” Ai eu tô assim: O que é?

(PEDRINHO): Nós vamos comprar aquele terreno ali, em frente a capela para nós.

Ai a Luiza, Efigênia... “Oh, cê tá doido!”

(DOM LUCIANO): Pedro, vai lá procura o dono do terreno. Se ele vender lá, nós compramos aquilo pra vocês. Vê lá! Qualquer coisa você me fala.

Pedrinho chegou lá e conversou umas “meias palavras”, ai o homem vendeu para a Fundação Marianense de Educação.

1º MOMENTO – ENTREVISTA INFORMAL

Entrevistado: Pedro Antônio da Gama Catarino.

Fale sobre você

Nasci dia 8 de março de 1948. Tenho dois filhos, Cássia e Cassiano. A Cássia tem curso superior e o Cassiano não. Homem é mais complicado (risos). A minha menina formou pelo Prouni né. Formou em Administração e Ciências gerenciais.

Na verdade eu tenho a minha descendência, meus ascendentes são ainda da época de escravos, minha avó, meu avô. A minha avó nasceu um pouco antes da Lei Áurea. Antes e depois né da Lei Áurea, a escravidão continuou né de uma “forma livre”. Não vou dizer que de “forma livre”. Ela penalizou né, a Lei Áurea penalizou ainda mais o negro, quando ela foi sancionada né pela Princesa Isabel. Porque pelo menos os negros iam e trabalhavam, tinham um local. Quando eles perderam essa escravidão que parecia ser uma coisa boa, piorou a situação da escravidão deles. Porque eles passaram a não ter mais comida, passaram a não ter mais local para dormir. Então eles tiveram que voltar né novamente para a Casa Grande pedindo favor, e onde aconteceu problemas sérios por causa disso.

Obs.: (Perspectiva histórica)

Militância

Mas a minha Militância no Movimento Negro começou mais ou menos por volta de 1880, com a minha avó que nasceu nessa época. E veio. O tempo passou. A gente não tinha muita consciência, até porque a escola não passa isso para a gente. A escola só fala da questão de escravidão, escravidão, escravidão...A história real dos negros, os livros oficiais eles não passam, os livros da época. Hoje já se consegue um pouco mais de outros autores, que trazem uma discussão real da questão do povo negro escravizado. E o tempo passou... Logicamente da minha avó nasceu vários filhos, um deles é a minha mãe e eu herdei dela assim, a maneira de brincar, de rir, de liderar né. Aliás não só eu né, boa parte dos meus familiares, tios, irmãos né, muitos tem essa liderança e envolvimento comunitário, trabalhos sociais.

E o Movimento Negro passou a fazer parte da minha vida foi exatamente, definitivamente numa compreensão maior de ser até negro, foi a partir de 1989. Um ano depois praticamente da fundação do grupo que eu ajudei também, a trabalhar e fundar, o Grupo Afro Ganga Zumba. E a partir daí, que eu comecei a ter esse envolvimento em definitivo né, nas lutas, na militância do povo negro. E essa luta me abriu assim outros horizontes, em termos de trabalhos sociais né não só com o povo negro.

Mas a minha militância começou exatamente em 1989. Ela começou pra valer adquirindo realmente o conhecimento com o Movimento Negro de Belo Horizonte tá, que era até o movimento das mulheres negras que eu participei e não esqueço. Nessa época, estava na faixa dos meus trinta e oito, ou quarenta anos mais ou menos. E eu passei a ter esse envolvimento pra valer mesmo, onde participava de fórum, fórum internacional como aconteceu lá na Bahia reunindo vários países...É (ênfase)... ajudando a organizar o I Encontro Nacional de Entidades Negras que foi em São Paulo. Então assim, a minha participação passou a ser definitiva mesmo com muita garra, com muita força e buscando sempre assim, um pouco de conhecimento, um pouco de conhecimento até mesmo pra poder discutir os problemas do povo negro dentro da sociedade né. Porque a gente achava, por exemplo, eu achava que eu nem era negro em 1988. Eu nem achava porquê ... eu era discriminado e nem sabia, sofria racismo e não sabia, cê tá entendendo?! E era excluído de uma maneira sutil e eu não sabia, cê tá entendendo?! Então foi a partir daí, que comecei a ter essas compreensões, essas coisas.

Porque eu vivia bem no meio das pessoas e não percebia, certo? Ai depois que comecei a participar, que comecei a estudar, comecei a participar de conferências, fóruns, encontros, essa coisa toda, bate papo de cozinha e de esquina, essa coisa toda, é que eu realmente comecei a me...Opa! Eu estou vivendo uma outra etapa da minha vida! E assim foi né, que eu comecei a discutir, que eu comecei a trabalhar. Foi exatamente a partir de 1989, mas (ênfase) em 1988 ainda, eu ainda tava naquele balanço. Eu sabia que era negro né, só não tinha a consciência de ser negro, de lutar pelo meu companheiro que era negro e que sofria essa coisa toda.

Como era ser negro na sua infância e adolescência? E nos dias de hoje?

Era exatamente isto que eu estou te falando. Tem muita diferença com os dias de hoje, completamente diferente né. Porque na minha adolescência, quando era criança e adolescente, a gente tinha passado por todas as formas de racismo, discriminação, inclusive até de segregação. Até a segregação mesmo, como se fosse um apartheid! Ou seja, você não pode entrar aqui porque você é negro! Era uma loucura minha entrar nos clubes de Ponte Nova, especialmente, no clube Palmeirense e Pontenovense. Ihhh jamais! Exatamente porque era excluído! Você olhava pra dentro era só gente branca, aquela coisa toda, pessoas brancas né. E no Pontenovense isso era declarado mesmo, e no Palmeirense era mais ou menos camuflado. Mas no Pontenovense era mesmo! Negro não entra, não entra!

E assim eu passei, quando era criança e minha parte da adolescência sofrendo por tudo, sem vir a perceber. Não percebia, não percebia! Chamava de todos os nomes que eu não vou ficar repetindo aqui, né! De todos os nomes, de animais (de macaco), de não sei mais o que. Coisas desse nível para pior, tá entendendo?! Exatamente porque até hoje ainda é assim, não mudou. Só que hoje existe leis, a gente tem conhecimento, é tudo mascarado! E as pessoas sabem que a gente já tem esse conhecimento, e as pessoas também já tem esse conhecimento, tá entendendo?! De vez em quando escapa um ou outro aqui, que dá polícia esses negócios todo e tal, mas as pessoas já sabem o que elas estão fazendo né. Então é assim que é a nossa sociedade! A nossa sociedade, ela tem um racismo sinistro, camuflado, rasteiro sabe? Velado... que ela pode me tratar... “eu não falei” cê tá entendendo?! “Eu falei! Mas não falei!” Cê tá entendendo?! “Cê pode entrar! Mas não pode entrar!” Cê tá entendendo?! Cê eu forçar a barra eu entro! Mas a princípio eu sou barrado, né! Se eu colocar o conhecimento meu ai, eu entro!

Então a gente ver isso tudo dessa maneira. As pessoas então, elas hoje deram uma pequena freada não é porque elas quiseram frear. É porque existe lei e existe indenização, e ninguém quer tomar “mordida” no bolso, principalmente! Talvez ele não esteja nem preocupado com a lei, mas com o que ele vai ter que pagar pela injúria racial. Porque na verdade, o racismo são diferenciados tá! Existe o racismo e existe a injúria racial. O que é um? E o que é outro? O racismo é quando existe realmente essa ideia de ação. Aquilo que acabei te falando, a questão do clube... O racismo é a segregação, ou seja, aquela que impede você de frequentar determinado lugar. Eu sou seu namorado, você é branca e eu sou negro. Você entra, mas eu não entro! Isso é racismo, segregação! Você pode e eu não posso! Se quiser entrar você entra, mas eu não entro! E isso tem muito ainda no Brasil. Muito (ênfase)!!! Muito (ênfase)!!! Não é pouco não, é muito! Cê tá entendendo?

Injúria Racial. O que é injúria racial? É quando... “Sua macaca? Sua negra? Cê tinha que tá comendo a banana?” Cê tá entendendo? Isso se chama injúria racial. Então assim ... é assim que se diferencia. Existe hoje, muito mais a injúria racial do que o próprio racismo. Porque hoje ninguém é louco de chegar no Pontenovense e falar assim: “Você não pode entrar!” Hoje eles não ousam, eles sabem o peso que é isso. Mas xingar pode!

Cotas

Quando vocês ouvem falar na questão de cotas, eu peço à vocês que nunca fiquem contra as cotas. A cota é na verdade uma reparação de todo o dano causado ao povo negro nessa nação. É dando a oportunidade dele buscar um conhecimento, na tentativa, não vai igualar... mas numa tentativa de “igualar” esse conhecimento, e dele também ter esse direito acadêmico né, de ser doutor, ter dinheiro né, ter tudo isso.

A UFV quando as pessoas falam “Cotas pra negro está errado! Tá errado!”, só falam que está errado! Mas eu tenho uma discussão muito grande com uns colegas meu da faculdade onde eu estudei, eu falei assim: “Olha, eu estou muito feliz por vocês terem formado! Vocês são realmente excelentes doutores! Mas vocês não conhecem nada de história do Brasil, e vocês não conhecem cultura. Mas vocês conhecem a lei! Vocês são bons, mas no quesito conhecimento social, conhecimento de uma história, de uma nação que foi construída com sangue, com tudo o que é ruim: sangue, sequestro, estupro, roubo, genocídio. Isso tudo aconteceu nessa nação!” E aí as pessoas tentam argumentar que ainda está errado, e aí eu falo: “Ué gente! Estão precisando de estudar mais e ser até um pouco mais humanos na discussão

de vocês. Vocês estão fazendo a discussão dizendo que o negro está tomando o seu lugar. Nós negros estamos tomando o lugar do branco nas universidades.” E eu falo assim pra eles: Olha, aonde vocês estudam, seus irmãos ou alguém que já estudou na UFV, existia uma lei que chamava assim, “Lei do Boi”. O que era a Lei do Boi? Era uma lei que destinava a Universidade Federal de Viçosa única e exclusivamente para os grandes proprietários de terras. Mas o tempo passa e a pressão vai aumentando. E eles vão tendo que abrir as portas. Mas porque que nesse tempo todo não se viu negro? Porque a escola que ele veio não permite. E mais, a situação negra ela é complicada, porque o cara tem que ajudar a “botar” comida dentro de casa, ajudar a mãe, ajudar o pai, tá entendendo?! Tudo isso! Tem que trabalhar, é pobre! “Pobre de marré, marré!” Tá entendendo? Sabe o que é o “pobre de marré, marré?” É o pobre mesmo, lá embaixo!!! Então ele tem que trabalhar, senão ele não come. E aí passa a juventude, vem a idade adulta...Olha só a diferença que é agora. Hoje não. A própria família que foi sacrificada né, e que os filhos que não puderam estudar porque tinha que manter uma casa com comida, hoje não! Eles forçam os filhos a ir. E a igualdade né...

Isso tudo, eu posso dizer para vocês o seguinte: foi determinante a eleição de Lula, de Luiz Inácio Lula da Silva. E em sequência a Dilma, pra que pudesse dar a oportunidade não para o povo negro, mas para o povo brasileiro, certo?! Aí sim, especialmente ao povo negro de ter esse direito a uma boa educação de nível superior. Então é assim é que vem construindo, o povo negro vai, ou seja, é na base do a ferro e fogo. E assim vamos caminhando, vamos trabalhando...

A formação em Direito

Eu sempre tive vontade de fazer. Teve um tempo que fiz um curso, fiz um curso até errado sabe. Chegou no final eu disse assim: “O que eu estou fazendo nessa merda aqui!” Aí já tinha passado da metade do curso. Fiz Letras aqui mesmo, em Ponte Nova. Aí falei assim: “O que eu estou fazendo aqui! Isso aqui não dá!” Devia ter procurado Estudos Sociais, História né, menos Letras! Aí eu peguei e terminei, porque já tinha passado da metade. Formei. E aí esse sonho de estudar Direito estava desde São Paulo, quando eu morei lá. E os colegas me chamaram para fazer o curso de Direito, em Sorocaba na época né. Mas não tinha. Naquela época era terrível, como que ia pagar. Aquilo era muito elitizado. E acabou assim que eu não fazia por questões financeiras mesmo. Trabalhava como reformador de sofás. Fui trabalhar numa fábrica em São Paulo mexendo com sofás, essas coisas. Então assim foi...

Ai o tempo passou e depois eu casei. Depois que casei fiz esse curso de Letras. Errado, mas fiz! De qualquer maneira, me serviu tá entendendo?! Eu acabei dando aula numa Escola de Família Agrícola em Jequeri, localizada em Fazendinha, Piscamba. Dei aula um bom tempo. E depois eu sai. Tava em casa e não fazia porcaria nenhuma. Ai as coisas começaram a melhorar, veio as cotas, veio o Fies, veio o Prouni e ai eu falei assim: “E agora?”

Ai peguei e fiz o vestibular. Passei, comecei a estudar aqui na Dinâmica. Mas aqui na Dinâmica não deu certo, tive um problema com um professor. E pra evitar pedir transferência, e fui para Esuv. Me sacrifiquei mais, fiquei mais tempo na faculdade porque perdi um ano. A grade era a mesma, mas não batia com a da Dinâmica. Por exemplo: O curso de Direito Civil que lá era, por exemplo, 70 horas, aqui por exemplo era 60. Ai não podia jogar esses 60 na carga horária deles lá de 70. Então eu tinha que retirar essa matéria, e começar essa matéria lá para fazer. Então isso acabou me atrasando. Eu entrava numa sala e ficava igual um doido. Tocava um sinal e tinha que ir pra outra sala. Isso me levou um ano. Mas graças a Deus está resolvido, já me formei né. Agora estou fazendo prova para a OAB. Formei agora no final de 2015.

A participação na política

Tenho um “pezão” na política (risos). O PT aqui estava todo avacalhado. Tivemos que refundar o partido, tá entendendo? Por isso falo que a gente foi o “criador” porque a forma que existia era uma avacalhação. Então já tem trinta anos que participo aqui em Ponte Nova. Fora de Ponte Nova, sempre fui da luta mesmo, da luta de esquerda, de lutar por direitos.

O processo de conquista da sede do Grupo Afro Ganga Zumba

Aqui na igreja ou na frente de casa, ou na casa da vizinha que tinha uma sala um pouco maior. E ai as meninas iam pra lá cantar, dançar, essas coisas todas. E eu fazendo parte daquilo. Ai teve um dia que a luz acendeu e fiz um projeto, fiz um rabisco lá de qualquer coisa assim, escrevi qualquer coisa lá, nem me lembro mais (risos). Ai levei. Consegui o acesso a Dom Luciano, entreguei o projeto. Nem foi diretamente para ele, mas para a assessoria dele. A gente era informal, ou seja, não tinha registro em cartório nada não. A gente existia na informalidade. Ai então acolheu, achou interessante o projeto, e seis meses depois já tinha o pedido. Ele deu entrada nesse pedido, que estava no período de entrar com o projeto da Companhia Vale do Rio Doce. Ele não entrou com o nosso, mas em nome da fundação e não

em nome da nossa instituição. Fundação Marianense de Educação, ok? Ai eles conquistaram essa verba e me chamaram em Mariana, repassaram o dinheiro para mim. Oh doideira (risos)! Ai eu peguei e passei o dinheiro para a igreja de Palmeiras, para eles administrarem. Ai eles falaram: “Bom, nós podemos administrar o dinheiro. Mas comprar é com vocês! Pagar engenheiro... Tudo é vocês que terão que fazer, não quero nem saber!” Então aquilo foi feito.

Fizemos a sede precária, bem precária! O dinheiro deu para fazer, mas precária! E depois, Dom Luciano fez pra gente um projeto chamado comodato. Um contrato chamado comodato. Esse contrato de comodato vigorou durante um tempo, e assim Dom Luciano falou: “Assim que tiver um tempinho, ai nós vamos fazer um papel definitivo pra vocês em nome da instituição e tal.” E assim foi feito. Parece que os anjos estavam dizendo amém! Ai eu fui e conversei: “Oh Dom Luciano, está lembrado que conversou comigo a respeito disso?” Eu tinha um relacionamento depois né, não antes. Antes de fazer o projeto, não tinha essa relação muito estreita com ele não. Depois que eu fui dar aula... é que ele quem mantinha as Escolas de Família Agrícola. Eu passei a ser funcionário da Fundação. Ai aproveitei o embalo. Não posso perder tempo! Ai fez uma assembleia da Fundação Marianense, em Mariana, com todos os conselheiros e essa coisa toda. E os conselheiros aprovaram, e me ligou: “Olha, pode vim que o documento deve em pouco tempo ficar pronto. Você vai ter que procurar em tal lugar assim....” E assim foi feito. Hoje temos! A sede é nossa com escritura e tudo!

1º MOMENTO – ENTREVISTA INFORMAL

Entrevistada: Efigênia de Castro da Gama Catarino.

Participação: Márcia Castro.

Fale sobre você

Meu nome é Efigênia e como falei com você, eu comecei a trabalhar no Ganga Zumba através das meninas (adolescentes), e eu como tia ia acompanha-las no lugar que apresentavam. Tudo isso que a Márcia já contou para você, já vivi. E no mais a eleição aqui no Ganga, o período é de dois em dois anos que se faz a eleição. Pra ser presidente do Grupo Afro Ganga Zumba tem que já ter permanecido um tempo dentro do Ganga, dentro da instituição. Não é qualquer

um que pode chegar e ser presidente. Tem que ter no mínimo dez anos de permanência dentro da casa, do grupo.

Tem uns seis meses que me tornei a presidente do grupo, e estou aqui na casa fazendo umas modificações né. Fui auxiliar de escola. Aqui no Ganga também durante um bom tempo fui voluntária, fazendo trabalho de corte e costura para adolescentes e senhoras. Depois fui remunerada, através do Projeto da Petrobras também com corte e costura. E voluntária, eu sou voluntária sempre! A minha função aqui na casa, eu falo que não sei o que sou. Na casa eu sou cozinheira, percussionista, cantora, tudo isso eu faço na casa (risos). E hoje eu sou presidente na casa né. Tudo isso eu faço. Cada coisa eu faço um pouquinho.

Você já sofreu preconceito?

É aquilo que eu sempre falo, eu já sofri preconceito. Mas hoje com o conhecimento que a gente tem, com os trabalhos que são feitos dentro desses vinte e nove anos dentro da casa Ganga Zumba, que a gente ver claramente que a gente já sofreu preconceito. Preconceito assim aberto eu nunca sofri, direto não. Mas já durante a minha vida toda, hoje vendo, já passei sim. Na escola, com colegas, em casas de famílias que já frequentei, tudo eu vi que já passei preconceito. Hoje sabendo de tudo, na realidade que vivo hoje com o conhecimento, com os estudos que a gente faz, hoje eu sei que já passei por isso.

Hoje não! Porque também hoje eu não admito. Hoje eu tenho como, não é brigar de braço, é brigar com o conhecimento, é brigar pela causa. Hoje eu sou totalmente diferente.

Como era ser negro na sua infância e juventude?

A gente não via a diferença. Ninguém falava na cor da pele da gente. A gente achava normal. O que a gente vê que não era normal, pra gente naquela época era normal. Eu não achava maldade que a patroa do meu pai mandava aquela roupa mais surrada que ela tinha pra mim. Eu achava que ela tava fazendo bom demais! Ela tava mandando roupa pra mim da filha dela!!! Entendeu? Então, eu não achava nada demais.

Ela mandava pra gente coisas que na casa dela não se dava nem pra comer. Mas eu não achava nada demais, porque ela tava mandando coisas da casa dela. Quando chegava em casa que a minha mãe brigava com o meu pai e falava: “Você deveria ter jogado isso fora! Isso não serve!” Eu ainda achava que mamãe tava errada, e que ela tava sendo boa em mandar as

coisas para a gente, entendeu? Hoje a gente ver isso. Naquela época a gente não via não, achava que era bom demais. Que padrão estava sendo legal com a gente, certas atitudes que ele tava tendo com a gente, achava que era legal e tava bom.

A questão racial no ambiente familiar

A minha mãe sempre citada para gente: “Vocês tem que ficar no seu lugar!” Essa palavra eu sempre ouvi. Qual é o meu lugar? Ali quietinho esperando, e que viesse até a mim. Era assim....

A minha mãe morreu com oitenta e cinco anos com outra visão. Ela falava: “Oh Efigênia, eu sou doída pra me ter uma camisa de preto é cor e negro é raça!” Ela mudou a postura, ficou diferente! Ela ficava orgulhosa quando a gente saia para se apresentar. Ela ficava muito feliz!

(...) Tenho uma prima, a Rosângela que se veste assim. Um dia ela foi com minha mãe, ela sempre foi com a minha mãe ao médico. Quando foi um dia ela chegou toda com o cabelo, ai minha mãe falou: “Volta! Vai lá se arrumar para depois você vir sair comigo!” A minha mãe não aceitou ela vir diferente. Ela queria colocar a indumentária toda para sair com ela. Ela tinha uma cabeça antigamente que a gente tinha que ficar no canto. Mas quando ela faleceu, ela já tinha outra mentalidade.

Ela tinha medo da gente ser humilhado! Medo de ser ferido e de ser humilhado igual ela foi humilhada a vida toda. Ela teve foi medo e não questão de não querer, não! Nos últimos anos de vida ela já queria uma blusa do Ganga, ela se caracterizou como negra né, vestiu toda uma roupa e ela fez um álbum de Natal e ela se vestiu de rainha negra.

(Márcia entra na conversa):

Parte 1 – Sobre a emancipação da mulher negra

Um álbum de Natal feito pelo Grupo Movimento Sabedoria & Paz, que é o primeiro grupo de terceira idade de Ponte Nova, e que tem como fundadora uma negra que é Antônia, a primeira contadora negra de Ponte Nova. Se você for pensar, tem muitas mulheres negras a frente.

Um caso de discriminação racial

Ela montou um escritório chama “A Jonaza Contabilidade”. Diz ela que chegava lá, a pessoa batia na porta:

(Cliente): Bom dia!

(Antônia): Bom dia!

(Cliente): É, eu queria conversar com a contadora!

(Antônia): Pois não!

(Cliente): Não, mas eu queria conversar com a contadora!

(Antônia): Pois não, pode falar!

(Márcia): Quer dizer ela estava falando “Pois não”, então era ela né!

(Cliente): Não, mas eu queria falar com a contadora!

(Antônia): Pois não!

(Cliente): Ela deu uma saída?

(Antônia): Deu uma saída!

(Márcia): Ela falou assim:

(Antônia): Então vou dar uma volta aqui, fazer umas coisas na cidade. Depois eu volto aqui.

(Cliente): Tá joia!

(Márcia): Ai a pessoa chegava a falar, voltava:

“Uai! E a contadora, não tá ai não?”

(Antônia): Eu estou aqui, desde a hora que o senhor veio a primeira vez, uai! Sou eu a contadora! Não perguntei o senhor “Pois não!”. Pois não era eu! Se o senhor quiser falar comigo, eu sou a contadora. Antônia, ao seu dispor!

Quer dizer, a pessoa não acreditava que ela era a contadora. Podia ser a empregada da contadora, mas a contadora ela nunca poderia ser.

Parte 2 – Ainda sobre a emancipação da mulher negra

E ela foi uma pessoa que eu falo assim, arrojada né! Primeiro foi estudar, coisa que naquele tempo não existia preto, negro estudando. Pois estudou e formou em contabilidade! Fazia carnaval do Santo Antônio né?! Estava à frente na Igreja do Santo Antônio né! Depois foi ser contadora né. Depois a trinta anos atrás né, ela é um pouquinho mais velha que o Ganga porque já fez trinta anos no ano passado, começou esse Movimento Sabedoria & Paz com dança para a terceira idade – Dança Sênior.

A dança Sênior na verdade vem da comunidade alemã. É uma dança direcionada para a terceira idade, que tanto pode fazer em pé como sentado. Porque foi pensado em fazer com as pessoas que tem mobilidade, e as que não tem também. Ai ela fez esse curso, e ai veio para Ponte Nova essa questão de montar dança para a terceira idade. Para você ver como que é rica a nossa cidade né!

(Efigênia retorna à conversa):

A influência da família e o enfrentamento da questão racial

Mãe as vezes falava que a gente deveria ficar no lugar da gente, mas ela ficava com medo da gente sofrer. Da gente sofrer!!! Mas a minha mãe viveu além dos tempos. Ela panhava café. Já vi várias vezes mãe bater de frente com fazendeiro, entendeu? Ela não baixava de forma nenhuma. Isso que tem na nossa família é dela, da minha mãe! É sair de vez, e de ir e buscar o que quer é da minha mãe. Ela falava que não tinha negócio da última palavra ser do fazendeiro não, entendeu?

(Mãe da Efigênia): O senhor errou na minha conta! Vamos sentar e olhar porque o senhor errou na minha conta!

Quantas vezes eu via ele chegar da varanda né, ela embaixo e ele em cima. E gritando falou assim:

“– Não, o senhor desce aqui que temos que conversar! Porque o senhor errou na minha conta!”

Então ela queria estar na linha de frente, mas não queria que a gente sofresse. Ela não queria que a gente sofresse de forma nenhuma! Mas ela viveu além do tempo dela, porque ela era uma mulher lutadora, muito danadinha!

(Márcia retorna à conversa):

A família e sua fundamental importância na luta e resistência negra

O Ganga é feito de uma família. A maioria dos componentes do Ganga Zumba é tudo família. Por isso é que tem essa fortaleza toda! É da família, próximo da família, considera de verdade. Então assim, um ano atrás Mariana intitulou a gente de “ganga zumbreiro”! Todo mundo que chega e acolhe e gosta do Ganga, e acredita na causa, no que a gente luta é um ganga zumbreiro! Então acho que não fosse esse laço familiar, talvez a gente não tivesse resistido. Porque acho que família perdoa muito né, amigos perdoam muito. (...) Porque a gente tem um interesse comum, coletivo. E acho que consegui fazer essa resistência, essa vida longa que está tendo por essa questão né e de um respeito também.

1º MOMENTO – ENTREVISTA INFORMAL

Entrevistada: Mônica Castro.

Fale sobre você

Meu nome é Mônica e sou professora de Letras, sou formada em Letras pela Favap né. Formei em 2009, fiz uma especialização em Promoção da Igualdade Racial na Escola pela UNIAFRO UFOP, tirei o título de especialista em 2015 né, comecei a fazer uma matéria isolada de mestrado na UFOP. Fiz e terminei, mas não é uma linha que quero seguir, aí eu tô pensando em buscar uma na UFV que é pela área do Serviço Social. Vou tentar agora fazer uma disciplina isolada quando abrir, pra ver se é o foco que quero seguir no mestrado.

Eu tenho quarenta e cinco anos de militância né, no movimento negro. A minha militância começou em 1988 com o surgimento do Grupo Afro Ganga Zumba né, que veio surgir por uma brincadeira nossa daqui da comunidade, as meninas aqui da comunidade, aí veio surgir o grupo né justamente por causa dessa desigualdade racial no nosso município e perpetua até hoje né. Assim, são vinte e oito anos de militância e como as meninas já haviam dito, reconhecimento que o nosso grupo tem no município eu falo que é praticamente zero. Eles ainda não entendem essa questão da igualdade racial no nosso município, a gente tenta fazer a discussão mas ainda é um pouco complicado em relação as cotas.

A comunidade, a construção da identidade negra na infância e a problemática nas escolas

Hoje a nossa luta, que a gente conseguiu fazer o reconhecimento da nossa comunidade né, como comunidade quilombola, e acho que hoje o grande foco nosso é começar a retomar essa discussão não só dentro da comunidade, mas pra cidade toda, principalmente igual a gente “andou” conversando, a gente vai ter que começar pelas crianças né. Fazer esse resgate cultural com as crianças, valorização, esse empoderamento do negro, o empoderamento da mulher, da mulher negra. Então a gente vai ter que começar essa discussão com as crianças. A valorização da família...

A gente vai buscar essa discussão que já foi feita anos atrás né, mas que não foi adiante, apesar do município ter aderido agora, no governo passado ter incluso a matéria de África na escola né, mas o foco de discussão na escola eu não sei qual que é, não sei como é desenvolvido. A gente não sabe se eles estão trabalhando a África em questão de animal, de instrumentos, sendo que eu acho que a grande fonte mesmo tá aqui dentro do nosso município: trabalhar os negros aqui, a valorização da nossa cultura, como que foi a chegada dos negros no município de Ponte Nova. Acho que a gente tem que começar a partir disso aí, qual foi a contribuição desses negros pro crescimento da cidade. Já que a gente é visto sempre que a contribuição dos negros foi por crescimento populacional. Eles vieram e ocuparam esses morros aqui né, os primeiros morros que surgiram foram esses aqui. Então vinha essa discussão a partir daí.

Nós temos duas escolas dentro da comunidade, e nenhuma das duas escolas faz um trabalho amplo de valorização do negro aqui na comunidade. É muito difícil! E a gente sente assim conversando com os adolescentes, conversando com as mães, a gente sente ainda a baixa autoestima deles. É (ênfase), eu falo que as vezes essa negação de aceitar a cor, de aceitar a raça, eu falo que quem vai querer ser negro?! Quem vai querer se assumir negro?! Sendo que há o xingamento, a desvalorização. Cê vai querer se assumir enquanto negro, sendo que os piores papéis, os piores lugares da sociedade são oferecidos a ele?! Então ninguém vai querer mesmo ser negro!

- **A família e o processo de negação de seu pertencimento étnico-racial;**
- **Os estigmas do bairro e o choque cultural na escola;**
- **A desnaturalização de uma posição social de inferioridade e o prestígio social.**

Quando eu trabalhava, tava dando aula, porque agora tô voltando, começar a voltar à educação porque eu fiquei afastada uns três anos na educação e estava na área de assistência social e a visibilidade que a gente tem é a mesma, porque na educação eu mexo com os filhos, na assistência você mexe com os pais. Então você sente como que é, como que a criança é na escola, você vai conhecer o pai e ele tem da onde vir né. E quando eu estava em sala de aula, falava que eu sempre me assumi como negra né, sempre me assumi como pessoa negra e sempre me assumi como quilombola. Assim que nosso bairro foi reconhecido como uma comunidade, como um quilombo urbano, eu sempre me apresento como quilombola, sou quilombola! E havia um grande choque quando eu dei aula numa escola ali perto da delegacia, no “Cantídio”, e os meninos, a maioria dos meninos são da Cidade Nova, São Pedro, Palmeirense, os meninos que fazem lá 6º ao 9º ano. Então quando eles descobriram que eu era daqui da comunidade, eles não acreditaram (risos). Aí eles falaram assim: “Mentira!” Aí eu falei: “Não ué!” Ai eu fui explicar onde eu morava, que eu morava perto do CRAS e tudo.

E um dia eles foram jogar, eles estudavam de manhã, e eu dava aula de manhã e de tarde estava em casa e tinha uma turma que fazia oficina de futebol no CRAS. Nesse dia eles passaram para ir pra quadra e me viram na porta da minha casa, eles falaram assim: “Ô fessora não acredito que cê mora aqui em cima!” Quer dizer, porque que eu não poderia morar aqui em cima, né?!

E a grande conversa com a gente lá era que se eu poderia, eles também podem fazer o mesmo, né! Falar que foi fácil, não foi fácil! Pra eu estudar eu tive que começar a trabalhar, eu tive que pagar minha faculdade. Mas hoje a gente tem programas sociais né, que viabilizam a entrada deles na universidade, numa faculdade muito mais rápido. Basta eles querer! Porque inteligência todo mundo têm! Então assim, ainda é uma surpresa a ocupação da gente em alguns cargos no município, a postura da gente no município. Esse assumir a gente enquanto negro, enquanto quilombola, ainda assusta um pouco as pessoas. Na nossa comunidade nós temos advogados, nós temos enfermeiros, nós temos médicos, nós temos assistentes sociais, nós temos várias profissões aqui dentro da nossa comunidade né. Então eu não entendo o porquê desse distorcimento não!

Memórias, trabalho e saberes: o papel das mulheres na construção da história local

Assim, quando eu tava fazendo a promoção da igualdade racial na escola, no final a gente foi fazer um artigo e o enfoque do meu artigo foi “A participação das mulheres na construção da comunidade quilombola”. E é engraçado que é muito bonito, porque a gente sabe que o homem sai de casa pra trabalhar, pra trazer o sustento pra família né, em todos os lugares. E as mulheres ficavam em casa. As mulheres daqui não ficavam em casa, as mulheres daqui cortavam cana, as mulheres daqui catavam café e levavam os filhos pra catar café! Elas levavam mesmo (ênfase)! Não tinha com quem deixar. Marido saía pra trabalhar, elas iam catar café, mas elas também levavam os filhos.

E tem uma senhora que mora ali na rua de baixo, ela chama dona Sinhá. Das mais antigas, que era amiga da minha avó que eu conheci, ela é a única que está viva. Só ela e dona Maria do Carmo. Mas dona Maria do Carmo é mais fechada e dona Sinhá não! Dona Sinhá é mais aberta! E eu fui conversar com dona Sinhá, e dona Sinhá me falou que ela, quando foi que ela casou, ela casou muito nova e ela ainda brincava de boneca, ela me contou a história toda, ela aprendeu a fazer injeção. Aí eu perguntei pra ela se ela tinha feito algum curso. Não! Ela aprendeu vendo uma pessoa aplicar. Aí ela aplicava injeção em todo mundo da comunidade, então não tinha hora, passava mal tinha que aplicar uma injeção: eles corriam na casa de dona Sinhá! Ela aplicava injeção em todo mundo da comunidade que precisava e aplicava também nas pessoas lá de baixo.

Aí eu conversando com ela, perguntando como que ela veio parar aqui, ela me contando que quando ela veio morar nesse lugar só tinha um trio e minha avó contou a mesma coisa, tinha um trio e dois fazendeiros. E aí eu perguntei pra ela se ela lembra como que surgiu as ruas aqui. Ela falou que as ruas foram abertas pelos moradores.

Porque era assim, era um trio e tinha uma casa aqui, tinha uma casa numa outra distância e ia né. Ela falou que aí chegava o final de semana, que que eles faziam?! Os homens iam abrindo as estradas com enxada. Aí eles iam abrindo as ruas daqui com as enxadas, os homens no final de semana faziam isso, as mulheres juntavam, faziam comida e levavam pra eles pra poder abrir a estrada. E eu achei que era máquina da Prefeitura que tinha aberto. Aí eu perguntei como que sabia assim questão da rua. Diz ela que as ruas era o alfabeto: tinha rua A, tinha rua E....ai ela foi falando! Aí eu perguntei qual das duas primeiras que foram abertas, se foi essa daqui que a gente fala “rua de cima” ou se foi a “rua de baixo”. Diz ela que a primeira a ser aberta foi a rua de baixo. Abriu a rua de baixo e depois abriu a rua de cima.

Aí perguntei pra ela como foi a distribuição. Diz ela que a distribuição era um moço que vinha com o cabo da foice e vinha medindo com o cabo da foice e distribuindo os lotes né! Assim que foi fundada a comunidade. Aí eu perguntei pra ela qual que era a porcentagem de negros, quantas famílias negras havia na comunidade quando surgiu? Ela falou: “Eram todos!” Todos que ela lembra que moravam aqui na época, desde que ela era menininha, todos eram negros. E é assim que ela veio parar aqui em cima. Então essa história da marginalização da comunidade, eu falei que eu vejo assim. Aí ela contando essa história pra mim, aí eu fui parar lá no Rio de Janeiro, nos morros né, porque não havia marginalidade lá, marginalidade lá foi atribuída aos capoeiristas. Não sei como atribuída a marginalidade daqui. Mas eram pessoas, famílias que vinham procurar um lugar para morar né! Aí era o morro da lamparina porque não havia luz elétrica, era só mesmo as luzes de lamparina, depois veio a ouro-pretana, aí que foi melhorando a comunidade.

O que é ser negro nos dias de hoje?

Eu acho que nós avançamos muito. Em muitos espaço né nós conquistamos, mas ainda é muito difícil! Muito difícil! Eu falo pelo município hoje, ser negro em Ponte Nova é complicado, é muito complicado! Quando você tem uma valorização profissional, tô falando porque eu senti na pele, eu fui cargo no governo passado e a crítica é muito grande. A gente é criticado demais! Eles não medem a sua competência, eles medem a sua cor!!! E a gente sente isso na pele! E eu falo que é tão engraçado, que o próprio negro consegue ser preconceituoso com o outro negro. Pelo cargo que ocupava que pra mim era um trabalho, eles ainda conseguiam ser preconceituosos com o lugar que eu estava ocupando. Então eu falo que a todo momento você tem que se auto afirmar, você tem que ter aquela convicção sabe, que você é negro e cê tá ali pela sua competência e cê não tá ali pela sua cor. Você é competente! Eu não estava ali porque alguém foi lá a dedo me escolher. Estava ali pela minha competência!

Assim como eu tinha outras pessoas negras ocupando cargo público, e eu acho que não sei, pelo o pouco que eu conversei eles sentiram a mesma coisa. Há uma desvalorização muito grande do negro ainda, principalmente no nosso município. Razão disso porque?! Razão disso é o desconhecimento da entidade no município, a desvalorização dela no município. Eles não valorizam a igualdade racial, não valorizam o trabalho da igualdade racial com as crianças, com os adolescentes, eles não têm esse valor. O negro ainda é os marginalizados que moram

no morro. O preconceito é maquiado! É o tapinha nas costas, de beijinho em época de eleição né! E assim nós vamos né...

E nós vamos né. Eu falei que o dia que a maioria dos negros da nossa comunidade ver que eles tem o poder de decidir uma eleição, que essa comunidade, esse aglomerado tem o poder de decidir uma eleição, eles vão começar a se valorizar mais. Os governantes vão começar a valorizar mais a comunidade. Mas enquanto eles aceitarem o que vier...

Na sua infância, como era ser negro?

Então, como a gente estudava nessa escola e a maioria dos alunos da escola eram negros, então a gente às vezes não via muito, não sentia muita essa diferença. Tinha as piadinhas, tinha as risadas, mas a gente... acho que era a falta de perceber o que era.

E eu não sei se foi pela minha família, eu não tive muita essa visão de me sentir excluída não. Estudando aqui! Quando eu sai daqui, que era adolescente e fui para outro colégio, aí sim, aí eu senti! Aí eu fui estudar no Polivalente, aí eu senti! E sabe o que mais me aborrece, eu lembro até hoje, é de um amigo que eu tinha, ele até faleceu, ele também era negro e ele me chamava de macaca. E eu não conseguia entender porque ele me chamava de macaca, sendo que também ele era negro!!! Ele também era negro (ênfase)!!! Porque ele me chamava de macaca? Porque ele morava num bairro e eu morava no outro! E meu bairro era um bairro desvalorizado. O dele não! Então ele se achava no direito de me chamar de macaca, e isso me irritava muito, me deixava muito irritada! E eu sempre resolvia as coisas no braço e batia pra caramba! Não aceitava não...E ele foi o que mais me marcou, por ser negro e me chamar de macaca.

Eu e minhas primas andavam muito juntas né, e por mais que a gente tivéssemos arrumadas, tivesse perfumadas, tivesse com o cabelo lindo, com o cabelo limpo, a gente ainda era mal vista nos bailes, nas festas né. Eu lembro que tinha pessoas que na hora que a gente chegava, aí a gente escutava: “As pretas do Sapé chegou!” A nossa comunidade era o Sapé né, aí eles falavam: “As pretas do Sapé chegou!” ... não sei se melhorava a festa ou se piorava, mas a gente chegava causando mesmo (risos).

Com relação aos jovens da comunidade, eles se afirmam como negros?

Eles são alienados e isso é uma grande preocupação. Eu acho que eles não se afirmam enquanto negros, enquanto moradores de uma comunidade quilombola. Eles não se afirmam, não se assumem. E a juventude de hoje é muito difícil de chegar. Eu acho que o nosso grande desafio, da entidade hoje, é começar um trabalho pra chegar nos jovens. Porque quando é criança, você molda a criança. Mas chegar no jovem, acho que vai ser o nosso grande desafio!

E a gente estava conversando outro dia, é muito triste, a gente vê que não está fazendo um trabalho que consiga agregar esses jovens e a gente está perdendo eles. E a maioria dos que entram em conflito, que são mortos, assassinados, a grande maioria são jovens. Não sei como a gente vai chegar neles. Vamos ter que pensar num jeito para conseguir chegar neles, a gente entender o porquê né? Porque eles não podem?! O que impede eles de fazer as coisas. Acho que o grande desafio será esse.

Fale sobre o FOPPIR

O FOPPIR é um Fórum Permanente pela Igualdade Racial. Quando a gente entrou no FOPPIR ele já estava sendo articulado, já tinha acontecido o FOPPIR em Barbacena, e em Ouro Preto, o Ganga participou do 2º FOPPIR. Em Ouro Preto nós fomos convidados a compor a diretoria, a organizar e prepara esse Fórum. O terceiro Fórum foi em Manhuaçu. Já no Fórum em Juiz de Fora surgiu o FOMENE – Fórum Mineiro de Entidades Negras. O que é o FOMENE? O FOMENE é a composição de entidades do interior, que compõe essa entidade maior a nível estadual. Por que da construção do FOMENE? Para as entidades que estão a nível estadual, eles não valorizam o trabalho dos municípios. Eles não valorizam o trabalho do interior. Então tudo que é distribuído em Belo Horizonte né, no caso do Estado de Minas, às vezes não chega nos municípios. A discussão não chega aqui, porque há um status de poder dentro da entidades estaduais né.

Então o que aconteceu, o FOMENE voltou essas entidades, hoje me parece que são doze ou quatorze cidades que estão na diretoria do FOMENE, que organiza o FOPPIR. O FOPPIR hoje acontece a cada dois anos. Então em 2015 nós tivemos o 10º FOPPIR que foi em Espera Feliz e agora nós vamos para o 11º que vai acontecer no mês de novembro. Vai ser de quinze a dezoito de novembro na cidade de Cataguases (MG) com o tema: “Saberes populares na educação”, vai ser a discussão esse ano.

Então é o momento que esse FOPPIR “pega” as entidades menores né, que compõe os municípios para que a gente possa fazer uma ampla discussão em cima do que está relacionado a educação, a religiosidade, as comunidades quilombolas, a saúde da população negra, temas que são discutidos. Pra que? Para que essas entidades levem para as suas bases essa discussão. Para que possa acontecer essa discussão nos municípios menores, visto que a gente não consegue chegar no Estado. A gente não tem essa abertura do Estado. E o FOPPIR ganhou hoje, no Estado, ele tem uma proporção muito grande.

Existe uma feira que se chama Canjerê, não sei se você já ouviu falar em Belo Horizonte, que acontece todo o ano. Então assim, a maioria dessas pessoas que coloca a barraca, são pessoas de comunidade quilombola né. E a diretoria, a coordenação do FOMENE foi convidada no ano passado para poder ajudar a organizar o Canjerê né. Então isso pra gente...a gente já começou a visibilidade. O FOMENE foi pra ajudar a organizar o Canjerê que é uma feira que acontece em Belo Horizonte (ênfase)!!! Então o FOMENE hoje tem uma visibilidade.

A gente consegue entrar hoje na Arquidiocese, consegue desenvolver trabalhos na Arquidiocese né, a gente agrega a preparação de fóruns, agrega a preparação de marchas né que acontece dentro dessa região nossa de Mariana e se estende até Belo Horizonte. Só que a gente não consegue avançar mais que isso, porque as entidade não tem recursos pra poder ir além. A gente tem conseguido avançar, mas é difícil né.

Nós somos divididos em cinco equipes: Finanças, Programação, Cultura e Mística, Infraestrutura e Comunicação. Tem as entidades que compõe o FOMENE e tem as entidades que vão construir o FOPPIR. Hoje são vinte e seis entidades que vão construir o FOPPIR para este ano. Então essas entidades são distribuídas.

1º MOMENTO – ENTREVISTA INFORMAL

Entrevistada: Conceição Aparecida Hypólito.

Fale sobre você

Meu nome é Conceição Aparecida Hypólito, eu tenho curso Normal Superior, fiz a complementação em Pedagogia e fiz a pós em Igualdade Racial nas escolas pela UFOP em

2014, e 2015 nós terminamos. E trabalhei o ano passado...eu sou professora da Educação Infantil até o 5º ano, mas eu gosto de trabalhar com Educação Infantil. Eu sempre falo que sou professora de Educação Infantil! Ai trabalhei na escola aqui do nosso bairro né, que é uma comunidade remanescente de quilombo, e por eu ter feito esta pós, a diretora ofereceu para trabalhar com a minha turma a Cultura Afro, que a nossa escola têm. O ano passado que eu trabalhei a turma de quatro anos, primeiro período. Foi um trabalho muito bom, muito rico e muito válido! Muito bom mesmo...

O que é ser negro nos dias de hoje? Que dificuldades são encontradas?

Olha a gente fala que a Lei Áurea teve aí, teve a Abolição da Escravatura, mas na realidade, ser negro continua sendo muito difícil. A gente tem muita dificuldade pra tudo. O preconceito aqui, no nosso país, na nossa cidade, ele é mascarado, a pessoa fala que não tem preconceito: “Eu não tenho preconceito. Eu tenho até (ênfase) um amigo negro!” Por que até um amigo negro?

É muito difícil pra arrumar serviço, mesmo às vezes quando a gente chega numa loja, você vê que a pessoa olha pra você assim com desconfiança. Eu tinha uma tia que faleceu e ela falava: “Gente!” (...) A turma aqui, pois, nós que fundamos o Grupo Afro Ganga Zumba, eu (Conceição) sou uma das fundadoras. (...) “A gente era negro metido a besta!” Por que? “Tem lugar que a gente não entra”. Eu entro, eu vou! Ela falou: “Vocês vão lá no Pontenovense? Pontenovense é clube de branco.” Uai, é clube de gente não é! Nós vamos sim! “Ah você vai naquela loja?” Vou naquela loja sim! Pra mim, eu me assumo como negra, eu sou negra, eu tenho consciência que sou negra e às vezes eu tenho até uma atitude que preciso mudar em mim, que eu sou meio arrogante. E se eu vejo que a pessoa está me olhando com indiferença, eu vou até ela para saber o porquê. Eu tenho que saber o porquê que você está me tratando assim com indiferença?! Por causa do meu tom de pele? Sabe...eu sempre tive isso em mim!

Relação entre família e a não afirmação identitária do negro

Aqui no bairro mesmo que foi considerado uma comunidade remanescente de quilombo, que pra isso acontecer foi feito um senso, todo um estudo que pra ser considerado remanescente de quilombo a população tem que se afirmar negro né. Mas você vai conversar, a maioria da

população aqui não se reconhece como negro. Não fala que são negros: são pardos, morenos, negro não é!

Eu tive essa dificuldade pra trabalhar na escola também com crianças pequenas, porque mandava atividade pra casa né, igual mandei tirar cor de cabelo, cor de pele, a maioria dos meninos são assim, igual o meu filho (fazendo o gesto em direção ao filho), negro! Aí fala moreno, pardo! Eles tem essa dificuldade! Aqui nessa comunidade eles tem essa dificuldade de se reconhecer. Eu tenho sobrinhos mesmos, a gente faz esse trabalho aqui, pessoas aqui do Ganga que não fala: “Você é negro? Não sou negro, eu sou moreno!” Tem uma resistência muito grande!

Num dia na escola chamei os pais, pedi a permissão da diretora, chamei os pais para conversar, pra falar que eu ia trabalhar sobre isso, aí teve um pai negro mesmo: “Mas aqui você vai falar que meu filho é negro?” Eu falei assim: “Nós vamos trabalhar a descendência, os antepassados...” E eu vi essa dificuldade aqui na comunidade pra conversar com os pequenos, pra trabalhar a descendência pra ver né, lá do meu avô, bisavô.

O pai deve ter uns vinte e cinco ou vinte e seis anos, ele não se aceita como negro, como que o filho pode falar que é negro?! Têm toda essa dificuldade! A escola faz projeto o ano inteiro, como tem a cultura afro, tem a matéria e tem a professora que trabalha a cultura afro o ano inteiro, mas parece que põe uma venda! O Ganga agora tá parado, mas tem atividades. Aqui já teve mais de trezentas crianças, atividade de capoeira, cheio de crianças, aí a gente fazia este trabalho com eles. Tá na percussão, aí tem um dia da semana, um dia de domingo que tem uma formação pra contar a história do Ganga, pra contar a história do bairro. Chamava a família para vir, vinha pais nenhum! A pessoa parece que não quer saber. Acho que por essa dificuldade da sociedade mesmo, eu penso que é por isso, porque a imagem do negro já mudou muito né, e as pessoa ainda tem essa dificuldade.

Discriminação no trabalho

Eu nascida e criada aqui no bairro, trabalhando aqui na escola, quando a diretora falou para eu trabalhar a cultura afro, aí teve uma colega que virou pra mim, virou pra mim não, comentando com os outros: Ela é que tem que trabalhar com isso mesmo!

Eu cheguei pra ela e falei: Por que eu tenho que trabalhar com isso (ênfase)! Por que isso?!

(COLEGA): Não Conceição, porque cê gosta de mexer com negro, cê é negra mesmo! Cê fica naquele negócio lá no Ganga Zumba, nos batuques.

Detalhe: A colega é negra, entendeu?!

(COLEGA): Isso aqui é você mesma, podia pegar a escola toda pra trabalhar.

Pra você vê! Formada, estudada, professora, trabalha aqui na comunidade...aí essa professora trabalhando com os alunos, o que ela vai ajudar? Não ajuda, não ajuda, só atrapalha! Os meninos ali tem que trabalhar a autoestima deles, que é baixa. Eu acho que eles não se aceitam como negros. Tem muito disso aí!

Trajetória como militante

Eu sempre gostei, a gente tinha uma turma, vou falar que a gente saia em bando. Ai a gente começou uma brincadeira né com esse negócio de dançar no Palmeirense, fez uma gincana lá. Ai foi a partir daí que formou o grupo e que a gente começou a engajar ali dentro. A gente já gostava, mas não era engajada. E começou a formar o grupo, depois dessa gincana. Ai comecei mesmo, ai firmei mesmo a militância no movimento negro.

Educação e Igualdade Racial na escola da comunidade

Olha só, eu fiz meu TCC da minha pós em cima disso, porque eu via essa defasagem aqui na escola. Meu menino estudando, eu não trabalhava mas estava sempre aqui e as vezes precisam de uma professora, como eles me conhecem, vou lá e dou aula. Aí eu fiz, o tema do meu TCC é isso e porque eu não via isso. Aí fui trabalhar lá pra poder saber. Aí eu falei: “Como é que uma escola dentro da comunidade remanescente de quilombo, a escola recebe uma verba pra poder trabalhar essa lei, tem um material pra trabalhar e eu não via o trabalho?!”. Aí eu conversando, fui saber da diretora porque que não trabalhava, ela alegou isso: “Tem professores que trabalham e tem professores que não trabalham. Mas faz parte do currículo”.

A escola tem essa proposta aqui, tem a Proposta Curricular da Igualdade Racial aqui na escola pra poder trabalhar, é passado para o professor e igual estou falando, tem professor que gosta que trabalha, tem professor que só passa por cima. É igual aqui a escola trabalha. Por ser aqui a rede pediu para a escola, alguns professores montam essa proposta. Foi montada e foi passada para as outras escolas. O ano passado a Escola José Mariano fez um trabalho muito bonito, trabalhou a cultura, trabalhou... A professora pegou e trabalhou: “Ah eu quero pegar e

eu vou trabalhar!” Mas assim a professora quis. Quando chega aqui, “ah você vai trabalhar com isso!”, ainda é complicado. Aqui tem uma professora específica. Aí tem uma professora que só trabalha isso.

No final do ano eles me chamaram pra fazer uma avaliação como é que foi, e a cultura afro ainda não tinha sido implantada na Educação Infantil. Mas como eu tinha feito a pós, me ofereceram. Aí eu falei: “Olha eu fiquei meio frustrada! Porque eu tinha um esquema pra trabalhar, que é trazer os meninos pra aqui, é a gente contar história, trazer pai, trazer avô e pelo projeto da escola, pela proposta da escola eu não pude fazer isso!”

Na Educação Infantil eu só tive que trabalhar em cima de historinhas, porque o que eu queria trabalhar faz parte da proposta do 1º ao 5º ano. Só que eu vi que não é trabalhado. E eu queria trabalhar, notei todo um esquema e quando levei para a diretora e supervisora: “Ahhh, mas isso aqui que você está montando faz parte da nossa proposta do 1º ao 5º ano. E se você trabalhar vai ficar repetitivo para os meninos.” Eu vou trabalhar é no foco da Educação Infantil para os meninos. Eu queria trabalhar justamente por ver que estava faltando isso para os meninos. Eu queria trabalhar a identidade, um monte de coisa e tal, porque fazia parte da proposta curricular da escola trabalhar do 1º ao 5º ano. Aí fui trabalhar com os meninos histórias. E nisso trabalhei meio frustrada, mas nisso vi que deu muito certo. Eu até mudei minha opinião. Olha, realmente com a Educação Infantil eu pegando as histórias, desperta mais o interesse dos meninos. Gostei muito! No início não, mas depois gostei muito!

Problema a ser considerado: A formação dos professores

Nem sempre a pessoa que dá a cultura afro sabe do que está trabalhando. Ela pegou ali porque precisa trabalhar. Então ela pegou aquilo ali. Mas ela não tem noção e as vezes nem é culpa da pessoa. Pega qualquer coisa ali e faz merda pra lá! Eu já vi muita coisa errada, trabalho de cultura afro errado! Igual uma professora fez uma vez: “Ah vamos fazer uma representação de Zumbi.” Acho que ela não chegou a fazer não, só falou! “Coloque ele no tronco, vamos dar chibatada nele”. O que que isso vai ajudar um menino negro na escola?? Você põe lá como se tivesse no tronco, fingindo que está dando chibatada nele... E é uma coisa que não tem necessidade! Igual elevar a autoestima. Não! Negro já foi sim escravo, mas olha agora como o negro tá, ele é médico, ele é engenheiro, ele é tudo! Isso que tem que trazer para os alunos. Mas se você trabalhando isso vai levantar a autoestima dos meninos, e eles não vão ter

problema em se reconhecer como negro. Quando você trabalha que negro é escravo, negro é marginal, quem é que vai querer ser negro? De jeito nenhum

(...) Quando eu vejo essas bonecas, essas máscaras que tem aí, eu falei que não me identifico com isso não! Àquelas bocas enormes, àqueles nariz enormes, eu não identifico com isso não, pelo amor de Deus!!! Isso não me representa não! O pessoal vai trabalhar, vai trabalhar com isso! A criança vai querer se identificar com isso? De jeito nenhum!

Trabalhando o tema da História e Cultura Afro-brasileira e Africana de forma pedagógica

Na Biblioteca Municipal, a Rosângela que trabalha lá, ela fez essa pós comigo e ela falou que chegou lá um livro de Rapunzel negra. Ela falou: “Tem que ver o livro é lindo!” Eu falei: “Ah Rosângela, vou até fazer uma coisa errada. Eu já peguei com você e vou xerocar pra mim. Já procurei na internet para xerocar e não achei”.

Porque não pode pôr uma cinderela negra??? Ano passado eu trabalhava aqui, eu adoro fazer historinhas com os meninos. Todas as histórias que tem no projeto de contação de histórias, todas as histórias que contei, procurei histórias negras pra contar. Não é gente, porque você contou uma história de branca de neve. A minha branca de neve, a menina era negra! Ah mas porque ela não pode ser branca de neve? E a menina ficou assim né...AI veio e chamou o pai pra ver, a mãe veio e Renata deixou pra assistir: “Nossa, minha filha é uma princesa...”

Da outra vez eu já contei a história de Dandara. Aí tem uma menina que chama Dandara, ela não tava na minha sala. Mas levei ela pra sala para mostrar para os meninos quem é a Dandara. Tem um livrinho da Dandara que eu comprei, que a menina é negra, princesa negra. Levei a Dandara, minha sobrinha negra e os meninos ficaram assim: “Princesa!!!” Princesa??? Mas tem princesa negra?! Procurei trabalhar sempre literatura, com só livros com personagens negros. Os meninos ficaram encantados! Gente, a maioria não ler e a escola tem, mas não é trabalhado.

É possível afirmar que a escola seja a única responsável pela Educação das Relações-Étnico Raciais?

Família, sociedade...Acho que a escola tem uma grande parcela, mas vêm muito da família, sociedade. Mídia, a mídia mesmo né!

Quais são as dificuldades para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas?

No primeiro momento é a questão do material, material estava difícil! Agora graças à Deus já tem bastante material. Os colegas, os próprios colegas de serviço, a escola em si e a família, os pais dos alunos sabe, não se assumem como negros. Então dependendo da atividade que você manda pra casa do menino, suas características... Igual falei: “Meu filho é moreno, não é negro...” “Não! Pai falou que eu sou moreno tia, pai falou que eu não sou negro não! Cê não fala que sou negro não, que eu não sou negro não! Eu não sou isso não!”

Quais são as dificuldades encontradas pelos professores para trabalhar com seus alunos em sala de aula?

A questão da identidade. Eles não se identificam como negros, a maioria. Eles tem essa negação. Não aceitam a sua cor, o seu cabelo. Isso torna uma dificuldade com os alunos em sala, a maior dificuldade é isso, poder trabalhar na cabeça do aluno que o negro é bonito, ele pode ser um doutor, não precisa ser só jogador de futebol. Negro não vai vencer na vida sendo só jogador de futebol. Ele pode ser doutor, mas ele tem que estudar! Tem que estudar!

Como educadores com um discurso racista formam profissionais da educação?

Muito complicado, muito complicado! Você tem que ter uma cabeça excelente, senão você sai dali né com aquela viseira, e vai passando aquele discurso racista pra frente. Muito complicado.

ROTEIRO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (A) ENTREVISTADO (A)

- **Idade:**
- **Escolaridade:**
- **Profissão:**
- **Naturalidade:**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Sobre a pessoa (trajetória):

1. Fale sobre você.
2. Quando que começou a ter contato com a cultura negra?
3. O que é ser quilombola?

Comunidade antes do reconhecimento como quilombola:

4. Como a comunidade quilombola de Fátima surgiu e se formou?
5. Como era a comunidade nas décadas de 1990 e 2000?
6. Como foi a chegada do Grupo Afro Ganga Zumba na comunidade?
7. Quem ajudava o grupo?

Comunidade após o reconhecimento:

8. Quais foram as mudanças ocorridas na comunidade após o recebimento da certidão de comunidade quilombola?
9. Como a comunidade mantém viva e manifesta a sua memória e ancestralidade?

Escola:

10. Qual a relação de vocês com a escola da comunidade?
11. Como você ver a questão da juventude negra e quilombola?

Mulher:

12. Fale sobre a participação das mulheres e sua importância na construção da história local.

Igreja:

13. Fale sobre a importância do padre José Luiz da Silva na comunidade.
14. Você tem mais algo a dizer?

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (A) ENTREVISTADO (A)

- **Nome:** Efigênia de Castro da Gama Catarino
- **Idade:** 68 anos
- **Escolaridade:** Ensino Médio completo
- **Profissão:** Costureira
- **Naturalidade:** Ponte Nova (MG)

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Sobre a pessoa (trajetória):

1. Fale sobre você.

Eu sou uma pessoa assim: sou muito prestativa, penso muito no próximo, minha finalidade é trabalhar nesse sentido mesmo. Gosto muito de fazer trabalhos sociais, gosto muito e não sei viver sem. Eu acho que não tem como viver só pensando na gente, sem pensar no outro. E eu gosto disso, eu me sinto bem. As vezes algumas pessoas até da minha família acha ruim comigo, fala que eu preocupo mais com os outros do que comigo mesmo. Mas é uma coisa minha, é meu. Não tem como eu ser diferente disso. Sou uma pessoa pra cima, muito otimista, acredito muito no melhor. Não tenho pessimismo pra nada, acho que a gente tem sempre que pensar assim e é assim que eu sou. Eu gosto de ser assim ...

2. Quando que começou a ter contato com a cultura negra?

Assim ... ter mesmo foi quando surgiu o Ganga Zumba em 1988. Que até então, as vezes a gente até passou por alguma situação de racismo, mas a gente não tinha aquela clareza, aquela mentalidade de racismo. De 1988 pra cá que a gente começou a fazer trabalho né, de dança, de estudo dentro do Ganga Zumba que ai eu comecei a integrar mesmo, estudar e ler e pesquisar, ai eu tomei mais conhecimento mesmo. Foi de 1988 pra cá com a iniciação do trabalho do Ganga Zumba.

3. O que é ser quilombola?

Quilombola é ser alegre, é não desistir nunca. Quilombola é ter a força da ancestralidade né, se nós temos hoje, nós estamos nas condições que temos hoje é porque eles não desistiram, eles persistiram. Então quilombola é isso, que mesmo no sofrimento ele tem uma alegria que vêm de dentro, que não deixa ele esmorecer. Isso que é ser quilombola.

Comunidade antes do reconhecimento como quilombola:

4. Como a comunidade quilombola de Fátima surgiu e se formou?

Eram fazendas que tinham aqui ao redor né e como sempre as pessoas menos favorecidas mesmo que trabalhavam lá, elas tinham que morar em algum lugar. E foram surgindo casebres né de sapé nos morros, que aqui nem tinha rua. Eram trilhos que passavam cavalo, e as pessoas andavam um atrás do outro. E foi plantando as casas assim. Tanto que a arquitetura do nosso bairro é toda louca! É toda louca! Não foi nada medido, não foi nada. Cada um foi

fincando a sua casa. Isso aqui começou depois quando o bairro surgiu, o moço perguntava assim: “Quantos cabos de foice você quer?” Media quantos cabos de foice... “Essa aqui é seu, esse aqui é seu...” Foi assim que começou o nosso bairro. As ruas eram alfabetos: Rua C, Rua D, Rua A, Rua B ...Ai depois com os estudos é que foi dando o nome das autoridades da cidade para os bairros. Nome de santo né...A nossa rua aqui é Rua Luiz Martins Soares Sobrinho que era um dos que foi prefeito em Ponte Nova. Ai foi dando o nome, mas antes era só alfabeto. (...) Na época a produção de café e cana de açúcar era forte. É muito triste ver a nossa cidade hoje, né. Nós tínhamos que competir com Juiz de Fora que estava atrás de nós. A nossa cidade era “Princesinha da Mata”. E é muito triste saber que nós estamos lá embaixo. As pessoas que vieram que foram prefeitos da cidade não procuraram melhorar a cidade né, melhorar. Ficou simplesmente a cana de açúcar né. Hoje houve esse desastre ai que acabou tudo né, e com isso acabou. Não tem nada, uma produção forte aqui em Ponte Nova você não tem o que falar. Não tem!!! Não tem nada forte aqui que você fala: Não! isso aqui é de Ponte Nova, é forte de Ponte Nova! Continua a Usina mas muito fraca e em pouca escala. Que é muito esquisito que eu falei assim: “Gente, como pode? O açúcar sai daqui numa saca de 60 kg e vai pra Contagem pra voltar com o nome de Alvinho, e nós aqui de Ponte Nova compramos ela.” É muito louco isso, você pensar numa coisa dessa! Muito louco, muito louco mesmo!!!

5. Como era a comunidade nas décadas de 1990 e 2000?

Era uma comunidade bem simples, bem simples né. A gente ainda não tinha calçamento na rua, nas ruas todas, só na rua principal é que tinha pedras fincadas, mas não era calçado o bairro. Nessa década ainda tinha muita casa de sapé, bastante casa de sapé ainda. O bairro recebeu o nome de sapé por causa dos primeiros ranchos que teve aqui, eram cobertos por sapé. Todas as casas eram feitas de barro (taipa) e sapé. E aqui antigamente era chamado Morro do Cruzeiro, porque tinha um cruzeiro. Eu fico até triste também porque as pessoas não deixou, são pessoas sem memória né, poderia ter feito a capela e deixado o cruzeiro de lado que era de madeira boa. Lembro direitinho que ainda tinha um galo em cima da ponta dele que era um papa-vento, girava né, na minha infância eu vendo aquilo lá...era umas escadzinhas e tinha o cruzeiro. (...) As mulheres botavam pedra na cabeça e cortavam a rua do bairro, descia pela Luiz Martins, passava pela Coronel Emílio e voltava, ia lá perto do Patrício e vinha cantando com a pedra na cabeça pra chamar chuva: “São Barnabé lá do alto

da serra, pedir a Nosso Senhor que manda a chuva na terra.” E muitas vezes quando elas chegavam no cruzeiro, já chegava com chuva.

6. Como foi a chegada do Grupo Afro Ganga Zumba na comunidade?

O grupo surgiu a partir da gincana das meninas né. As meninas fizeram uma gincana, e depois dessa gincana elas resolveram falar que iam fazer dança afro, axé. No início foi mais axé, as músicas da Bahia. Tanto que a primeira apresentação delas na praça foi com música da Bahia. Ai depois começava a dançar no som de disco de vinil, que naquela época era disco de vinil né. Foi disco de vinil, dançaram muito tempo com disco de vinil. Depois ai a gente foi mais, com mais estudos, ai a gente foi aprendendo toques de tambores. Ai depois já foi dançando com toque de tambor. Quando o tambor toca a gente fica doida (risos)! Então foi assim nessa época que o Ganga surgiu.

7. Quem ajudava o grupo?

O grupo é praticamente formado por uma família. A maioria do grupo é família. Então as pessoas que eram meninos naquela época, hoje já foram presidente do Ganga, já passou a secretário do Ganga, tesoureiro do Ganga. Então é eles como nós, os mais velhos, é que está dando continuidade ao trabalho. Se for olhar as atas todinhas, começou com Maria Luiza que é uma das fundadoras e foi passando para Conceição também que é uma das fundadoras, depois já foi Mariana que quando o Grupo Afro Ganga Zumba iniciou estava com cinco ou seis anos na época. E Mariana foi presidente do Ganga por dois mandatos. Então é entre nós mesmo que já vai repassando, e outras pessoas que já vem agregando a gente também, é que vai dando o crescimento ao nosso trabalho, graças a Deus! O ganga é forte pelo fato de ser família! A nossa família é muito forte desde o Córrego do Ouro (Lagoa Seca) onde meus avós moravam e vieram para Ponte Nova. Então desde lá nós temos essa coisa de trabalhar juntos, nós somos uma família muito unida. Eu falo sempre assim, que nós não temos que brigar entre nós. Nós temos que formar um elo de uma corrente forte, que o que vier de fora pra combater com a gente não tem jeito de entrar. Então é uma corrente muito forte, muito forte. Então esses vinte e nove anos do Ganga Zumba teve altos e baixos que todas as ONGs tem, mas não dilacera, não acaba por ser família. Uma família muito unida, muito unida mesmo!!! Isso eu tenho orgulho de falar, a nossa família é muito unida. Na hora do choro, na hora da alegria, na hora do trabalho, nós estamos um empenhado a ajudar o outro. É assim que é formada a nossa família, graças a Deus, tenho muito orgulho de falar isto!

Comunidade após o reconhecimento:

8. Quais foram as mudanças ocorridas na comunidade após o recebimento da certidão de comunidade quilombola?

Quando recebemos a certificação não tivemos ganhos. Nós estamos recebendo os ganhos agora com os nossos meninos na universidade né. As vantagens que os nossos meninos estão recebendo agora na universidade. Me parece que são R\$900,00 por mês que eles recebem e alimentação, e moradia né. E isso está sendo bom, mas já foi falado que nós temos muito mais ganho que isso. (...) Então nós vamos procurar saber direitinho dessas vantagens que a gente tem.

9. Como a comunidade mantém viva e manifesta a sua memória e ancestralidade?

É dentro do trabalho do Ganga. É uma Bíblia pra nós! Em todas as nossas conversas nós temos que falar disso. (...) Eu achei bonito que a menina da Márcia falou com ela: “Mãe, eu não quero o meu cabelo assim. Eu quero que a senhora corta o meu cabelo, que eu quero o meu cabelo Black.” E Maria Eduarda está com nove pra dez anos. Isso porque? Porque foi falado, foi trabalhado isso com ela. E é assim que a gente faz. A gente vai trabalhando isso na nossa comunidade. Porque antigamente se falasse que a menina era negra, ela ficava triste. Hoje ela não importa mais. Antigamente se falava com as meninas que elas eram negras, elas choravam. Mônica mesmo foi uma. (...) Hoje não! As meninas sentem orgulho! Bota lação, bota tudo enquanto há, tudo enquanto há elas querem! Elas querem vestir, trajar...elas não importam não! Hoje elas não importam com esse negócio não, porque a gente trabalha isso desde novinho.

Escola:

10. Qual a relação de vocês com a escola da comunidade?

É muito boa. Eu sou amiga da escola, como já fui funcionária da escola, todas duas, então eu sou amiga da escola. Qualquer coisa que eles precisam e vice versa: o Ganga favorece a escola e a escola favorece o Ganga. A gente faz uma parceria, nós somos parceiros das duas escolas. O que a gente precisar a gente recebe deles e o que eles precisam também, a gente está pronto pra servir eles. Nós somos parceiros, não só da escola. Nós somos parceiros da

escola e somos parceiros também do PSF do nosso bairro, cujos trabalhos com idosos são feitos dentro da nossa casa. Segunda, quarta e sexta a ginástica com as pessoas da terceira idade é feita dentro da nossa casa.

11. Como você vê a questão da juventude negra e quilombola?

Da nossa comunidade eu acho muito fraco, muito fraco! Eu falo que não é nem só na nossa comunidade, nós temos que trabalhar mais com os nossos jovens né. (...) Nós tivemos uma reunião do FOMENE. Lá na reunião estava falando sobre o funk né e eles pegaram, falaram que nós temos que trabalhar mais o funk, pois, o funk fala sobre a realidade do povo negro. Nós não temos que ter vergonha não, que os meninos ali estão falando a realidade do nosso povo. Então pra puxar isso pra gente, a gente tem que fazer esse trabalho. Então a gente está pensando em fazer, a gente estava até conversando em fazer este trabalho com o jovem. Trazer o funk, assim como a gente trabalha o pagode e o samba, nós fazer o trabalho com o funk e trazer os nossos jovens pra dentro da nossa casa. Que nós vamos conquistar eles, a gente indo para o espaço deles. Aceitar a música deles, a maneira deles de se divertir, o hip hop entendeu?! Nós temos que ir e fazer esse trabalho. A gente estava pensando até em fazer um encontro das pessoas mais velhas com os jovens...

Mulher

12. Fale sobre a participação das mulheres e sua importância na construção da história local.

Eu falo muito que as mulheres aqui são fortes. Eu falo que essa semana viajando mesmo, sempre quando eu faço viagem que eu olho lavouras de café, eu fui para o lado de Carangola, lavouras de café, matas fechadas, ai eu fico lembrando da minha mãe. Minha mãe foi uma mulher forte, mulher forte mesmo! Minha mãe chegou (a gente cozinhava com lenha) a trazer na cabeça, a minha mãe chegou a trazer na cabeça pra casa um caminhão de lenha. Na cabeça! Não é só ela não, eu cito três pessoas com quem eu convivi mais: era Lourdes que era minha mãe, Carmelita e Dona Maria Pereira. Aqui três mulheres fortes da nossa comunidade. Três mulheres fortes que vem além do tempo. Mulheres que trabalhavam na lavoura de café e que não abaixavam a cabeça para os fazendeiros. Não abaixavam! No direito delas, elas queriam o que era delas! (...) Se dava um vale que elas recebiam pelas panhas de café, que elas juntavam

e recebiam no final de três meses e compravam roupa de ano em ano, coberta, tudo era de ano em ano. Então quando ia acertar, elas não calavam e não abaixavam. Tava errado e elas falavam que tava errado, e tava errado mesmo.

Então nós, fora isso, eu estou citando essas três que eu convivi, mas aqui teve mais...nós que somos filhos dessas três mulheres, ninguém, ninguém vive de cabeça baixa. Elas deixaram um legado muito forte aqui na nossa comunidade, muito forte mesmo! Que eram mulheres que foram exemplo, tanto na criação dos filhos como no trabalho. Elas eram fora do comum! Fora do comum! Mulheres de garra...O próprio grupo Ganga Zumba foi começado com dezoito mulheres. E o que é forte no Ganga é a mulher. Entendeu agora (risos)? Por incrível que pareça, a participação das mulheres na presidência, os momentos fortes do Ganga foi quando as mulheres foram presidente. Que as mulheres não deixa a peteca cair, não deixa mesmo! Eu falei com eles, ou eles vão ficar comigo na presidência ou vão pedir o meu impeachment (risos), porque eu não sei ficar quieta, eu não sei. Muita coisa que vão fazer: “Ah vão fazer!” Se vão fazer, tem que fazer! Eu não deixo para amanhã! (...) Eu sou assim e graças a Deus até hoje o Ganga já vai a frente com a mulherada toda, firme e forte...

Igreja:

13. Fale sobre a importância do padre José Luiz da Silva⁸³ na comunidade.

Além de ter vindo dar aula no nosso Pré-vestibular, ele também, por incrível que pareça por ser padre ele tem um conhecimento muito grande de matrizes africanas, que lá eles não gostam de falar mas dentro do seminário é estudado, fiquei sabendo. Lá dentro do seminário é estudado porque na Bíblia fala, entendeu? Então ele veio dar palestras junto com a gente e ajudou demais a gente. Sentimos muita a falta dele, muita, muita mesmo! E todos os trabalhos que a gente fazia, ele estava junto, caminhando. E fez parte do nosso coral. Nós tivemos um coral, Vozes do setor A, entendeu? Ele fez parte do nosso coral. Ficamos muito sentidos dele ter ido embora. Ele era presença muito importante entre nós. Muito mesmo!

14. Você tem mais algo a dizer?

Uma mensagem que eu queria deixar era essa, que a gente fica de repúdio, que a gente fica muito triste de até hoje, sabendo que todo mundo sabe que hoje é falado da importância do

⁸³ Ex-administrador da Paróquia São Pedro/Palmeiras.

negro no Brasil, e um pouco que nós estamos recebendo daquilo, de tudo que os nossos ancestrais deixou, fez, e a gente ainda sofrer discriminação, e as pessoas não aceitarem as cotas para os nossos negros. Que eles questionam muito, em todo o lugar que a gente vai o que mais se fala é nas cotas para os negros, sabendo que existiu cotas para os filhos dos fazendeiros. Pois é, tinha cotas para os filhos dos fazendeiros e isso nunca foi questionado. É repúdio também deixar esse racismo imbecil que está tendo até hoje. Porque não uma negra bonita poder ser Miss Brasil, sendo que a maioria do nosso povo aqui é negro? No Brasil não tem raça pura! Então porque não? Ela ganhar miss e ser atacada na internet? É isso que é triste, é triste! Não me importo se me chamar de negra, não fico triste. Fico triste das humilhações que querem forçar a gente a passar. Forçar, que a gente não passa! Mas querem forçar a gente a passar! Isso aí eu fico triste, fico triste mesmo! Muito triste mesmo!

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (A) ENTREVISTADO (A)

- **Nome:** Pedro Antônio da Gama Catarino
- **Idade:** 70 anos
- **Escolaridade:** Curso superior em Letras e Direito
- **Profissão:** Aposentado
- **Naturalidade:** Ponte Nova (MG)

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Comunidade antes do reconhecimento como quilombola:

1. Como a comunidade quilombola de Fátima surgiu e se formou?

(...) Tinha o barbeiro e sua esposa que era a sapateira. Tinha as vendas de seu Machado, seu Vicente (...). Tinha seu Arlindo e suas pastoras. Todas esses personagens que formavam também né, são tantos nomes que foge assim um pouco da cabeça da gente. Seu Joãozinho barbeiro que era o lenhador né. Ele cortava o cabelo mas era a mulher que rachava a lenha,

Dona Nilza. (...) Tinha o seu Nonô que era o dono do caminhão. As vendas melhorzinhas que a gente tinha assim, era a venda de seu João Bela Vista que hoje chama casa do Patrício. Então assim, um pouquinho dessa história né. E tinha também os delegados que se chamavam de “Bate pau”, inclusive meu tio Lucas e o Zé Vitor que se metia a falar que era delegado, aquele negócio que o juiz falava assim: “Vai tomar conta lá do Sapé para mim!” Ai ele vinha para cá e o povo ficava sabendo né: “Oh! Zé Vitor está chegando ai, o delegado nosso está chegando ai.” Era aquele trem todo na informalidade e as pessoas se sentiam realmente que eram autoridade mesmo, naquela época. Hoje não, você tem que ter toda uma formação pra poder atingir esse nível né. Então assim, um pouquinho da história, um pouquinho dos personagens nossos daqui da comunidade né! E a gente tem a Escola Nossa Senhora de Fátima que antigamente era Senador Miguel Lana, que saiu do bairro de Fátima e foi para o São Pedro. Houve um conflito muito grande porque lá em cima tinha um campo de futebol, que era o futebol do Operário e que acabaram com o campo de futebol e fizeram um “grupo”, uma escola muito boa, espetacular. Em Ponte Nova são poucas as escolas que tem a infraestrutura ou estrutura que tem essa escola lá em cima. Ai a escola aqui ficou vazia. Ai com a luta da comunidade é que se reabriu a escola com o nome Escola Nossa Senhora de Fátima, tá entendendo? E assim vai encaminhando a nossa luta né.

2. Como era a comunidade nas décadas de 1990 e 2000?

Na década de 1990 e 2000 já começou a haver essa modificação por causa do surgimento do Grupo Afro Ganga Zumba. O Grupo Afro Ganga Zumba surgiu em 1988, entendeu? Então a partir daí começa as modificações, muitas pessoas começam realmente a quebrar um pouco da resistência com relação a negritude né?! As pessoas achavam assim muito estranhas, por causa de muitos anos amordaçados, os negros sem poder reagir né, com leis escassas que traziam uma proteção para o povo negro, o foco de conhecimento também. Então isso melhorou bastante, muito se desenvolveu, tem uma sede... Então nessa década de 1990 e 2000 foi o forte, foi a chegada do grupo e o fortalecimento realmente não só em Ponte Nova, na comunidade, mas em toda Ponte Nova e região.

3. Como foi a chegada do Grupo Afro Ganga Zumba na comunidade?

Resposta acima (questão 2 – ver).

4. Quem ajudava o grupo?

Basicamente eram as mesmas pessoas que fundaram o grupo: Rosângela, Dodora, Efigênia... Foram dezoito meninas que começou a fazer dança afro. (...) Depois começou a chegar mais gente. A instituição chegou a ter financiamento e chegou a ter mais de trezentas crianças dentro de nossa sede. Mas a brincadeira que a gente costuma dizer é a seguinte: “Acabou o milho, não tem pipoca!” Ou seja, acabou o dinheiro a gente não tinha como manter aquela estrutura de pessoas que recebia salários né, recebia aquele número de crianças aqui dentro. A gente faz um trabalho bastante precário, muito mais por essas questões né. A gente tem uma estrutura fantástica e nunca deixa de trabalhar, de fazer este trabalho na nossa caminhada. Se ficou definitivamente foi na década de 1990 que a instituição se firmou realmente.

Comunidade após o reconhecimento:

5. Quais foram as mudanças ocorridas na comunidade após o recebimento da certidão de comunidade quilombola?

A própria escola começou a ter alguns benefício recebendo material didático. O próprio posto médico, a Prefeitura solicitou a documentação que nós tínhamos em mãos, principalmente a certificação para organizar projetos pra mandar tanto para a área de saúde, para a área de educação. E a gente de uma certa forma passou também a receber alguns benefícios. Por ser uma comunidade remanescente de quilombo, nós também fomos hoje reconhecidos pelo Ministério da Cultura, pela Secretaria Estadual de Cultura como ponto de cultura de Ponte Nova. Então tudo isso ajudou que a gente pudesse receber este título. É um título! Sem contar o título que nós recebemos né da Prefeitura Municipal como Patrimônio Imaterial da cidade.

6. Como a comunidade mantém viva e manifesta a sua memória e ancestralidade?

Nós ainda com as dificuldades e precariedades, a gente se mantém com os grupos de cantoria e de capoeira, com a dança, com a percussão. A gente traz viva ainda todo esse trabalho da nossa ancestralidade.

Escola:

7. Qual a relação de vocês com a escola da comunidade?

Nós sempre tivemos uma relação muito estreita com todos os diretores que por aqui passaram. E hoje nós temos inclusive, apesar de não ser da nossa comunidade, a nossa diretora da escola, Ana Paula, que é negra, isso é muito importante. Ela reconhece a gente! Quando foi chamada para fazer uma palestra sobre essa comunidade, a questão da negritude da comunidade, ela disse o seguinte: “Olha, não tem como eu fazer isso mas tem as pessoas que podem fazer isso.” Foi onde convidou o Grupo Afro Ganga Zumba para poder fazer as palestras aonde ela foi chamada, e falar um pouco dessa história, dessa negritude, um pouco de como surgiu essa região. Então assim, é um respeito que eu vejo da pessoa quando ela se coloca nessa posição de que “olha eu não tenho condições, mas eu tenho as pessoas...” Ou seja, respeita o trabalho da gente. Então a nossa relação com a escola sempre foi muito boa. Muito boa mesmo! Eles ajudam a gente muito e quando a gente pode ajuda eles também.

8. Como você vê a questão da juventude negra e quilombola?

Essa questão é uma questão ainda bastante fragilizada, dada as questões da própria mídia, da imprensa, da escola ainda de ser um agente que tenta destruir essa diferença entre o negro e o branco. Que existe mesmo, não tem argumento tá?! E mais, de tanto ouvir falar que negro é isso, que negro é aquilo, até o próprio negro, ele não faz isso voluntariamente é muito bom esclarecer isso. Ele faz isso de forma involuntária. Por que? Porque sabendo que o negro tem todas essas dificuldades, de trabalho, de chegar a uma faculdade, de chegar a uma universidade e ter assim um cargo profissional de frente, a juventude ainda fica muito acuada em assumir a negritude. Não porque não querem, exatamente pela valorização que realmente não existe em termos de negro. Se tivesse, isso aí é uma história triste, mas se tiver um negro que tenha curso superior e tiver um branco que ainda não tenha curso superior na hora da disputa, então pode ter certeza que o branco leva. Exatamente isso faz com que a juventude fique a pensar: “Sou ou não sou?” “Ser ou não ser?” Então a nossa juventude não assume pra valer, apesar da gente já ter muita liderança que o Ganga Zumba formou, que assumi definitivamente, fala sobre o assunto abertamente e ainda peita os problemas também, mas ainda tem essa grande dificuldade exatamente por causa dessa influência negativa que se fala do negro, especialmente né, tenho que falar isso, não posso deixar de falar, especialmente porque a própria igreja fez isso com o povo negro.

Até porque eu até 1988 sempre tive uma boa relação com todos porque eu sempre fui muito sem vergonha de ficar no meio de todo mundo, eu achava que eu não era negro. Eu, eu, eu,

Pedrinho!!! Achava que comigo não acontecia nada. E acontecia toda hora, só que eu fui perceber isso depois que eu comecei a participar desse processo de fundação do Grupo Afro Ganga Zumba, e comecei a caminhar, a frequentar outros grupos de Belo Horizonte, Rio, São Paulo etc. e vendo os discursos, vendo as pessoas comentando, foi que eu comecei assim; “Eu acho que eu sou negro!” Então assim foi...

Mulher:

9. Fale sobre a participação das mulheres e sua importância na construção da história local.

As mulheres sempre foram linha de frente. A gente tinha os grupos de mulheres aqui na comunidade, as rezadeiras, as benzedoras, as mulheres que aconselhavam...Então a influência dessas mulheres é muito importante, porque se tinha algum problema “Chama Dona fulana de tal lá”, não tem médico “Chama a parteira Dona fulana de tal...” Então essa influência das mulheres sempre foi muito grande, apesar de ainda as mulheres hoje diferente da época que estou te contando, ela ser ainda muito submissa ao homem, mas elas sempre estavam a frente de muita discussão.

Por exemplo, nós tínhamos aqui uma grande liderança que era a Dona Adelina Prateado. Ela é vó do marido de Rosângela e que era uma das mulheres lideranças aqui da comunidade. Era uma pessoa que saía e todo mundo acompanhava. Fizeram até um samba: “Adelina Prateado, a babá da comunidade”. Realmente ela e depois as filhas delas e mais outras mulheres. Então teve muita influência nessa questão, especialmente as mulheres que eram panhadeiras de café e tinha os grupos de mulheres que faziam tudo isso né. Então as mulheres sempre foram o ponto alto de qualquer comunidade. Em qualquer comunidade a mulher é sempre o ponto alto, ainda com toda submissão dos séculos passados, ela ainda sempre está na linha de frente.

A minha avó, por exemplo, nasceu antes da Lei Áurea, e ainda muito jovem era uma liderança. Minha avó Geraldina era uma liderança que recebia a confiança das pessoas, das patroas, das sinhás. Ela veio de outra região, da região de Juiz de Fora...

Igreja:

10. Fale sobre a importância do padre José Luiz da Silva na comunidade.

O Zé Luiz sempre foi um grande amigo nosso né. Zé Luiz foi assim uma pessoa que sofreu com a gente, pois, ele viu todo o drama que nós vivemos no período de construção do nosso Ganga Zumba, a participação na igreja e ele sempre junto com a gente. Mas ele tinha uma obediência a Arquidiocese, deixou de algumas vezes fazer algumas coisas não porque ele não queria fazer, exatamente porque ele tinha uma obediência pra cumprir que era fazer ou não fazer. Só para você ter uma ideia, há mais ou menos dois ou três anos atrás, o Arcebispo que chegou Dom Geraldo, chegou a proibir a celebração que chamava de missa afro mas na verdade é uma missa inculturada na igreja aqui, depois da gente ter passado pela igreja de Palmeiras. Mas Padre Zé Luiz sempre foi um parceiro nosso, sempre foi um grande parceiro nosso! E ele nos apoiou de cima e embaixo. (...) Ele proibiu por falta de conhecimento, falta de cultura e de não conhecer a história. Infelizmente um cara com a capacidade que tem, com o estudo que tem, não conhecer a história do negro e proibir o negro de entrar na igreja em pleno século XXI, proibir rezar uma missa inculturada, uma missa afro na própria igreja. A dificuldade do Congado entrar na igreja... Aqui!!! Estou falando com você aqui em Ponte Nova na Paróquia de São Pedro, em Palmeiras. E ai não pode sair da Paróquia pra vim celebrar aqui, foi proibido aqui na nossa comunidade, no bairro de Fátima. Mas ele sempre lutou pra que a gente pudesse ser sempre essa unidade. Então a influência dele foi muito importante.

11. Você tem mais algo a dizer?

Eu acredito que é sempre bem-vindo essas entrevistas porque se conhece pouco da história. Que essa história seja realmente reproduzida, depois que vocês terminarem de fazer o trabalho. Que mandem para a Escola Senador Miguel Lana, que mandem também uma cópia desse documento para a Escola Nossa Senhora de Fátima. Que mandem uma cópia desse documento para a Secretaria Municipal de Educação de Ponte Nova. E se tiver uma oportunidade deixar também um exemplar na Biblioteca da Universidade Federal de Viçosa. Por que? Porque eles precisam também conhecer o que está a volta deles. A gente recebe muito pouco daquilo que fizemos muito!

O povo negro recebe muito pouco daquilo que fez muito pelo Brasil, por Minas Gerais, por Ponte Nova, Viçosa, Mariana...então se faz muito pouco! A gente hoje ainda pra poder conseguir umas coisas com o negro dentro da própria da comunidade católica é um sacrifício, uma desculpa daqui, uma desculpa dali que não pode aquilo né? Por que? Não sei! Ainda

existe esse tabu, ainda existe essa resistência, esse distanciamento né da igreja com o povo negro, com a comunidade negra. Sendo que a maioria do povo negro são lideranças nas comunidades, dentro da própria igreja e não se sabe ainda quando que vai chegar o entendimento desse pessoal a respeito dessa igualdade, dessa liberdade, desses meus direitos. O direito de inculturar, o direito de falar, o direito de exigir não só o direito de receber mas o direito de exigir, o direito de exigir nas escolas que se estude a Lei 10.639...tudo isso não precisava ficar exigindo, existe é pra isso! Então você leva, por exemplo, para uma escola e a escola começa a escorregar dizendo que não tem gente preparada, que não pode fazer isso, que não pode fazer aquilo. Mas se o governo muda lá na grade e fala: “A partir de hoje não tem mais Matemática, vamos estudar História.” Você que é professor de Matemática vai dar aula de História, está entendendo? Então essas são as barreiras que a gente encontra pra desenvolver esse trabalho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (A) ENTREVISTADO (A)

- **Nome:** Rosângela Lisboa
- **Idade:** 57 anos
- **Escolaridade:** Ensino Fundamental incompleto
- **Profissão:** Já fui doméstica e cabeleireira. Atualmente sou artesã.
- **Naturalidade:** Ponte Nova (MG)

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Sobre a pessoa (trajetória):

1. Fale sobre você.

Quando eu era criança, ser negro era “carregar uma cruz”. Era triste! A gente era humilhado e é uma parte que eu nem gosto de lembrar. Para meus pais, o negro tinha seu lugar: “Aqui cê pode, ali não é seu lugar.” Eu custei a entrar em lojas em Ponte Nova, porque achava que a

peessoa não atendia a gente direito, como de fato até hoje é meio assim desconfiada. Mas antes era triste, a gente era muito discriminado assim ... na cara dura. Só da pessoa olhar para você, já abaixava a cabeça. Não tinha autoestima e negro era uma coisa de outro mundo né. Agora que mudou um pouco, mas a discriminação não deixou de existir não! E nem vai deixar. Tem que ficar ali lutando para os que estão vindo agora, mas acho que não deixa de existir não.

2. Quando que começou a ter contato com a cultura negra?

Foi de brincadeira (risos). Foi no ano do cem anos da abolição né, eu tava lá embaixo e vi eles arrumando um palco lá, um amigo nosso aí falei:

- “Oh Zé Jair, o que vai ter aqui?”

(ZÉ JAIR): - “Ah! Cem anos da Abolição! E nós vamos fazer um show aqui!”

Aí peguei e falei com ele:

- “Vocês vão fazer o quê?”

(ZÉ JAIR): “Colocar uma banda pra tocar na praça.”

- “E se eu arrumar umas meninas pra dançar?”

(ZÉ JAIR): - “Ah! se arrumar vai ser bom!”

- “Mas esse palco aqui é pequeno.”

(ZÉ JAIR): - “Mas o prefeito mandou fazer esse. Mas se vocês tiverem coragem pede ele um grande.”

Calcei a cara. Coisa que eu nunca tinha feito era entrar na prefeitura. Calcei a cara eu e Tuquinha e fomos lá na Prefeitura. Era Sette de Barros. Chegamos lá e falamos que queria falar com o prefeito. Ele atendeu a gente muito bem. Nós entramos e o assessor de lá perguntou o que a gente queria, aí eu fui expliquei pra ele o que era. Aí o assessor dele falou:

- “Não, faz um palco daqui e ali.”

Aí eu meio assim, dele nele uma resposta:

- “Só se for para o senhor dançar!”

Aí pensei: “Meu Deus, estraguei o trem todo!”

Aí o prefeito falou: - “Quantas meninas?”

Aí falei: - “São dezenove⁸⁴.”

⁸⁴ Jacira, Ronilda, Angélica, Rosângela, Rozenil, Dora, Luiza, Regina, Tiazinha, Tuquinha, Lelé, Célia, Márcia, Mônica, Carmen, Conceição, Denise, Rita.

(PREFEITO): “Então é pequena sim. Faz o seguinte, eu vou mandar falar com o pessoal. Você vai lá na praça e fala o tamanho que você quer.”

Ai eu falei: - “Tamanho que eu quero? Olhei pra sala assim:

- “Eu quero daqui até lá e de lá até cá.”

(PREFEITO): - “Então vai lá e fala do jeito que você quer.”

Ai fui lá na praça e falei. As meninas deram um show! Todo mundo achando que ia dançar as músicas da Bahia, na época era Banda Reflexu’s, Banda Mel...esse pessoal.

Ai falei: - “Não, não vamos dançar isso.”

Fui na discotape, que comprava disco era só lá, fui lá e falei com Zé Maria:

- “Vou procurar umas músicas aqui.”

Ai olhei Martinho da Vila “Som africano”, Djavan “Hino do Congresso africano”, essa também tá boa. Ai fui olhando mais, todas as músicas que eram em dialeto português, iorubá, ai falei assim:

- “Ah é isso mesmo.” E trouxe. Comprei os discos com meu dinheiro e trouxe. Mostrei o pessoal e as meninas falaram assim:

- “Ah! Mas a gente não vai saber dançar isso não!”

Ai falei: - “Nós vamos saber dançar isso sim!”

Tava varrendo casa com a vassoura na mão, eu e Jaime (meu primo). Fazia o meu serviço ouvindo as músicas pra me ver o que ia fazer. Ai peguei a vassoura na mão, a música começou e Jaime continuou fazendo. E fizemos a coreografia, passamos para as meninas. O pessoal adorou. Acho que foram quatro ou cinco músicas, todas sem a gente ter contato com a televisão para ver como era a dança afro. Depois cada um foi concertando, colocando. As coreografias ficaram muito bonitas, depois veio o problema da roupa. Não podia ser um short, uma blusa ou uma saia. Tinha que ser uma coisa diferente. Ai decidimos que cada um ia pegar um lençol em casa estampado. Pegamos um lençol estampado e descemos com ele. E um branco. O lençol estampado para amarrar no corpo e o branco na cabeça, colares e pulseiras. Esse foi o nosso primeiro figurino. Ai foi onde que teve o nosso primeiro contato.

3. O que é ser quilombola?

Quilombo era pra onde os negros fugiam. E aqui nosso bairro é um quilombo urbano. Quilombola é aceitar a nossa etnia, não renegar ser negro. Aceitar mesmo! Quem se sente um quilombola, se sente negro, se sente raiz mesmo.

Comunidade antes do reconhecimento como quilombola:

4. Como a comunidade quilombola de Fátima surgiu e se formou?

Não sabe informar!

5. Como era a comunidade nas décadas de 1990 e 2000?

Não sabe informar!

6. Como foi a chegada do Grupo Afro Ganga Zumba na comunidade?

Bendizer ele nasceu nesse dia que subimos no palco para dançar né. Ele nasceu aqui (gesto em direção ao quintal da casa) no terreiro. Na gente sair pra dançar e tal, ai começou Pedrinho:

- “Tem que fazer um grupo.”

Ai começou a estudar sobre isso. Onde que eu lembro que quando escolheu o nome do grupo, nós estávamos tudo sentado do lado de fora (...) de onde escolheu o nome Ganga Zumba. Ai perguntaram: - “Mas o que é Ganga Zumba?” Ai Conceição leu a história na casa dela e levou o livro para o pessoal. Depois que todo mundo ouviu a história do Ganga Zumba, chegaram num consenso e escolheram esse nome.

7. Quem ajudava o grupo?

Todo mundo, as meninas pessoas que ajudaram a fundar o grupo.

Comunidade após o reconhecimento:

8. Quais foram as mudanças ocorridas na comunidade após o recebimento da certidão de comunidade quilombola?

A mudança começou depois que surgiu o grupo. (...) Muita gente começou a aceitar ser negro, ter orgulho de falar que é negro. Agora tem muita gente ainda que não sabe que aqui é uma comunidade quilombola. Tem muita gente no bairro que não sabe onde é a sede do Ganga Zumba.

9. Como a comunidade mantém viva e manifesta a sua memória e ancestralidade?

Estamos pelejando para manter vivo porque esses meninos não querem saber de nada. Mas a gente está pelejando. Igual o nosso grupo de mulheres, nós estamos tocando tambor agora, tentando puxar os meninos pra lá, mas está difícil. Tá difícil, mas nós vamos resistindo. Tem a missa...Muita gente acha que ser negro é só vinte de novembro, vestir roupa estampada e marrar um pano na cabeça. Não é isso não! Não é isso não!

Escola:

10. Qual a relação de vocês com a escola da comunidade?

Tudo que a gente procura na escola, eles estão prontos. E quando eles procuram a gente também, estamos prontos. Então a relação é boa né. A parceria é boa.

11. Como você vê a questão da juventude negra e quilombola?

Triste! Triste! A juventude hoje...se a gente não tiver pulso firme mesmo, a gente nem sai de noite.

Mulher

12. Fale sobre a participação das mulheres e sua importância na construção da história local.

Nós começamos com o grupo Irmandade Bantu, era pra ser crianças, não sei como as mulheres começaram a chegar. Ai formou o grupo de cantoria que resgata as músicas cantadas em senzalas, em canaviais e nas lavouras de café. Então essas músicas que cantamos de louvor a Nossa Senhora do Rosário. Uma foi convidando a outra.

Igreja:

13. Fale sobre a importância do padre José Luiz da Silva na comunidade.

Não soube informar!

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (A) ENTREVISTADO (A)

- **Nome:** Conceição Aparecida Hypólito
- **Idade:** 59 anos
- **Escolaridade:** Curso superior em pedagogia
- **Profissão:** Professora de Educação Infantil
- **Naturalidade:** Ponte Nova (MG)

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Sobre a pessoa (trajetória):

1. Quando que começou a ter contato com a cultura negra?

Quando a gente reunia as meninas aqui (referindo a casa de Rosângela), numa turma de meninas e o pessoal falava que a gente saia em bando, que eram dezoito garotas e a gente gostava muito de sair, eu lembro que tinha no Palmeirense, tinha um domingo dançante...Ai a gente saia pra lá, as dezoito pra dançar, graças a Deus não existia essa violência né?! A gente saia as dezoito meninas pra dançar lá, e lá começou uma gincana, grupo. Nós formamos o nosso grupo e começamos com a gincana. Ai começamos a apresentar lá, tinha que apresentar umas músicas da gincana lá, com Olegário isso. Até que saiu pra gente a música Senegal. Ai nós fomos pesquisar pra poder fazer, nós montamos tipo...nós encenamos a música e daí nós gostamos de passar a estudar: “Ah gente, vamos passar a olhar, trabalhar em cima disso!” Ai foi em 1988, foi a Dodora Costa também veio junto com a gente, gostou de ver a apresentação da gente, nós apresentamos, ganhamos a gincana, a Dodora veio e convidou a gente pra ser Pastoral Afro, a gente fazer parte da Pastoral Afro. E foi assim que começou e daí foi... até surgir o Grupo Afro Ganga Zumba e não parei mais.

2. O que é ser quilombola?

Humm...não sei te dizer o que é ser quilombola pra mim. Acho que é ser igual a Rosângela falou pra mim, a gente viver todo mundo junto aqui. A gente fala que a negada aqui do bairro é ... somos todos parentes! Se você olhar todos são parentes, todos somos irmãos, nós nos consideramos parentes, não tem nada de sangue mas somos parentes de coração, sabe. Acho que isso que é ser quilombola, a essência do quilombo de Fátima é esse.

Comunidade antes do reconhecimento como quilombola:

3. Como a comunidade quilombola de Fátima surgiu e se formou?

Não soube informar!

4. Como era a comunidade nas décadas de 1990 e 2000?

Era bem mais tranquilo que agora né. A gente era bem mais família. As meninas né, a nossa turma cada final de semana a gente fazia uma festinha na casa de uma e da outra pra poder reunir. “Ah esse final de semana é na minha, o outro final de semana é na sua.” Não tinha esse negócio de bebida, era um suco, era um salgadinho, cada um levava um tanto pra gente poder reunir e estava sempre ali. Agora tá muito complicado para os jovens. Eu falei que na nossa época a gente era feliz e não sabia. Não tinha que sair e procurar longe não, na casa da gente mesmo tava a diversão. E era só pra dançar mesmo, a gente saía pra dançar, era curtir ali. Era aquela amizade gostosa, era todo mundo amigo. Se mexia com um, mexia com todo mundo! Mas a briga nossa era de boca, um de lá outro de cá. Ihh muito bom! Era muito pacífico, muito família!

5. Como foi a chegada do Grupo Afro Ganga Zumba na comunidade?

Nossa! Foi uma festa, foi uma maravilha! O bairro aqui né, bairro de Fátima, bairro Sapé, sempre foi muito marginalizado. Com a chegada do Ganga, passou a exaltar o bairro por outro lado. Ai o pessoal começou a ver um bairro diferente, começou a ter uma valorização do bairro. Tudo que acontecia no bairro só coisa ruim, só coisa ruim...veio o Grupo Afro Ganga Zumba e levantou o astral do bairro. Muito bom pra todos!

6. Quem ajudava o grupo?

“A cabeça” mesmo era Pedro Catarino. A Dodora Costa teve com a gente um tempo...Adair Liberato teve um tempo...teve um pessoal de Belo Horizonte. Os governantes na época ajudavam a gente, eu lembro que Sette de Barros ajudou a gente muito, sabe prefeito na época ajudou a gente. Mas o fixo mesmo é a comunidade.

Comunidade após o reconhecimento:

7. Quais foram as mudanças ocorridas na comunidade após o recebimento da certidão de comunidade quilombola?

Olha, o que eu sei de fato e que eu vi na escola que eu fiquei sabendo, que a escola recebeu material didático específico. A escola recebe um tanto de merenda diferenciada pra poder fazer uma comida diferenciada para os alunos. A escola tem direito a ter uma verba diferenciada que quando estive lá a diretora falou que essa verba não chegava. Ela sabia que tinha direito mas chegou lá na Prefeitura e não sabia porque ninguém passava a verba para ela. A única coisa que ela recebeu diferenciada era a merenda, se vai 30% pra nossas escolas, pra ela vinha 50% e merenda diferenciada para fazer, por exemplo, o quiabo, pra fazer as comidas típicas para os meninos, para eles poderem conhecer. E material didático que vinha e nem sempre... quando estiver lá estava empacotado, porque vinha mas quem ia usar? Quem sabia usar? Ninguém sabia... lá veio muitos jogos africanos para os meninos que o pessoal não tinha noção, abria, o que é isso? Então veio e ficou perdido. Então foi essa a mudança que eu soube de fato. Sei que tem outras coisas, igual tem direito de...tem desconto em vestibular, mas não foi nada posto em prática que eu tenha conhecimento.

8. Como a comunidade mantém viva e manifesta a sua memória e ancestralidade?

Ah minha filha, essa casa Ganga Zumba é o nosso santuário! Como se diz, a gente não deixa morrer umas das coisas que não apaga, que não sai nunca, a missa do 20 de novembro. Ela é sagrada! Ela é nossa, ela é daqui! Ela não sai daqui! Ela é do bairro de Fátima né, por ser comunidade quilombola acontece aqui e esse Ganga Zumba está ai: Vivo, presente, não deixa morrer! Não deixa mesmo!!! Quem organiza a missa é o Grupo Afro Ganga Zumba junto com a igreja, os Herdeiros do Banzo. A gente convida outros setores mas quem organiza é o Ganga. O Ganga não deixa morrer. Isso é uma das coisas que a gente tem. E a gente está sempre movimentando alguma coisa na casa pra não deixar morrer. Igual teve a Feijoada, o

Encontro das Cacheadas...A gente sempre está fazendo alguma coisa pra não cair no esquecimento. A gente queria que a casa estivesse funcionando em pleno vapor, igual na época que a gente teve apoio da Petrobrás, teve curso, a casa ficava das 7h00 às 18h00 com cursos de violão, guitarra, é bateria, corte e costura, reforço escolar, pintura, tinha artes cênicas...De segunda a sexta das 7h00 às 20h00 a casa estava aberta, mas isso demanda verba. A gente sempre procura trazer alguma atração, tem a capoeira, graças à Deus a capoeira continua funcionando a pleno vapor...

Escola:

9. Qual a relação de vocês com a escola da comunidade?

A escola a gente tem uma parceira muito grande. A gente tem tudo com ela e ela tem com a gente. Precisa fazer alguma coisa, eles usam o nosso espaço, a gente usa a escola. Às vezes precisa de uma palestra, eles chamam algum membro do Ganga para ir lá falar, se a professora no momento se dispor a chamar, o Ganga vai lá. Sempre que tem uma apresentação, Rosângela mesmo vai, o Herdeiros do Banzo vai lá tocar com o pessoal, sabe?! Os meninos já vieram muito jogar bola aqui no quintal de Rosângela, pra conhecer o quilombo, pra brincar aqui. A nossa relação é muito boa, de parceria mesmo. A Escola Nossa Senhora de Fátima é parceira do Ganga Zumba e vice versa.

10. Como você vê a questão da juventude negra e quilombola?

A juventude já esteve mais engajada. Agora está meio afastada. Está muito afastada! Se tiver um pagode, um baile aparece. A gente tava até falando outro dia em reunião de fazer alguma coisa para atrair mais a juventude pra gente, pra casa Ganga Zumba. O Arlindo falou que vai voltar com as aulas de percussão, Fabiano...porque está afastada, essa relação está meio distante! Esse afastamento se deve à falta de interesse. A gente tem que ter alguma coisa atrativa pra trazer eles, pra puxa-los pra cá. Porque está muito difícil! Muito, muito difícil! A outras atrações que são oferecidas parece que são né...a gente está precisando fazer isso, porque antes tinha as bandas de percussão. Igual quando tinha as bandas de percussão até formou o Grupo Simplicidade. Eles são formados com os meninos da banda do Ganga Zumba, olha que maravilha! Eles eram meninos da banda, saíram e formaram o Grupo Simplicidade, né?! Olha que coisa boa, então agora a gente precisa ter uma outra coisa assim

pra gente poder puxar esses jovens pra nós. Mas a gente ainda está assim: “O que vamos fazer?”

Mulher:

11. Fale sobre a participação das mulheres e sua importância na construção da história local.

As mulheres estão por trás de tudo viu. Como se diz tia Efigênia: “As mulheres são a força, são guerreiras!” Pra você vê, quem começou o Grupo Afro Ganga Zumba? Foi dezoito mulheres (risos). Eram dezoito meninas na idade de dezesseis, as mais velhas dezoito anos. E você vai vendo na história que são as mulheres que puxou. Aqui tem a Rosângela, Efigênia...falei que o único intrometido na história do Ganga é o Pedrinho (risos). Porque se você olhar é Rosângela, Efigênia, é Mamãe Lourdes, é Marta, é Márcia, é Conceição, é Luiza, é Dora, é Rita, é Angélica e você vai olhando são mulheres... e Pedrinho! A força mesmo aqui do quilombo são as mulheres. Elas que são resistentes. Elas continuam resistindo. Muito forte mesmo!

Igreja:

12. Fale sobre a importância do padre José Luiz da Silva na comunidade.

Eu sei que ele dava todo o apoio pra gente, igual uma vez nós fizemos um cortejo afro lá na igreja, ele abriu as portas pra gente, sendo que um pessoal virou a cara pra ele. Mas eu não sei te dizer direito, com mais consistência.

13. Você tem mais algo a dizer?

Olha, depois que eu passei a fazer parte do movimento negro, depois do Ganga Zumba, eu me sentir uma pessoa melhor. Eu me vi melhor, eu conviver melhor com o outro, eu sei que o meu lugar é aonde eu quero ir, tem essa de ninguém impor. E a gente tinha essa, que mamãe Lourdes falava com a gente: “Nossa, que bando de negras metidas! Essas meninas não sabem o lugar delas não! Vocês vão ali gente? O que vocês vão fazer ali? Ali não é lugar de negro não!” Lugar de negro é onde o negro quiser ir. Não tem disso! Ela vivia reclamando e a gente falava com ela. Somos negros, somos gente! Sabe, depois do grupo tive essa consciência

melhor. Eu lido melhor com isso e eu não aceito mais que as pessoas venham falar de mim. Quer me chamar de neguinha, de negona pode me chamar com carinho. Não vem com pejorativo pra mim não, que eu não aceito. Eu sei muito bem me defender se me responder. Se virar e falar com outro eu acho que sou capaz de entrar no meio e falar “o que está acontecendo?” Acho que hoje eu tenho um conhecimento bem maior, sei me posicionar melhor, sei me defender e defender o outro também. Me valorizo mais, valorizo o negro mais, consigo ver a beleza do negro. O negro é muito belo e as vezes as pessoas querem desfazer disso.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (A) ENTREVISTADO (A)

- **Nome:** José Eustáquio dos Santos (Taquinho)
- **Idade:** 61 anos
- **Escolaridade:** Ensino Médio completo
- **Profissão:** Atua na área de educação
- **Naturalidade:** Ponte Nova (MG)

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Sobre a pessoa (trajetória):

1. Fale sobre você.

Pois é, minha vida é aberta (risos) né. Minha vida sempre foi uma vida pública né. Desde pequeno eu sou interessado muito por música. Com onze anos de idade eu já estava fazendo parte da Orquestra 7 de Setembro né, da Banda União 7 de Setembro né. Comecei a minha vida musical com o maestro “França” que é pai de todos os maestros aqui de Ponte Nova na época. Comecei com ele com a idade de onze anos. Fiz parte desta banda, depois comecei a estudar, sou formado pelo Senai em Mecânica Industrial. Trabalhei muitos anos em Mecânica

Industrial e hoje trabalho só na área musical. Sou músico, trabalho em escola, no CRAS. Trabalhei no PET – Música de Piedade, no PET de Oratórios. Hoje atuo na Fundação Menino Jesus e no Centro Pastoral.

2. Quando que começou a ter contato com a cultura negra?

Olha, o momento mais forte do contato foi quando nós, Rosângela né, fundou junto com minhas irmãs, nossas primas o Ganga Zumba né, que foi montado aqui no quintal de casa. A partir deste momento, é que a gente começou a dar um foco maior dentro da nossa ancestralidade.

3. O que é ser quilombola?

Olha, pra mim é uma honra ser quilombola porque é uma luta, essa remanescência nossa aqui tem uma cultura muito elevada, e que pouca gente ainda sabe dessa cultura que tem dentro do remanescente de quilombo. Tem muita coisa! E nós através, por exemplo, do Irmandade Bantu a gente tem recolhido muitas coisas antigas né, muitas músicas. A gente tem levado a outros locais, a outras cidades. Essa cultura nossa é muito rica mesmo! A gente aos poucos vai resgatando muita coisa que era dos nossos quilombolas.

Comunidade antes do reconhecimento como quilombola:

4. Como a comunidade quilombola de Fátima surgiu e se formou?

Olha só pela a minha idade eu sei muito pouco. Eu lembro que o pessoal aqui era mais de lavoura de café, de cana, entendeu?! Então assim, bem característico do pessoal quilombola mesmo. E o que eu vejo falar é que o pessoal fazia bailes né, fazia pagodes, tinha o congado, tinha tudo né... os terreiros...então essas características ainda é um legado nosso da comunidade aqui. Escola de samba...

5. Como era a comunidade nas décadas de 1990 e 2000?

Daí pra cá a gente começou a valorizar mesmo o povo negro, a nossa negritude, nós começamos a dar valor a nossa negritude. Os cabelos crespos, tudo assim, a gente começou a dar esse valor porque a gente começou a estudar a fundo nossa ancestralidade, nossas origens.

Ai que nós começamos a valorizar, ai já tinha o Ganga Zumba, veio os Herdeiros do Banzo, Irmandade Bantu, já tinha o Congado Nossa Senhora do Rosário... Então assim, a gente já foi dando mais valor a isso e hoje a gente já tem grupo aqui que fazem até palestras sobre a negritude.

6. Como foi a chegada do Grupo Afro Ganga Zumba na comunidade?

Olha, foi muito bem aceito! O grupo começou fazendo uma gincana no Palmeireense. Ai o pessoal resolveu a montar um grupo aqui em cima de dança afro e através deste concurso, foi tão bem aceito, foi um espetáculo à parte, ai o pessoal resolveu continuar. Ai nasceu o Ganga Zumba que era só dança na época. Hoje o Ganga Zumba tem musicalização, já tem reforço escolar, pré-vestibular, tudo, tudo...

7. Quem ajudava o grupo?

A própria comunidade ajudava. Hoje já tem, mesmo os recursos públicos sendo poucos, tem ainda os benefícios. O trabalho é todo voluntariado.

Comunidade após o reconhecimento:

8. Quais foram as mudanças ocorridas na comunidade após o recebimento da certidão de comunidade quilombola?

Olha, as mudanças são essas ai né, de valorizar esse reconhecimento como quilombola e valorizar a negritude mesmo. Então as crianças, a autoestima delas começa a melhorar, porque mesmo com todo o preconceito que existe ainda na nossa Ponte Nova, no nosso Brasil no geral, a nossa negritude hoje está se valorizando. Hoje no nosso bairro, por exemplo, nós temos professores, nós temos engenheiros, nós temos advogados, todos eles negros né. Então esse reconhecimento veio a fortificar o negro no contexto geral né.

9. Como a comunidade mantém viva e manifesta a sua memória e ancestralidade?

Através do próprio Grupo Afro Ganga Zumba e de pessoas mais antigas. No nosso grupo, por exemplo, a gente faz muita pesquisa com os cantos, no caso da Irmandade Bantu. Os cantos que eram cantados em senzalas, em dialetos, tudo isso a gente faz um resgate conversando

com pessoas mais antigas, com oitenta anos e até com mais de oitenta anos. A gente conversa com essas pessoas e algumas relembram essas canções. A gente pega e grava aquilo, transcreve e traz para o grupo pra gente cantar, é um resgate né. Isso não acha em livro, nada! O que o pessoal há mais de cem anos pudesse fazer pra suprimir o conhecimento negro, da negritude, fizeram, estragaram, esconderam, queimaram muitos documentos da época. Então a gente vai pela memória do pessoal mais antigo mesmo e começa a resgatar as cantigas, as brincadeiras...

Escola:

10. Qual a relação de vocês com a escola da comunidade?

Tem uma relação muito boa. Quando a escola necessita da gente, eles nos procuram muito nos meses assim específicos né. Por exemplo, agora em novembro costuma a gente tá lá uns três a quatro dias da semana da consciência negra, a gente vai lá, faz a apresentação, conversa com a garotada a respeito da negritude, das músicas que a gente canta...tudo isso acontece mais no mês de novembro. A gente participa não só na escola da comunidade, como a gente vai pra outras escolas também. Já fomos para Acaiaca, pra outros lugares como Viçosa...

11. Como você vê a questão da juventude negra e quilombola?

Olha, certas pessoas aqui ainda não conhece a história do negro, ainda são relutantes.

Você pergunta: “Que cor você é?”

-Há eu sou cor de café com leite...

Mas justamente pelo fato de não conhecer a cultura da negritude. Mas por felicidade, é pouca gente que está nessa fase de conhecimento da cultura. Mas já teve um avanço bem expressivo dentro do conhecimento afro (“Eu sou negro, eu sou negro mesmo”). É valorizar a sua raça, a sua etnia né.

Mulher

12. Fale sobre a participação das mulheres e sua importância na construção da história local.

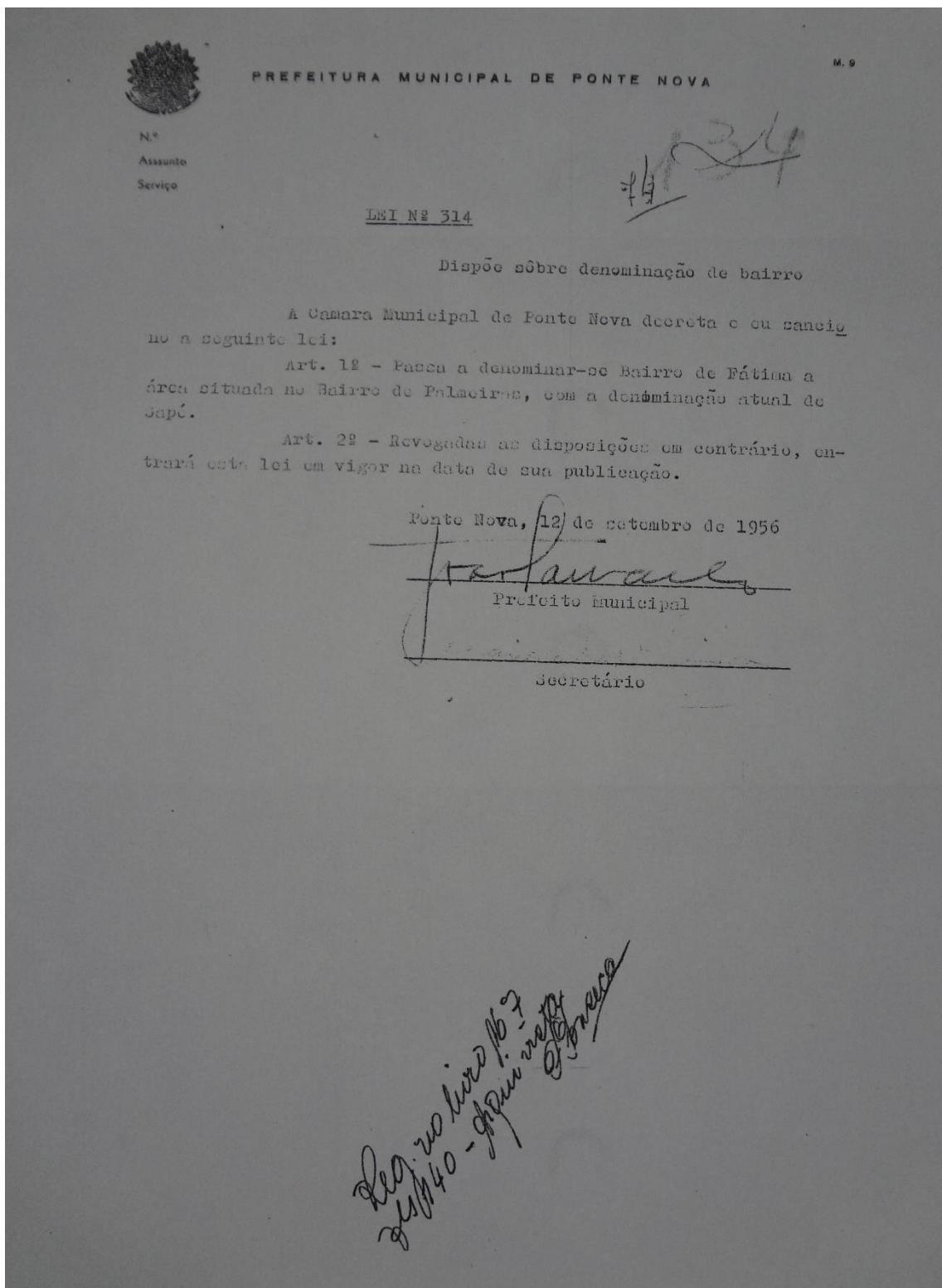
Olha a participação das mulheres é fora do sério! Ela é maior que a dos homens. As mulheres são extremamente participativas. Nós temos um grupo percussivo, a maioria é mulheres. Elas tocam tambores, pandeiros, tocam caixas, cantam. Tocam, cantam e dançam...a maioria é mulheres.

Igreja:

13. Fale sobre a importância do padre José Luiz da Silva na comunidade.

Olha, além dele ser também negro né, ele sempre contava pra mim que o avô dele foi escravo, então a adesão dele com o grupo foi extremamente fácil. Ele participou com a gente do Irmandade Bantu durante o tempo que teve aqui em Ponte Nova, participou assiduamente. E de vez em quando, ele convida para o reinado do congo lá em Lafaiete. Nós já fomos lá três vezes a convite dele e assim, sempre a gente tá em contato. (...) Por incrível que pareça o novo pároco aqui da igreja São Pedro também aderiu muito o grupo. Ele adora o grupo!

ANEXO I – CERTIDÃO DE MUDANÇA DE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOURO



ANEXO II – CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

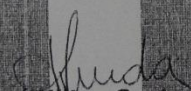
2ª VIA

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção n.º 169, ratificada pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação n.º 01420.000806/2007-02 **CERTIFICOU** que a **COMUNIDADE DE BAIRRO DE FÁTIMA**, localizada no município de Ponte Nova/MG, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 010, Registro n.º 969, fl. 034, em 19 de abril de 2007 – Publicada no Diário Oficial da União em 16 de maio de 2007, Seção 1, n.º 28 – folha 15, devidamente assinada na época pela Presidenta – Substituta da Presidente da Fundação Cultural Palmares, Maria Bernadete Lopes da Silva, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43 de 04 de março de 2004, Seção 1, fl. 07, **SE AUTODEFINIU COMO REMANESCENTE DE QUILOMBO**.

O referido é verdade e dou fé.

Brasília, 16 de abril de 2015.


José Hilton Santos Almeida
Presidente
Fundação Cultural Palmares - FCP